Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

CAROLINA DA COSTA DE CARVALHO

ENTRE O CONSULTÓRIO E O CONFESSIONÁRIO: AS LEITURAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO A PSICANÁLISE E O CATOLICISMO (DÉCADA DE 1950)

Rio de Janeiro
2019

CAROLINA DA COSTA DE CARVALHO

ENTRE O CONSULTÓRIO E O CONFESSIONÁRIO: AS LEITURAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO A PSICANÁLISE E O CATOLICISMO (DÉCADA DE 1950)

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof. Dra. Kaori Kodama

Rio de Janeiro
2019

CAROLINA DA COSTA DE CARVALHO

ENTRE O CONSULTÓRIO E O CONFESSIONÁRIO: AS LEITURAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO A PSICANÁLISE E O CATOLICISMO (DÉCADA DE 1950)

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dra. Kaori Kodama (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) – Orientadora

---

Prof.ª Dra. Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais)

Suplentes

Prof. Dr. Rômulo de Paula Andrade (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz)

Prof.ª Dra. Andréa Casa Nova Maia (Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro
2019

C331e Carvalho, Carolina da Costa de.

Entre o consultório e o confessionário : as leituras da educação sexual segundo a psicanálise e o Catolicismo (década de 1950) / Carolina da Costa de Carvalho. – Rio de Janeiro : s.n., 2019.
131 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.
Bibliografia: 108-116f.

1. Religião e Ciência. 2. Aconselhamento Sexual. 3. Assistência Religiosa. 4. História do Século XX. 5. Brasil.

CDD 201.65

A meus pais, José Carlos e Conceição, e a minha irmã, Gabi.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho acadêmico, embora solitário em muitos momentos, nunca é individual e certamente eu não teria alcançado esse resultado final sem a colaboração, paciência e ajuda de várias pessoas.

A Kaori, pela orientação tão atenciosa e por todas as sugestões, críticas e conversas que me fizeram amadurecer nesse universo tão novo e desafiador que é a história das ciências. Muito obrigada por tudo, principalmente nessa reta final de tantas dúvidas.

A Cristiana, por ter me ensinado tanto desde o PIBIC e agora também fazer parte dessa caminhada da minha formação, e ao Bernardo, pelas contribuições tão ricas que me fizeram refletir e amadurecer as questões que pretendia desenvolver na dissertação. Obrigada por participarem da qualificação e agora também da banca.

A minha família, a quem dedico esse trabalho. Obrigada por todo apoio, pelas orações e pelas palavras de incentivo quando tudo parecia desmoronar.

Ao Guilherme, pelo amor e pelas leituras críticas.

Aos amigos, que nem sempre entendiam as ausências, mas torciam para que tudo desse certo, em especial aqueles que acompanharam mais de perto essa jornada: Rhaiane, pelas palavras tão amigas e desabafos mútuos, Eliza, por ter me ensinado tanto de francês durante esse período, e Zé Roberto, por nossa longa parceria desde nosso primeiro estágio no Arquivo Nacional, lá em 2012, depois na iniciação científica e agora aqui, nos tornando mestres!

A toda turma 2017.1, por ser tão descontraída mesmo nos momentos de desespero coletivo e pelos lanches e cafés partilhados nos intervalos das aulas. A todos os professores do PPGHCS com quem tive o prazer de cursar disciplinas e aprender tanto: André Felipe, Lorelai, Rômulo, Dominichi, Gabriel e, em especial, a professora Simone, por trazer algumas referências bibliográficas dos Estados Unidos.

A Casa de Oswaldo Cruz, por ser um espaço institucional tão importante e me proporcionar tantas aprendizagens. Tenho muito orgulho de ter começado minha trajetória acadêmica aqui, desde a iniciação científica, e concluir mais uma etapa da minha formação nesta instituição.

A Deus, princípio e fim de todas as coisas.

RESUMO

A dissertação trata da educação sexual na década de 1950, com o objetivo de compreender as disputas e ambiguidades entre psicanálise e catolicismo na divulgação de seus respectivos modelos de educação sexual para leigos. A hipótese que orienta o trabalho é a de que o debate entre psicanalistas e católicos em torno da educação sexual é um exemplo das complexidades que caracterizam as relações entre ciência e religião. Embora disputassem diretamente por autoridade na "cura das almas", psicanalistas e católicos compartilhavam da mesma estratégia de popularização da educação sexual para os leigos: a divulgação literária na imprensa, com especial destaque para as seções de correspondência com os leitores publicadas nas revistas ilustradas *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* e nos impressos católicos *Lar Católico* e *Família Cristã*. Tais seções atuavam como consultório ou confessionário em revista e possibilitaram identificar não apenas os personagens que desempenhavam o papel de *intelectuais mediadores*, isto é, produtores e divulgadores de conhecimento para um público não especializado, bem como as audiências para quem tais mediadores se endereçavam e os assuntos abordados pela educação sexual. A leitura se destacava entre os conselhos dados enquanto uma terapêutica eficaz na prevenção e correção de comportamentos sexuais desviantes, para os psicanalistas, e na preparação para o casamento, para os católicos. Ainda que idealizasse um público leitor ideal, a indicação de livros sobre educação sexual tinha como principal critério as especificidades dos casos relatados pelos leigos em suas correspondências, o que permitiu acessar os sentidos práticos atribuídos à leitura e as interseções mútuas entre as propostas da psicanálise e do catolicismo.

Palavras-chave: educação sexual; psicanálise; catolicismo; imprensa, leitura.

ABSTRACT

The present thesis deals with sexual education in the 50's, with the purpose of understanding competitions and ambiguities between Psychoanalysis and Catholicism upon the dissemination of their respective models of sexual education for laypeople. The present work is oriented by the hypothesis that the debate between psychoanalysts and Catholics about sexual education is an example of the complexities that portray the relations between Science and Religion. Although directly competing over authority in the "cure of souls", psychoanalysts and Catholics shared the same strategy in popularization of sexual education for laypeople: literary dissemination on press, with special emphasis in readers mail sections featured in *Seleções Sexuais* and *Ciência & Sexualidade* illustrated magazines, and in *Lar Católico* and *Família Cristã* printed matters. Such sections acted as a doctor's office or confessional in magazines and allowed to identify not only the characters playing the role of *intelectual mediators*, that is, producers and promoters of knowledge for a non-specialized public, as well as the audiences to whom such mediators addressed to and the subjects approached by sexual education. Such reading material standed out among pieces of advice given as effective therapeutics in prevention and correction of deviant sexual behaviors, for psychoanalysts, and in preparation for marriage, for Catholics. Although conceiving an ideal reading public, the main criterion of recommendation of books about sexual orientation was the particularities of cases related by laypeople in their letters, which allowed accessing the practical meanings assigned to the reading material and mutual intersections between Psychoanalysis and Catholicism propositions.

Key-words: sexual orientation; Psychoanalysis; Catholicism; press; reading.

LISTA DE SIGLAS

C&S – *Ciência & Sexualidade*

CBES – Círculo Brasileiro de Educação Sexual

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

FC – *Família Cristã*

IPA – *International Psychoanalytical Association*

LBHM – Liga Brasileira de Higiene Mental

LC – *Lar Católico*

SS – *Seleções Sexuais*

SUMÁRIO

Introdução.....1

Capítulo 1. A educação sexual nos “anos dourados”: a questão da leitura.....10

1.1. Algumas considerações históricas sobre a década de 1950.....11

1.2. Os tempos áureos dos meios de comunicação de massa: os livros e a imprensa como suportes de divulgação da educação sexual.....13

1.3. O consultório e o confessionário: psicanalistas e católicos na imprensa.....18

1.3.1. As revistas ilustradas: *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*.....23

1.3.2. A imprensa católica: *Lar Católico* e *Família* Cristã.....30

1.3.3. A confissão nas seções de correspondência e os sentidos atribuídos à leitura.....37

Capítulo 2. A educação sexual no consultório da psicanálise.....44

2.1. O consultório e os embates da psicanálise com a religião.....44

2.2. A psicanálise enquanto uma ciência popular.....50

2.3. A educação sexual à luz da psicanálise.....57

Capítulo 3. A educação sexual no confessionário católico.....71

3.1. O confessionário e a crítica da religião à psicanálise.....71

3.2. A Igreja Católica reformista e o papel dos leigos no apostolado católico.....75

3.3. A educação sexual segundo a moral católica.....81

Considerações finais.....104

Referências bibliográficas.....108

Apêndices.....117

Anexos.....128

Introdução

Em 1940, o psicanalista carioca Gastão Pereira da Silva, importante divulgador da psicanálise para leigos, publicou na revista literária *Dom Casmurro* um artigo intitulado "Um aspecto religioso da psicanálise".[1] Nele, o autor apresentava algumas considerações que pretendia aprofundar em um livro sobre "escritores e cientistas religiosos que, nestes últimos tempos, vêm se dedicando à doutrina de Freud", a fim de demonstrar as possibilidades de conciliação entre ciência e religião. Como exemplo do diálogo entre fé e psicanálise, mencionava a longa amizade entre Freud e Oskar Pfister, um pastor luterano que se destacou como "um dos discípulos mais diletos de Freud" e o principal interlocutor do pai da psicanálise nos assuntos relacionados à religião.

Gastão citava ainda uma iniciativa brasileira que reforçava sua intenção de "desmentir a ideia de que a psicanálise é incompatível com a religião": a publicação do livro *A educação sexual (para pais e educadores)*, escrito pelo monsenhor Álvaro Negromonte e editado pela José Olympio em 1939. Gastão elogiava o pioneirismo de um sacerdote ao abordar de forma tão positiva a educação sexual, afirmando que "as páginas do livro do padre Negromonte" estavam "cheias de ensinamentos psicanalíticos", ainda que ele não se declarasse "abertamente adepto da doutrina de Freud". Ao apresentar algumas passagens em que o padre ressaltava a necessidade de tratar das "cousas sexuais" com a mesma importância que as demais, a fim de não "despertar malícias e aguçar a curiosidade, prejudicando os interesses da educação"[2], o psicanalista concluía que se a Igreja Católica não condenava a "verdadeira educação sexual", também não poderia condenar a psicanálise, pois "a psicanálise é apenas isto: *educação sexual*", cuja finalidade era educar os instintos sexuais para combater recalques, complexos e nevroses.[3]

O esforço em aproximar psicanálise e religião a partir da amizade entre Freud e Pfister e das semelhanças com a proposta dos católicos sobre a educação sexual não excluía, no entanto, as tensões entre ciência e fé. Gastão também denunciava em seu texto que, no Brasil, a psicanálise era "muito mal interpretada pelo público religioso" e sofria agressões por parte dos católicos, "não havendo, mesmo, nenhum católico

[1] SILVA, Gastão Pereira da. Um aspecto religioso da psicanálise. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, ano III, n. 134, 20 jan. 1940, p. 7.
[2] NEGROMONTE, mons. Álvaro. *A educação sexual (para pais e educadores)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, p. 81.
[3] *Ibidem*, grifo do autor.

fervoroso ou praticante que admitisse ler Freud". Embora destacasse que a confissão se apresentava para ambos como um método importante para a "cura das almas", esclarecia uma diferença básica entre a confissão católica e a confissão psicanalítica: enquanto os padres davam uma penitência após a confissão dos pecados, os psicanalistas contentavam-se com "o desabafo, com a confidência, no mais absoluto estado de sinceridade, cujo mecanismo desoprime a alma e liberta os recalques". A confissão era apontada por Gastão Pereira da Silva como "um dos muitos aspectos da psicanálise no terreno do catolicismo", ainda que os católicos não compartilhassem da mesma opinião.[4]

Embora esclarecesse que não desejava "trazer a brasa para sua sardinha", suas referências a uma autoridade religiosa indicam (ou ao menos provocam a refletir) que as fronteiras entre ciência e religião não eram tão rígidas no que dizia respeito à educação sexual. Apesar das disputas claras por legitimação enquanto autoridades a quem os leigos deveriam recorrer na busca por ajuda e instrução nos assuntos do amor e do sexo, o artigo assinado por Gastão também sinalizava uma projeção em comum de psicanalistas e católicos sobre a educação sexual. Tanto o referido psicanalista quanto o padre Negromonte acusavam a educação então vigente de ignorar o instinto sexual e alertavam sobre os riscos que o silêncio sobre o assunto ou que as más instruções poderiam causar. Para ambos, a educação sexual deveria fazer parte de uma formação integral dos indivíduos e abordar os instintos sexuais com a mesma atenção que as demais funções do corpo, e não de maneira isolada, visando reafirmar a finalidade do sexo para o casamento e a reprodução.

A obra em que Gastão pretendia desenvolver essas discussões mais amplas sobre o aspecto religioso da psicanálise não chegou a ser publicada, mas suas considerações sobre a educação sexual enquanto expressão de um diálogo entre psicanálise e religião contribuíram para circunscrever o objeto da dissertação: a educação sexual nas fronteiras entre psicanálise e catolicismo. Sem ignorar os conflitos e as disputas existentes entre tais campos, a questão que orienta esta pesquisa é a de que os modelos de educação sexual propostos por psicanalistas e católicos (padres ou leigos) não eram totalmente antagônicos, mas sim marcados por relativas aproximações em alguns aspectos, como a reafirmação do casamento e da reprodução como única finalidade do sexo e a valorização da leitura na instrução sexual dos leigos.

[4] SILVA. Um aspecto religioso da psicanálise. *op.cit.*

Em diálogo com uma produção historiográfica que revisita as tensões entre religião e ciência e ressalta as particularidades históricas e culturais em torno desses conceitos, a dissertação buscou investigar em que medida o caso aqui analisado constitui um exemplo concreto que permite refutar o "mito do conflito" e atestar a "tese da complexidade"[5] que ressalta os diferentes matizes que caracterizam as relações entre cientistas e religiosos e desessencializa as próprias categorias *religião* e *ciência*, até então compreendidas como universais e imutáveis. Segundo Peter Harrison[6], compreender tais categorias enquanto conceitos estáticos e ignorar as transformações de sentido atribuídas a essas categorias vai muito além do anacronismo, pois compromete o próprio entendimento dos conceitos e das relações históricas entre ciência e religião.

A psicanálise é aqui considerada como representante da ciência, tendo em vista que buscava se legitimar enquanto uma especialidade científica e recém-institucionalizada no país, capaz de prevenir e tratar os desarranjos sexuais e familiares dos indivíduos. Ainda assim, as iniciativas relacionadas à educação sexual que visavam alcançar audiências mais amplas, com destaque para a atuação de Gastão Pereira da Silva na imprensa, relacionavam-se com a intenção de popularizar a psicanálise como terapia e atuavam à margem da comunidade médico-psiquiátrica brasileira, mais interessada nas contribuições da psicanálise ao tratamento dos pacientes internados nos asilos psiquiátricos. De outro lado, o catolicismo gradualmente passava a demonstrar uma preocupação com o crescimento de explicações não religiosas sobre os assuntos sexuais que se tornavam cada vez mais acessíveis aos leigos graças aos avanços e às transformações materiais nos meios de comunicação de massa. A educação sexual mobilizou padres e leigos engajados com a formação dos católicos, que alertavam para os perigos que o silêncio e a facilidade de acesso a livros "pornográficos" que se anunciavam como científicos poderiam causar aos leigos. Isso incluía também em uma crítica aos próprios católicos, sobretudo os mais conservadores que continuavam a considerar o silêncio a melhor forma de lidar com a educação sexual.[7]

O recorte temporal da pesquisa abrange a década de 1950, período marcado pela consolidação da cultura de massa e da sociedade de consumo, que caracterizavam os "anos dourados" brasileiros. As transformações gráficas do parque industrial durante o

[5] O conceito está presente em vários trabalhos sobre religião e ciência, dentre os quais destacamos WELTON, Stephen. "Science and religion". *In* FERNGREN, Gary B. (org.). *Science and religion: a historical introduction*. 2ª ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017. pp. 3-21.
[6] HARRISON, Peter. *Os territórios da ciência e da religião*. Viçosa: Ultimato, 2017. pp. 19-21.
[7] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, p. 21.

período contribuíram para um crescimento ainda mais expressivo da publicação de livros, mas é na imprensa que encontramos de forma mais clara as estratégias de circulação dessa produção bibliográfica para um público amplo e não especializado, uma vez que jornais e revistas foram ainda mais beneficiados pela modernização das técnicas de impressão. A imprensa também nos informa sobre as mudanças sociais, políticas e culturais do período com as quais o debate sobre a educação sexual se relaciona, a exemplo da reafirmação dos papéis sexuais tradicionais do homem e da mulher no casamento e da família como responsável pela educação dos filhos, além da censura às publicações consideradas imorais e pornográficas. Psicanalistas e católicos se destacavam entre os muitos grupos mobilizados com a questão sexual no Brasil desde o início do século XX, e a primeira metade do século se caracteriza por uma produção bibliográfica expressiva voltada para a divulgação da educação sexual[8]. Para ambos os grupos, a imprensa desempenhava um papel importante na divulgação literária das publicações sobre educação sexual e outros temas.

As fontes aqui analisadas se dividem em dois grupos: revistas ilustradas *Seleções Sexuais* (1952-1957) e *Ciência & Sexualidade* (1953-1957), que tinham como objetivo promover uma educação sexual científica e superar os preconceitos e tabus relacionados ao sexo, e os impressos católicos *Lar Católico* (1912-1986) e *Família Cristã* (1934-), onde a educação sexual era abordada mais vinculada à doutrina católica e ao casamento. Apesar das diferenças de público-alvo e dos objetivos propostos, todos esses impressos compartilhavam de uma mesma estratégia discursiva de divulgação literária de publicações sobre educação sexual: as seções de correspondência com os leitores. Tais espaços se destacavam por uma dinâmica muito particular que permitem identificar questões relacionadas à produção dessas publicações, como: quem eram os agentes envolvidos na produção e circulação dos livros sobre educação sexual, a censura como parte dos critérios de sugestão literária.[9]

A leitura se destacava entre os muitos temas abordados pela educação sexual promovida nas revistas e como principal conselho dado por psicanalistas e católicos a seus consulentes. Portanto, será o foco da dissertação e algumas considerações teóricas advindas da história da leitura se fazem necessárias a fim de compreender as *práticas de leitura* que orientam a indicação literária para os leigos. Em diálogo com as

[8] RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. "Momentos históricos da educação sexual no Brasil". *In* _____. (org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. pp. 15-26.
[9] HADDAD, Thomas. Diálogos entre a história da ciência e a história do livro: considerações preliminares. *Circumscribere*, n. 15, 2015, pp. 1-7.

considerações de Roger Chartier[10], compreendemos que as práticas de leitura estavam diretamente relacionadas com a formação de novos modelos de comportamento e de condutas culturais situados nas fronteiras entre o público e o privado. Tanto na imprensa católica como nas revistas ilustradas sobre o sexo, a leitura se apresentava como um antídoto à ignorância nos assuntos sexuais e era mobilizada como um hábito necessário à correção de certas práticas sexuais diagnosticadas como desviantes, como a masturbação e a homossexualidade, e à conformação de condutas sexuais normais que tinha como padrão o casamento e sua finalidade reprodutiva.

As reflexões de Chartier[11] sobre os *protocolos de leitura* também contribuem para refletir sobre a dinâmica particular através da qual ocorria a recomendação literária sobre educação sexual nas revistas, ao enfatizar as condições materiais dos suportes impressos e a possibilidade de compreender através desses aspectos tanto as relações entre autor e leitor quanto às relações entre produção e circulação dos textos. A produção de textos inscreve códigos implícitos e explícitos que direcionam uma "leitura correta" das obras, em que tanto a disposição dos elementos textuais e iconográficos quanto a qualidade da impressão e os preços de publicação são aspectos que traduzem não apenas as intenções do autor, mas também os interesses editoriais e indicam as "maneiras populares de ler" e o público a ser alcançado – ainda que nem sempre ele corresponda àquele originalmente idealizado.[12] No caso das revistas que abordavam a educação sexual, as seções de correspondência com os leitores permitem identificar quem era o leitor ideal dos livros, bem como os sentidos atribuídos à leitura pelos intelectuais mediadores que assinavam as seções. Do mesmo modo, também nos informam sobre a circulação dessas leituras uma vez que o aconselhamento em revista consistia não apenas em recomendar as leituras avaliadas como adequadas, mas também atuavam na propaganda literária dos livros, pois alguns destes mediadores também eram autores de livros. Em suma, consideramos os consultórios e confessionários em revista como um protocolo de leitura, uma vez que a indicação de livros sobre educação sexual ocorria de forma direta e individual, atenta aos assuntos e às especificidades dos casos relatados pelos leigos em suas cartas. A partir dessas confissões tão íntimas dos consulentes, os mediadores aproveitavam não apenas para prescrever as leituras

[10] CHARTIER, Roger. "As práticas de escrita". *In* _____. (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 113-162.
[11] CHARTIER, Roger. "Do livro à leitura". In: _____. (org.). *Práticas da leitura*. 5ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, pp. 77-105.
[12] *Ibidem*, pp. 96-99.

consideradas adequadas a cada situação específica, mas também corrigir o que era considerado "vício" ou "imoral" e atuar na conformação de comportamentos e hábitos sexuais.

Essa dinâmica também nos trazem pistas sobre o que os leitores tinham interesse quando escreviam para as revistas em busca de opinião sobre títulos específicos que pretendiam ler. A opinião quase sempre negativa dos mediadores sobre essas leituras ressalta outra dimensão importante das práticas de leitura sobre educação sexual: a censura. Nesse aspecto, nos apoiamos em Michel Foucault[13], que estabelece uma relação intrínseca entre a censura e o surgimento da autoria nos textos: "os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores [...] na medida em que o autor podia ser punido, ou seja, na medida em que os discursos podiam ser transgressores".[14] Ao traçar uma genealogia da "função-autor", Foucault atribui a censura aos autores ao advento da cultura impressa, marcada por formas moderna de produção dos textos, a exemplo da instauração de um regime de propriedade dos textos, das relações entre autores e editores, das regras sobre os direitos do autor e de reprodução.

Suas considerações sobre a relação entre censura e publicação impressa nos ajuda a ponderar o papel das revistas na condenação da leitura sobre educação sexual. Os conselheiros que assinavam as seções de correspondência com os leitores se utilizavam da autoridade que possuíam junto a seus consulentes para condenar certas publicações com a mesma ênfase com que recomendavam outras leituras. Não só títulos específicos eram condenados, como também autores inteiros. Compreendemos que a censura a certas publicações sobre educação sexual compõe as práticas de leitura idealizada pelos mediadores, tendo em vista que era tão importante na avaliação das leituras quanto a recomendação de livros indicados como adequados e saudáveis. A imprensa assumia uma função importante na conformação de novos hábitos e isso também se reproduzia no caso da leitura. Tanto psicanalistas quanto católicos que assinavam as seções de correspondência esclareciam seus leitores sobre a importância em saber escolher bem as leituras, mas os critérios utilizados na avaliação da leitura também incluíam uma preocupação com o que não deveria ser lido pelos leigos, principalmente para os católicos. Embora a censura apelasse para os riscos e perigos de uma literatura sexual acusada de pornográfica e imoral amplamente divulgada na

[13] FOUCAULT, Michel. "O que é um autor?". *In* _____. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema.* vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. pp. 264-298.
[14] *Ibidem*, pp. 274-275.

imprensa, esses mesmos meios comunicativos também era considerados necessários para disputar com tais explicações não religiosas sobre o assunto através da divulgação do que considerava a "boa leitura".[15] As tensões em torno da leitura se tornavam ainda mais evidentes quanto à opinião dos católicos sobre livros científicos, acusados de abordar o assunto estritamente do ponto de vista científico e ignorar a dimensão moral, isto é, espiritual da relação sexual. Tais publicações não deveriam ser lidas, ou ainda, só eram admitidas "para fins de estudos" e para a leitura por "pessoas de critério", de modo que os leitores pudessem filtrar o que não era compatível com a doutrina cristã.[16]

A indicação da leitura estava relacionada à instrução dos leigos e permitem identificar certas convergências entre o que os psicanalistas e os católicos mobilizados com a questão sexual compreendiam como educação sexual: a reafirmação do casamento como única manifestação *normal* da sexualidade e da família como principal agente da educação sexual dos filhos. Se de um lado, é possível identificar uma dimensão moral do sexo nos pressupostos científicos da psicanálise, como o diagnóstico de que o ato sexual dissociado da reprodução constituía uma "perversão sexual" a ser corrigida, de outro, a incorporação de ideias científicas na pedagogia católica significava uma virada discursiva importante e uma resposta ao avanço de explicações seculares para os problemas íntimos e conjugais que ameaçavam a saúde dos indivíduos e, principalmente, a família, em um contexto histórico onde esses papéis sociais sofriam instabilidades. A garantia da felicidade do lar passava pela harmonia na intimidade conjugal e, portanto, era de extrema importância instruir moças e rapazes que estavam em fase de preparação para o casamento, assim como mulheres e homens já casados como forma de prevenir a união conjugal contra as ameaças do divórcio e do adultério.

Mas também observamos algumas diferenças e atribuições de sentido entre os psicanalistas e os católicos. Para Gastão Pereira da Silva, que assinava a seção "Confidências" em *Seleções Sexuais* e cujas respostas eram complementadas em "Consultório (clínica sexual)" de *Ciência & Sexualidade*, a homossexualidade, a masturbação e outras perversões sexuais eram os principais casos nos quais o hábito de "ler bons livros de educação sexual"[17] era prescrito como auxiliar ao tratamento psicanalítico, tal como em uma receita médica. Ressaltava a seus consulentes que, sem a educação da vontade, a psicanálise não poderia ajudar na cura dessas desordens. A

[15] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, pp. 12-13.
[16] Confie-me seu problema. *FC*, mar. 1956, p. 4.
[17] Confidências. *SS*, n. 7, 1952, p. 60.

virgindade e a frigidez também eram assuntos que demandavam uma boa instrução, tendo em vista que muitas mulheres se tornavam frias por uma má iniciação sexual, atribuída a ignorância e a brutalidade com que eram tratadas pelos homens, que também deveriam ser instruídos no assunto.

Já para Maria Madalena Ribeiro de Oliveira e o padre Videns, que assinavam as seções de correspondência com os leitores nos impressos católicos, a educação sexual deveria ser realizada com a mesma seriedade que a preparação para a Primeira Comunhão, principalmente no caso das moças, cuja responsabilidade no casamento estava diretamente relacionada à educação dos filhos. Aqui a educação visava preparar para o casamento e, portanto, também incorporava preceitos científicos de modo a reafirmar as diferenças sexuais não apenas segundo a Criação divina, mas também segundo a biologia e a psicologia. Isso pode ser considerado uma resposta às mudanças nos papéis sociais de homens e mulheres, uma vez que os livros indicados aos fiéis católicos, mesmo aqueles escritos por médicos e outros especialistas, buscavam reforçar as características particulares do homem e da mulher, o que implicava em edições distintas e adequadas à psicologia e ao temperamento de cada um.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No capítulo 1, apresentamos o cenário histórico que marca o recorte temporal da década de 1950, os "anos dourados" brasileiros, como a importância da cultura de massa, em especial, a imprensa para refletir sobre as transformações sociais e culturais que se relacionam de forma mais ampla com o debate sobre a educação sexual, como a reafirmação dos papéis sociais de gênero conservadores, porém revestidos de "modernos", e a valorização da família. Também desenvolvemos de que maneira psicanalistas e católicos se destacavam entre os grupos mobilizados com a questão sexual e como utilizavam a imprensa em suas propostas de educação através das revistas ilustradas *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* e dos impressos católicos *Lar Católico* e *Família Cristã*. A mediação direta com seus respectivos públicos-alvo se dava através de seções que incentivavam a participação dos leitores e que assumiam a condição de consultório ou confessionário em revista. Aqui a leitura se destacava como um elemento fundamental à educação sexual realizada nesses espaços.

No capítulo 2, desenvolvemos sobre a proposta da psicanálise de educação sexual, considerando os embates mais amplos com os católicos e como a educação sexual era um dos campos nos quais a psicanálise buscava se legitimar durante o processo de recepção no Brasil, com especial destaque para a popularização para leigos

como forma de consolidar esse tipo de terapia. Além da valorização da leitura como recurso terapêutico, o modelo de educação apresentado em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* revela alguns pontos em comum com os católicos, como a valorização do casamento como padrão de uma sexualidade normal, a finalidade reprodutiva do sexo e a preocupação com a leitura como instrumento mais adequado de formação dos leigos.

Por fim, o capítulo 3 trata da educação sexual segundo os católicos. Aqui analisamos os aspectos que caracterizam a década de 1950 como um período importante de transição da postura da Igreja Católica em relação à psicanálise e ao silêncio que até então predominava na forma de tratar os assuntos sexuais. Além da abertura oficial à psicanálise durante o papado de Pio XII, a Igreja Católica no Brasil também passou por rearranjos importantes, diante da crescente preocupação em alcançar os fiéis através do apostolado laico. A educação sexual católica visava instruir rapazes e moças para o casamento e para a educação dos filhos. A preocupação com a leitura visava combater o acesso às "más leituras" e o excesso de imaginação que estas poderiam causar. Ao abordar a educação sexual à luz da moral cristã, os católicos também incorporavam preceitos científicos, a fim de reafirmar as especificidades biológicas e psicológicas da "natureza" divina.

Capítulo 1. A educação sexual nos "anos dourados": a questão da leitura

A década de 1950 foi um período histórico marcado por transformações políticas, culturais e sociais na onda da abertura política e democrática após o fim do Estado Novo varguista (1937-1945). Embora tenha início no governo democrático de Getúlio Vargas (1951-1954), o período mais significativo corresponde aos "anos dourados", simbolizados pelo projeto político modernizador do governo JK (1956-1961). A partir de então, a imagem de Brasil "moderno" que passava a ser projetada constituía sinônimo de Brasil "democrático", combinando "desenvolvimento econômico com democracia política".[18] A euforia modernizadora ultrapassou o campo político e econômico, com impacto considerável também sobre as manifestações artísticas, como a bossa nova e o Cinema Novo, que buscavam integrar o moderno e o desenvolvimento.[19] Outra expressão dessa modernização foi a consolidação do *american way of life*, cujas mudanças nos hábitos e comportamentos, principalmente aqueles relacionados ao consumo, eram divulgadas nos meios de comunicação de massa, com especial destaque para a imprensa.

A imprensa se apresenta como uma fonte importante para refletir sobre tais transformações mais amplas que caracterizam os "anos dourados" e também nos informa sobre como a discussão sobre a educação sexual se relaciona com esse cenário histórico. Psicanalistas e católicos se destacavam entre os grupos mobilizados com a questão sexual e utilizavam da imprensa como forma de incluir novos hábitos, incluindo a correção de práticas sexuais consideradas "desviantes", e de divulgar as publicações literárias sobre o assunto para os leigos. Enquanto as revistas *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* mobilizavam a psicanálise e outras especialidades médicas com a finalidade de promover uma educação sexual científica, os impressos católicos *Lar Católico* e *Família Cristã* defendiam a educação sexual como critério importante para a preparação para o casamento.[20] A mediação com seus respectivos públicos-alvo se dava da mesma maneira: através de seções que incentivavam a participação dos leitores e que assumiam a condição de consultório ou confessionário em revista. Dentre as muitas

[18] GOMES, Angela de Castro (org.). "Qual a cor dos anos dourados?". *In* _____. *O Brasil de JK*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16.

[19] FERREIRA, Marieta de Moraes; MESQUITA, Claudia. "Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional". *In* PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 329-368.

[20] Para fins de citação, as revistas serão referenciadas nas notas de rodapé através das seguintes siglas: *SS* (*Seleções Sexuais*), *C&S* (*Ciência & Sexualidade*), *LC* (*Lar Católico*) e *FC* (*Família Cristã*).

prescrições e conselhos, havia um consenso de que a leitura era um elemento fundamental a instrução e a conformação de comportamentos sexuais saudáveis e morais.

1.1. Algumas considerações históricas sobre a década de 1950

A abertura política dos anos 1950 também significou alguns rearranjos institucionais importantes, como a separação das pastas de educação e saúde após a criação do Ministério da Saúde em 1953. A saúde se mantinha como uma pauta importante ao desenvolvimento do país, porém as políticas públicas orientadas pelo otimismo sanitário do pós-Segunda Guerra Mundial passaram a se concentrar na erradicação das endemias rurais, como malária, ancilostomíase e doença de Chagas.[21] As doenças sexuais, que tanto mobilizaram as campanhas de educação sexual durante os anos 1920 e 1930, passaram a cargo da psiquiatria e agora também da psicanálise e da sexologia, que buscavam prevenir tais patologias através da divulgação de livros e revistas sobre educação sexual. Mesmo com a criação de novos hospitais psiquiátricos durante as décadas de 1940 e 1950 e a valorização da ideia de "hospital" em substituição ao "asilo" como local de tratamento psiquiátrico, os hospitais públicos continuavam abandonados e a assistência psiquiátrica era alvo de críticas sobre as condições de exclusão que imputava aos pacientes.[22] Os médicos psiquiatras incorporavam a psicanálise como uma terapia importante no tratamento e na prevenção das doenças mentais, sobretudo diante das críticas ao tratamento desumanizado dos hospícios.[23] A psicanálise também mobilizava a educação sexual como forma de popularizar o acesso a esse tipo de terapia e de atuar na prevenção e tratamento daqueles indivíduos que não estavam confinados nas instituições psiquiátricas, mas que também se encontravam vulneráveis às doenças mentais e sexuais.

A educação, por sua vez, ocupava um papel tímido no projeto político no nacional-desenvolvimentismo idealizado pelo governo JK. O Plano de Metas previa apenas 3,4% dos investimentos em educação, concentrados em uma única meta: a formação de pessoal técnico, com o direcionamento do ensino para a formação nos

[21] HOCHMAN, Gilberto. "O Brasil não é só doença": o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, suppl. 1, jul. 2009, pp. 313-331.
[22] FONTE, Eliane Maria Monteiro da. Da institucionalização da loucura à reforma psiquiátrica: as sete vidas da agenda pública em saúde mental no Brasil. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 18, 2013.
[23] MELLONI, Maria Teresa Saraiva. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. 139 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

ensinos primário e secundário a fim de atender as demandas do crescimento industrial.[24] Não foram promovidas muitas iniciativas voltadas para a educação básica, o que tornava o país distante da universalização do ensino e com obstáculos a serem superados: ao final da década de 1950 o Brasil tinha uma população de 51.944.397 habitantes, em que menos de 37% da população vivia nas cidades e cerca de 52% da população ainda era analfabeta. A expectativa média de vida era de 43,7 anos e as mulheres timidamente já constituíam maioria da população em relação aos homens (26.059.396 mulheres e 25.885.001 homens).[25]

Sobre os debates educacionais, compete destacar ainda a continuidade das disputas em torno do ensino laico e do ensino religioso. Em 1959, foi publicado o segundo manifesto da Escola Nova, *Mais uma vez convocados*. Também redigido por Fernando de Azevedo, reuniu 189 assinaturas, dentre as de Anísio Teixeira, Darci Ribeiro, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. Nele, o movimento escolanovista reafirmava algumas questões já lançadas no manifesto de 1932, como a defesa da educação enquanto um dever do Estado e do ensino laico em oposição ao ensino confessional e privado defendido pela Igreja Católica.[26] O bispo Dom Jaime Câmara, sucessor do cardeal Dom Leme na arquidiocese do Rio de Janeiro, definia a implementação do ensino religioso nas escolas públicas[27] como uma "conquista da Igreja" e um mecanismo de defesa contra "esta horrorosa época de podridão moral" do ambiente escolar.[28] O discurso combativo da Igreja Católica contra a laicização do ensino buscava assegurar sua influência sobre a formação moral dos indivíduos e também estava presente no debate sobre a educação sexual, cujo modelo ressaltava a exclusividade dos pais na instrução dos filhos.

Mais do que nas políticas públicas de saúde e educação, é no crescimento industrial que encontramos as transformações mais significativas do período e que contribuem para refletir sobre os suportes utilizados na circulação dos modelos de

[24] BOMENY, Helena. Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950. Acesso em 28 de novembro de 2018.
[25] IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Estatística, 1959.
[26] Mais uma vez convocados. *Revista HISTEDBR* [online], Campinas, n. especial, ago. 2006, pp. 205-220. Disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc2_22e.pdf. Acesso em 03 de novembro de 2018.
[27] O ensino religioso confessional foi implementado em caráter facultativo através do decreto n. 19.941, de 30 de abril de 1931, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas.
[28] CÂMARA, D. Jaime. Getúlio Vargas perante a Igreja. *FC*, out. 1954, p. 3.

educação sexual para leigos produzidos e divulgados no período. Os meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema, a televisão e especialmente a imprensa, constituíam indicadores importantes das mudanças do período tendo em vista que anunciavam tais transformações e, ao mesmo tempo, incorporavam as novidades materiais, técnicas e tecnológicas anunciadas. O próprio presidente JK valorizava o crescimento da indústria editorial brasileira enquanto "um dos índices mais expressivos do nosso avanço cultural" e, mesmo diante da diversificação dos meios de comunicação, a mídia impressa e os livros eram valorizados como "o veículo básico de transmissão do conhecimento", em todas as áreas do saber, dentre elas a educação sexual.[29]

1.2. Os tempos áureos dos meios de comunicação de massa: os livros e a imprensa como suportes de divulgação da educação sexual

A indústria livreira sentiu os bons ventos da economia dos "anos dourados" e o ramo gráfico e editorial foi um dos mais beneficiados pelo conjunto de investimentos industriais: obteve o quinto maior desempenho entre as indústrias do país – 143,3% entre o decênio 1950-1960.[30] Embora reconhecesse que grande parte desse quadro era atribuída a iniciativa privada das editoras brasileiras, JK apontava para a necessidade de mais "assistência e estímulo" do poder público à indústria do livro.[31] Uma dessas iniciativas foi o investimento na produção de papel e celulose, que contribuiu para reduzir os custos com a impressão de papel e, consequentemente, os custos com a produção de livros.[32]

Além de atender parte dessa demanda, o governo também promoveu eventos internacionais em alguns países de língua latina, como as Exposições do Livro Brasileiro Contemporâneo[33], organizadas pelo Ministério da Educação e da Cultura e pela Biblioteca Nacional. Tais exposições pretendiam "dar uma ideia da editoração

[29] OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional remetida pelo presidente da República na abertura da Sessão Legislativa de 1958*. Rio de Janeiro, 1958. p. 261.
[30] HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012. p. 585.
[31] OLIVEIRA. *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional. op. cit.*
[32] O estímulo à indústria de papel e a isenção de impostos ao setor livreiro foram algumas medidas protecionistas importantes que permitiram substituir o papel estrangeiro e aumentar a competitividade do Brasil frente aos impressos importados. Além disso, o fim de impostos alfandegários sobre livros estrangeiros em 1957 aumentou a capacidade das traduções brasileiras de competir com os importados originais, além de aumentar consideravelmente a quantidade de obras especializadas em português. Como apresentado por Hallewell, em 1959, as traduções brasileiras custavam um terço do valor de um livro americano, invertendo o quadro de importação entre 1953-58 (HALLEWELL. *O livro no Brasil. op. cit.*, p. 586).
[33] Foram localizados catálogos de três edições da Exposição do Livro Contemporâneo: Lisboa (1957), Madrid (1959) e Assunção (1960). Todos se encontram disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

privada e oficial [...], do surpreendente desenvolvimento material e da intensa atividade intelectual do país"[34] através da distribuição de livros brasileiros a bibliotecas e outras instituições culturais estrangeiras. Os lançamentos e as atividades editoriais e livreiras também eram divulgados em revistas publicadas exclusivamente com este fim, como a *Revista do Livro*, editada pelo Instituto Nacional do Livro (INL)[35], e o *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, publicado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) em parceria com a Câmara Brasileira do Livro.

Embora a indústria livreira representasse uma fatia muito pequena dos investimentos industriais (apenas 1% do capital investido em atividades não agrícolas)[36], foram empreendidas iniciativas que contribuíram para o desenvolvimento e expansão da cultura livreira no país. Outro fator importante para compreender o crescimento dos investimentos públicos na indústria gráfica durante esse período são os eventos realizados pelos órgãos representativos dos editores e livreiros, como o INL, o SNEL e a Câmara Brasileira do Livro. Em 1956, tais associações organizaram o Terceiro Congresso de Livreiros e Editores do Brasil. Presidido por Ênio da Silveira, importante personagem público na história do livro do Brasil que na ocasião também era presidente do SNEL, o congresso reivindicava algumas condições que possibilitassem a regulamentação das profissões, como melhorias no parque industrial e a produção de um código de ética.[37]

Tal como afirmado por Lawrence Hallewell, a imprensa foi ainda mais beneficiada pelas transformações industriais e passou por um período áureo durante os anos 1950, marcado pela modernização e profissionalização do ofício jornalístico. O caráter político-literário que marcava a atividade da imprensa desde suas origens no Brasil foi gradativamente substituído por um jornalismo empresarial e uma crescente profissionalização dos jornalistas, cuja forma de produzir notícias era fortemente influenciada pelo modelo norte-americano. A imprensa agora se caracterizava pelo predomínio da informação sobre a opinião e pelo emprego de manchetes mais curtas e de uma linguagem mais objetiva, e os padrões gráficos se tornavam mais coloridos, com a incorporação de fotografias e uma alta qualidade gráfica e textual, a exemplo das

[34] CUNHA, Celso Ferreira da. *Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo*. Lisboa: Editorial Império, 1957, p. 8.
[35] Atualmente a revista é editada pela Biblioteca Nacional.
[36] HALLEWELL. *O livro no Brasil. op. cit.*
[37] BRAGANÇA, Aníbal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967). *Matrizes*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009, pp. 221-246.

revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*.[38] As fotografias passavam a assumir um caráter informativo e também houve um crescimento considerável na edição de suplementos literários, principalmente nos jornais diários, como *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e tantos outros.[39]

Ao mesmo tempo em que anunciavam as transformações e as novidades decorrentes do desenvolvimento econômico e do novo cenário político, jornais e revistas também refletiam em suas próprias páginas essas transformações em aspectos materiais e gráficos.[40] Mais do que os livros, compreendemos que a imprensa se torna ainda mais relevante para refletir sobre a educação sexual devido a seu caráter informativo. Ao mesmo tempo em que contribuía para a construção de uma imagem pública do presidente "bossa nova", também sinalizava as transformações urbanas e sociais e os hábitos e comportamentos importados do *american way of life*, como os eletrodomésticos e outras novidades industriais. A própria ciência se destacava entre essas novidades diante do firme propósito de divulgar noções "modernas" de higiene relacionada aos cuidados com a saúde do corpo e do lar.[41]

As revistas, em especial, se tornavam cada vez mais segmentadas e buscavam alcançar um público diversificado[42], além de dialogar com outros meios de comunicação de massa em crescimento no período, como o rádio, o cinema e a televisão. Isso também contribuiu para o surgimento de novos impressos que refletiam as demandas culturais desses novos tempos, a exemplo de revistas exclusivamente dedicadas às novidades do rádio e do cinema tal como *Manchete*, *Radiolândia*, *O Mundo Ilustrado*, dentre outras.[43]

Entre as muitas funções atribuídas à imprensa, uma em especial se destaca para refletir sobre a educação sexual: seu papel de propaganda literária.[44] A publicidade já era considerada um recurso fundamental a esse novo modo de fazer jornalismo e os

[38] RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, 2003, pp. 147-160.
[39] Sobre os suplementos cf. ABREU, Alzira. "Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50". *In* ABREU, Alzira et al. (orgs.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, pp. 13-59.
[40] *Ibidem*, p. 17.
[41] KOBAYASHI, Elizabete Mayumy; HOCHMAN, Gilberto. De patológicos a higiênicos: os lares modernos e a imprensa no Brasil pós-Segunda Guerra Mundial. *Interface*, Botucatu, v. 20, n. 59, 2016, pp. 967-979.
[42] CORRÊA, Thomaz Souto. "A era das revistas de consumo". *In* MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 207-210.
[43] FERREIRA. MESQUITA. "Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional". *op. cit.*
[44] LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". *In* PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 111-144. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

anúncios veiculados nas páginas dos impressos também reforçavam certos estereótipos de gênero que marcam o período. Mesmo com as conquistas femininas do pós-Segunda Guerra, a mulher idealizada e apresentada como "moderna" nas revistas era aquela que estava atenta às novidades industriais ou ainda as "cientistas domésticas"[45] que sabiam incorporar a ciência à serviço do bom exercício das tarefas domésticas e dos cuidados com a família. As revistas femininas traziam ainda romances em fotonovelas e apelavam para os padrões de beleza das atrizes de Hollywood.[46] Desta forma, a imprensa nos informa sobre as tensões sociais e culturais relacionadas a época, como a reafirmação das responsabilidades e funções do homem e da mulher no casamento e na família enquanto garantia da harmonia conjugal e da ordem social, além da censura que patrulhava os assuntos sexuais. A reafirmação desses padrões tradicionais também se refletia nas propostas de educação sexual, que visavam conformar a sexualidade no casamento e corrigir os desvios das funções sexuais reprodutivas. No caso dos católicos, a eficácia da instrução nos assuntos sexuais implicava ainda na publicação e recomendação de livros com edições específicas para homens e mulheres.

A divulgação dos modelos de educação sexual na imprensa ocorria através de propagandas que reafirmavam as diferenças sexuais e também na divulgação dos catálogos e lançamentos literários.[47] Essa propaganda ocorria através de anúncios e transcrição de passagens de livros, além das seções de correspondência com os leitores que atuavam como consultório médico ou confessionário sentimental. A produção de livros sobre os assuntos sexuais constitui uma característica importante do debate sobre a educação sexual durante toda a primeira década do século XX. Diversas coleções e bibliotecas que visavam promover a educação sexual foram publicadas em editoras como Civilização Brasileira (Biblioteca de Estudos Psicossexuais e Biblioteca de Educação Sexual), José Olympio (A Ciência Hoje), Companhia Editora Nacional, Guanabara-Koogan (Biblioteca Cultura Científica), Calvino (Cultura Sexual, Estudos Sexuais, Biblioteca de Divulgação Sexual e Freud ao Alcance de Todos), Freitas Bastos

[45] KOBAYASHI. HOCHMAN. De patológicos a higiênicos. op. cit.

[46] Sobre a imprensa feminina, cf. BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009; BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

[47] Assim como desenvolvido por Jean-Yves Mollier em seu estudo sobre a imprensa da Belle Époque francesa, compreendemos que as revistas atuavam de forma determinante na divulgação dos livros e dos catálogos literárias das editoras, em um contexto de transição no modo de produção dos impressos. (MOLLIER, Jean-Yves. "La revue dans le système editorial". *In* PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *La Belle Époque des revues, 1880-1914*. Paris: Editions de l'IMEC, 2002. pp. 43-55.)

(Cultura Sexual), Flores e Mano (Biblioteca de Cultura Médico-Psicológica). Tais editoras tinham em comum o interesse em publicar autores famosos nos assuntos de ordem sexual, tanto brasileiros como Antônio Austregésilo, Júlio Porto-Carrero, Gastão Pereira da Silva, José de Albuquerque e Hernani de Irajá, quanto autores estrangeiros como Havelock Ellis, Auguste Forel, Magnus Hirschfeld e Sigmund Freud, a fim de divulgar teorias médicas e científicas através de uma linguagem popular e acessível a outros públicos.[48]

Tal como apontado por James Secord[49], o próprio ato de fazer o conhecimento circular é uma estratégia de poder. No debate público sobre a educação sexual, a preocupação em alcançar audiências não especializadas tornava o mercado editorial um cenário onde a disputa por autoridade nos assuntos sexuais se apresentava de forma clara. Em diálogo com as considerações do autor sobre o "conhecimento em trânsito", compreendemos que os meios são tão importantes quanto as mensagens nele contidas, tendo em vista que conferem uma dinâmica própria à comunicação das ideias científicas e também refletem os interesses envolvidos na transmissão da ciência. Ao compreender a divulgação do conhecimento científico como uma etapa fundamental e constitutiva da produção da ciência, Secord e outros autores como Andreas Daum[50] e Karen Knorr-Cetina[51] reafirmam a concepção de ciência enquanto algo dinâmico que se modifica e é atualizado nas interações entre os grupos. Isso, por sua vez, permite não apenas romper com uma abordagem difusionista que entende o conhecimento científico como algo universal que se expande dos "centros produtores" para as "periferias passivas", mas também incorporar outros personagens que participam ativamente desses processos de circulação para além dos cientistas, como os mediadores engajados com a tradução dos saberes científicos para públicos não especializados, bem como os religiosos e os leigos que muitas vezes compunham o público alvo dessas estratégias.[52] Uma vez que a ciência não é neutra e isenta de valores, sua popularização, enquanto dimensão importante da formação da ciência, também não é um processo destituído de interesses, tampouco natural.[53]

---

[48] CARRARA; RUSSO. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras. *op. cit*. Sobre o levantamento de livros sobre o assunto, ver Anexo 1.
[49] SECORD, James. Knowledge in transit. *Isis*, v. 95, n. 4, dec. 2004, pp. 654-672.
[50] DAUM, Andreas. Varieties of popular science and the transformations of public knowledge: some historical reflections. *Isis*, v. 100, 2009, pp. 319-332.
[51] KNORR-CETINA, Karin. "A comunicação na ciência". *In* GIL, Fernando (org.). *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: João Sá da Costa, 1999, pp. 375-393.
[52] DAUM. Varieties of popular science and the transformations of public knowledge. *op.cit.*
[53] *Ibidem*, pp. 328-331.

1.3. O consultório e o confessionário: psicanalistas e católicos na imprensa

As disputas por público consumidor de leituras científicas de caráter popular[54] se tornam ainda mais evidentes quando olhamos para a imprensa. A produção e divulgação literária em periódicos foram recursos muito valorizados por alguns grupos como estratégia de circulação das propostas de educação sexual para um público leigo. Alguns autores de livros também colaboravam em revistas e utilizavam esses espaços na divulgação de suas publicações. É o caso do psicanalista Gastão Pereira da Silva, que tinha certa notoriedade entre um público leigo através da imprensa e de programas radiofônicos. A educação sexual estava relacionada à popularização da própria psicanálise, anunciada como uma especialidade científica capaz de tratar os distúrbios sexuais de origem psíquica. O psicanalista não pertencia às elites médicas e, ao contrário, buscava se consolidar como uma autoridade em psicanálise junto a um público leigo, para quem pretendia traduzir e explicar a teoria freudiana.

Segundo Gastão, no Brasil imperava um "preconceito bolorento" que menosprezava os livros populares destinados "a orientar as massas" nos assuntos científicos e os classificava como "cousa de charlatão". Ao defender que "não devia haver mais obstáculos entre o homem comum e o homem da ciência", o psicanalista então concluía em tom irônico: "bendito charlatanismo!", se colocando junto àqueles que eram chamados de charlatães por se dedicarem à divulgação científica.[55] Como forma de legitimar sua autoridade enquanto divulgador da psicanálise, o autor constantemente fazia referência a uma carta que havia recebido de Freud e a reproduzia em seus livros junto com uma fotografia assinada pelo pai da psicanálise.[56] A imprensa era incorporada na divulgação de suas publicações, mas muitos livros de Gastão

[54] O conceito de "ciência popular" ainda é considerado problemático pela historiografia das ciências. Daum e Bensaude-Vincent, por exemplo, apontam em trabalhos já citados a importância de compreender a ciência "popular" no sentido de uma democratização do acesso ao conhecimento científico. Ainda assim, ressaltam que a dimensão popular da ciência não deve ser incorporada apenas como uma categoria de análise, sob o risco de reproduzir antigas dicotomias entre a "ciência especializada" produzida por cientistas e especialistas e a "ciência popular" desenvolvida por outros personagens e, por isso, considerada inferior. Assim, propõem que a ciência popular deve ser pensada em diálogo com outras formas de comunicação científica, a fim de identificar as especificidades históricas de suas configurações. Sobre essa discussão ver também TOPHAM, Jonathan. "Rethinking the History of Science Popularization/Popular Science". *In* PAPANELOPOULOU, Faidra; NIETO-GALAN, Agustí; PERDIGUERO, Enrique. *Popularizing science and technology in the European periphery, 1800–2000*. Farnham/Burlington: Ashgate, 2009. pp. 1-20.

[55] SILVA, Gastão Pereira da. Nós, os charlatães... *O Malho*, n. 21, out. 1941, p. 67 apud MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. *"Nós, os charlatães": Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944***)**. 137 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

[56] MARCONDES. *"Nós, os charlatães". op. cit.*, pp. 44-45.

também tinham origem nas seções que assinava nas revistas *Carioca*, *Vamos Ler!* e *Seleções Sexuais*: *Conheça seu filho* era adaptado da coluna "Uma página para as mães" publicada em *Vamos Ler!*, *Conhece-te pelos sonhos* citava vários dos casos respondidos na seção "Psychanalise dos Sonhos" de *Carioca* e os casos analisados em *Seleções Sexuais* foram citados em *25 anos de psicanálise*, quando então revelou que era responsável pela seção. Algumas dessas correspondências também inspiravam os casos encenados no programa radiofônico "Mundo dos Sonhos". Gastão foi responsável, ainda, pela tradução de algumas obras de Freud para o português, como *Freud e as anomalias sexuais* e *Freud e a psicanálise de guerra*, ambas publicadas na coleção "Freud ao alcance de todos", lançada pela Editorial Calvino em 1941 e 1942.

Sua vasta produção bibliográfica o colocava em uma posição mais próxima dos meios literários[57] e a relevância da leitura em suas obras foi tamanha que o psicanalista chegou a concorrer a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras em 1944, cuja candidatura foi intensamente divulgada em *Vamos Ler!*.[58] Ainda que não fosse reconhecido como autoridade por seus pares médicos, o esforço de Gastão em divulgar a psicanálise para leigos através dos livros e da imprensa contribuiu de maneira significativa para a popularização desse tipo de terapia antes mesmo da oficialização das sociedades profissionais de psicanálise, questão que retomaremos no próximo capítulo.[59]

A concorrência de explicações científicas, principalmente aquelas de caráter popular que buscavam atrair os leitores, fez com que os católicos também se mantivessem ativos na produção de livros sobre educação sexual. Embora a posição oficial da Igreja Católica sobre os assuntos sexuais durante muito tempo tenha sido orientada por uma reserva que beirava ao silêncio, a facilidade ao acesso de informações devido ao crescimento dos meios de comunicação mobilizou alguns grupos de católicos que ressaltavam que a forma mais eficaz de proteger os fiéis católicos desse tipo de leitura era marcar presença nesses mesmos meios comunicativos.

Desta forma, compartilhamos da perspectiva de Aileen Fyfe[60] de que o interesse dos religiosos em se aproximar da ciência e incorporá-la em seu discurso era movido por uma preocupação com a forma como os postulados científicos poderiam ser

[57] *Ibidem*, pp. 60-68.
[58] A candidatura de Gastão Pereira da Silva à Academia Brasileira de Letras. *Vamos Ler!*, ano VIII, n. 409, 01 jun. 1944, p. 23.
[59] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*
[60] FYFE, Aileen. *Science and salvation: evangelical popular science publishing in Victorian Britain*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

interpretados pelos leigos. Algumas leituras eram consideradas "perigosas" por apresentar uma abordagem estritamente científica e ignorar a dimensão sobrenatural e divina do sexo, o que poderia corromper os fiéis leigos. Assim como os evangélicos vitorianos estudados por Fyfe, os católicos brasileiros do século XX aqui estudados também viam na produção literária de caráter popular uma estratégia importante de assegurar um público leitor diante da pluralidade de explicações não religiosas que buscavam promover uma educação sexual.

Padres e leigos envolvidos com a evangelização ressaltavam a necessidade de uma instrução nos assuntos sexuais compatível com a doutrina cristã e que tivesse como ponto de partida a dimensão moral do sexo. É este o alerta feito pelo padre Álvaro Negromonte em *A educação sexual (para pais e professores)*: "o que nós não fazemos de modo elevado e digno, encaminhando a vontade ao mesmo tempo em que ministramos os conhecimentos, fazem-no os maus livros deformando os espíritos e depravando os corações".[61] O padre acusava que muitas publicações que se apresentavam como científicas faziam uso do "fácil pretexto da ciência" para seduzir seus leitores, porém suas páginas não tinham nada de científico; ao contrário, eram repletas de "depravações" e "imoralidades". Lastimar ou impedir a circulação dessas leituras não eram suficientes para deter os "maus costumes" diante do interesse que o assunto despertava em "velhos e moços, homens e mulheres, e até verdadeiras crianças".[62] Negromonte defendia que a forma mais eficaz de combater essas más influências seria através de uma educação sexual compatível com os valores cristãos e que apresentasse noções de biologia e higiene, mas sem se limitar a estas, reforçando a dimensão moral que a boa educação sexual deveria ter.[63]

Ainda que houvesse um consenso dos católicos sobre a importância da leitura, havia algumas discordâncias sobre a avaliação de livros de caráter científico. Mesmo livros publicados em editoras católicas, como *Educação sexual e afetiva*, do médico e psicanalista francês André Berge e publicado pela Agir em 1957, eram passíveis de críticas por grupos religiosos mais conservadores. Uma resenha publicada em *A Ordem* avaliava o título como "novo e imprescindível a qualquer pessoa que desej[ass]e educar outras (crianças ou adultos) ou reeducar-se", e seu autor como alguém "de elevada

[61] NEGROMONTE. *A educação sexual. op.cit.*, p. 14.
[62] *Ibidem*.
[63] *Ibidem*, pp. 28-29.

moral e esclarecimento".[64] Mas o fato do autor ser um especialista no assunto também tornava o livro "condenado": em *Família Cristã*, uma das fontes analisadas neste trabalho, a obra de Berge era acusada de prejudicar os leitores que não tinham "uma formação moral muito segura" e, por isso, não deveria "entrar nos lares cristãos".[65] Além da Agir, outras editoras católicas bastante ativas na publicação de livros sobre educação sexual eram a Livraria Catedral e as Edições Paulinas, administrada pelas irmãs paulinas, mesma congregação responsável pela publicação da revista *Família Cristã*.

A mobilização em torno da leitura e as disputas nela envolvidas esbarravam nas fronteiras entre a ciência e a religião, uma vez que psicanalistas e católicos compartilhavam das mesmas estratégias de divulgação de seus respectivos modelos de educação sexual. Tanto psicanalistas quanto católicos valorizavam os livros como forma de expandir suas audiências diante da pluralidade de títulos sobre o assunto disponíveis nas livrarias e encontravam na imprensa um recurso indispensável de divulgação dessas leituras. Mais do que os anúncios sobre os lançamentos literários, as seções de correspondência com os leitores se destacavam como o espaço mais dinâmico e informativo sobre a relevância da leitura para as propostas de educação sexual. Alguns autores de livros também assinavam seções de aconselhamento nas revistas e, portanto, atuavam de modo privilegiado na recomendação literária através de uma mediação direta com os leigos.

Tais personagens assumiam a condição de *intelectuais mediadores*, uma vez que atuavam como produtores e divulgadores do conhecimento sexual. Retomando algumas reflexões de Jean-François Sirinelli[66] sobre a história intelectual que apontam para a complexidade da definição de quem é um intelectual, Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen[67] propõem explorar esta categoria a partir de casos históricos particulares, de personagens que se configuram como "homens de produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social" e, portanto, "atores estratégicos nas áreas de cultura e da política".[68] As autoras ressaltam ainda a importância desses atores para refletir sobre a

[64] C. A. Livros. *A Ordem*, n. 6, dez. 1957, p. 78.
[65] Confie-me seu problema. *FC*, abr. 1959, p. 5, grifo nosso.
[66] SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 231-269.
[67] GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
[68] *Ibidem*, p. 10.

superação das dicotomias entre os processos de criação e os de acesso e recepção do conhecimento, uma vez que se situam nessas fronteiras.

Enquanto especialistas em alcançar um público não especializado[69], os intelectuais mediadores realizavam uma comunicação direta com os leigos através das seções de correspondência, que mais se assemelhavam a um consultório ou um confessionário em revista para os quais os consulentes escreviam de forma anônima sobre seus problemas íntimos e afetivos. Além de Gastão Pereira da Silva, responsável pela seção "Confidências" de *Seleções Sexuais*, Maria Madalena Ribeiro de Oliveira também exercia essa função, através da participação em "Intercâmbio com as leitoras", publicada no *Lar Católico*. Maria Madalena não buscava se afirmar como uma autoridade em ciência como o psicanalista Gastão o fazia, mas compartilhava da intenção de se apresentar como uma autoridade junto a suas consulentes. Não encontramos muitas informações biográficas sobre a autora, mas sua contribuição em *Lar Católico* buscava expandir as atividades que realizava na Ação Católica, importante associação religiosa no apostolado laico, que visavam instruir homens e mulheres para a vida familiar e para a educação dos filhos através de uma educação sexual que tinha como finalidade a preparação para o casamento.

Embora as dúvidas que chegavam às seções de correspondência das revistas indiquem o conhecimento dos leitores do que estava circulando em termos de leitura, o foco da análise será compreender de que maneira tais intelectuais mediadores projetavam usos e sentidos à leitura a partir daquilo que os consulentes relatavam em suas cartas. Assim como proposto por Bernard Lightman[70], buscamos analisar como esses personagens concebiam sua audiência e quais estratégias utilizavam para alcançar seus leitores, uma vez que ocupavam uma posição intermediária entre as elites intelectuais e as massas leitoras para quem se endereçavam. Além de nos informar quem atuava nesses espaços buscando divulgar os livros sobre educação sexual, as seções de correspondência com os leitores publicadas nos periódicos também nos apresentam quais títulos eram indicados aos leigos, para quais casos constituía uma terapêutica adequada, quais os critérios de seleção e avaliação dessas leituras e, por fim, de que maneira essas leituras deveriam contribuir na formação e na instrução sexual.

[69] *Ibidem*, p. 19.
[70] LIGHTMAN, Bernard. *Victorian popularizers of science: designing Nature for new audiences*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

1.3.1. As revistas ilustradas: *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*

Seleções Sexuais (1952-1957) e *Ciência & Sexualidade* (1953-1957) tinham como principal objetivo divulgar e popularizar a educação sexual. Logo no primeiro número publicado, *Seleções Sexuais* se anunciava como resultado de um "esforço jornalístico" que visava superar os tabus e preconceitos sexuais através da educação e profilaxia dos problemas do sexo.

> *Seleções Sexuais* será, em síntese, uma publicação destinada a receber a mais cordial acolhida e, para tanto merecer, suas páginas focalizarão o assunto de forma a encontrar o mais fácil entendimento, muito embora sejam escritos de autoria de homens de ciência, de higienistas e de pedagogos, que abordarão os problemas sexuais, orientando e esclarecendo todos àqueles que carecem de um 'roteiro' certo no mundo das emoções e dos imperativos da natureza.[71]

Dentre os "homens de ciência" mencionados, incluíam-se psicanalistas, psiquiatras e sexólogos. Um de seus principais colaboradores era Gastão Pereira da Silva, que assinava a seção "Confidências", onde respondia cartas enviadas pelos leitores a fim de esclarecer suas dúvidas relacionadas a problemas íntimos.[72] Diante do grande volume de correspondências recebidas[73] e da incapacidade de publicar todas as respostas em um mesmo número da revista, as missivas também eram respondidas em "Consultório (clínica sexual)", publicada em *Ciência & Sexualidade* (1953-1957). Não foi possível confirmar se Gastão Pereira da Silva também era responsável por esta última seção, pois apesar das respostas seguirem o mesmo padrão discursivo daquelas publicadas em *Seleções Sexuais* (em alguns casos, eram reproduções idênticas), a seção não era assinada nem identificamos nenhuma referência do próprio Gastão a essa revista. *Ciência & Sexualidade* era uma versão em português da revista italiana *Scienza e Sessualità* e também reproduzia alguns dos artigos publicados em *Seleções Sexuais*.

De periodicidade mensal, ambas as revistas eram publicadas no Rio de Janeiro sob a direção de Edgard de Abreu[74] e distribuídas para outras cidades e estados

---

[71] A REDAÇÃO. Aos leitores. *SS*, n. 1, 1952, p. 2.

[72] Embora assinasse em *Seleções Sexuais* como G. P. S., sua identidade enquanto responsável pela seção só foi confirmada pelo próprio psicanalista alguns anos depois em seu livro *25 Anos de Psicanálise*, publicado em 1959 pela Livraria Império.

[73] 884 correspondências foram respondidas em "Confidências".

[74] Sobre Edgard de Abreu, o que temos conhecimento é que o jornalista foi processado várias vezes durante a década de 1950 por ser responsável pela publicação das revistas *Seleções Sexuais*, *Ciência & Sexualidade* e um número especial de *Naturismo*. Em 1962, fundou a Associação dos Jornalistas Aposentados (AJA), da qual foi presidente até se demitir no ano seguinte por conta de um problema envolvendo o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). As reuniões da AJA eram realizadas na Academia Brasileira de Imprensa (ABI) e os membros associados pagavam uma mensalidade de Cr$100,00 (Acusado ainda de pertencer à "imprensa amarela". *Última Hora*, n. 455, 16 nov. 1960, p. 1).

brasileiros por Mario Foscolo Perrota[75]. Tinham assinatura anual de 60 cruzeiros (Cr$60,00) e cada exemplar avulso era vendido a sete cruzeiros (Cr$7,00). Devido a seu conteúdo sexual, a venda em bancas de jornal ocorria em envelope fechado e restrita a maiores de 18 anos.[76] As capas indicam o motivo dessa restrição: continham reproduções de esculturas e pinturas com temáticas greco-romanas e assinadas por renomados artistas renascentistas e neoclássicos, como "O Beijo" de Rodin, "Amor e Psique" de Antonio Canova e outras obras artísticas de museus italianos. *Seleções Sexuais* continha ainda os sumários dos artigos publicados nos respectivos números.[77]

As imagens não ficavam restritas às capas. Nas mais de 60 páginas dedicadas à temática da educação sexual também eram publicadas fotografias avulsas e caricaturas que ilustravam alguns artigos. A publicidade consistia em anúncios de consultórios médicos que ofereciam tratamentos para "moléstias sexuais", "frieza do homem e da mulher" e "enxerto de hormônios" em casos de "homossexualismo", "desvios sexuais" e "distúrbios glandulares" ao valor de Cr$30,00 (trinta cruzeiros)[78], além de propagandas de outras revistas como *Naturismo*, *Mignon*, *Reportagem Proibida*, *Romance Para Todos*, *Cine-romance*, *Kósmica* e *A Caricatura*.

Além dos aspectos materiais, também havia uma afinidade quanto aos temas abordados em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*: casamento, doenças venéreas, virgindade e defloramento, métodos contraceptivos e gravidez, prostituição, higiene sexual, impotência e frigidez, "perversões sexuais", como a homossexualidade[79], a masturbação/onanismo, a sodomia e o masoquismo, além dos complexos de Édipo e de castração tão caros à psicanálise. Os artigos publicados consistiam em transcrições de livros assinados por autores estrangeiros reconhecidos como autoridades nas questões sexuais, como Havelock Ellis, Fritz Khan, Charles Fouqué, Dra. Andrée, A. Martin de Lucenay e Van de Velde.

As principais contribuições das revistas estavam nas seções de caráter fixo que mobilizavam a participação dos leitores a partir do envio de correspondências: "Confidências" e "Carta Aberta" em *Seleções Sexuais* e "Consultório (clínica sexual)"

[75] Mario Foscolo Perrota (ou M. F. Perrota) era membro do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro, localizado no edifício do *Jornal do Comércio*, Av. Rio Branco, onde ocupou os cargos de diretor e de 1º secretário na década de 1950 (O novo superintendente das Empresas Incorporadas. *A Noite*, 25 abr. 1950, p. 3).
[76] As tiragens são desconhecidas.
[77] Imagens 1 e 2, Apêndice E.
[78] *C&S*, n. 13, 1954, p. 26.
[79] A homossexualidade também aparece como "homossexualismo", "inversão sexual" e "pederastia". A homossexualidade feminina é referenciada de forma específica: "lesbismo", "tribadismo" ou "safismo".

em *Ciência & Sexualidade*. Concluímos que tais consultórios médicos em revista permitem refletir sobre a proposta da psicanálise sobre educação sexual uma vez que o maior volume das correspondências foi respondido por Gastão, que apesar de não revelar sua identidade ao público, ressaltava a "competente autoridade em psicanálise" a quem os leitores da revista poderiam "recorrer com segurança e discrição".[80]

Embora a psicanálise se destacasse por atuar em uma mediação direta com os leigos, outros discursos eram mobilizados nas revistas, como a sexologia, a psiquiatria e a higiene. Até a religião, muitas vezes acusada de ser uma das principais responsáveis pelo excesso de pudor que transformava os assuntos sexuais em tabus, aparecia em alguns artigos, principalmente em textos que abordavam o método contraceptivo Ogino-Knaus ("tabelinha") enquanto único recurso de controle da natalidade aceito pelos católicos e a visão religiosa do casamento.

A interação com os leigos buscava cativar um público diferente das revistas especializadas utilizadas por médicos e especialistas. A educação sexual se fazia presente na abordagem dos assuntos científicos a partir de uma linguagem clara e objetiva, direcionada aos problemas individuais relatados pelos leigos em suas cartas e na recomendação de leituras, consultas médicas, tratamento psicanalítico e outros cuidados necessários à correção dos problemas íntimos relatados por quem buscava a orientação de um especialista. Algumas missivas enviadas à redação eram publicadas integralmente em "Carta aberta", por seu "valor documental" e com o "propósito de melhor elucidar nossos leitores sobre os problemas que têm sido ventilados em 'Confidências'".[81] Muitas vezes as respostas eram publicadas no mesmo número e referenciadas a outros leitores que demandavam a mesma orientação.

As cartas não oferecem informações muito precisas que permitam traçar com riqueza de detalhes o perfil do público leitor dessas revistas. Da mesma forma, atentamos para o fato de que nem sempre as correspondências poderiam ter sido escritas por pessoas que realmente eram acometidas pelos problemas relatados nas cartas, mas pelos agentes responsáveis por esses espaços enquanto uma estratégia discursiva e de legitimação.[82] Ainda que informações sobre a faixa etária, idade, localidade e estado civil nem sempre fossem divulgadas, os assuntos abordados nas respostas dadas pelos

[80] Confidências. *SS*, n. 4, 1952, p. 25, grifo nosso.
[81] Carta aberta. *SS*, n. 9, 1953, p. 50.
[82] Cf. LOPES, Caroline Castanhede. *O consultório sentimental de madame Danjou: experiências femininas nas ondas do rádio*. 173 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

conselheiros permitem entrever que a maioria das cartas respondidas nas revistas era de um público masculino formado por consulentes que escreviam angustiados com a dificuldade em alcançar o "amplexo sexual", isto é, o orgasmo ou que buscavam ajuda para corrigir certos "vícios sexuais", como a masturbação e a homossexualidade. Nas cartas de autoria feminina, é possível observar também que muitas mulheres que escreviam às seções eram jovens e solteiras, uma vez que o assunto mais frequente tratado eram dúvidas quanto à virgindade e o medo de serem abandonadas pelos namorados caso descobrissem que não eram mais "honestas". Muitas escreviam desesperadas em saber se ainda eram virgens, mesmo quando ainda não tinham praticado o ato sexual, ou buscavam conselhos sobre como contar a seus companheiros que já haviam sido defloradas.[83]

O volume de cartas respondidas e o incentivo de que os leitores também escrevessem para *Ciência & Sexualidade* para que obtivessem uma resposta mais rápida sugerem que as seções tinham uma boa recepção entre o público. Ao menos esta era a impressão que buscavam causar diante da frequência com que reproduziam trechos das cartas com elogios dos consulentes à iniciativa de manter um consultório em revista dedicado ao esclarecimento das dúvidas sexuais dos leitores. A proposta da educação sexual era elogiada como "um instrumento de relevante valor, talhado a amparar os decadentes morais"[84] e capaz de instruir a mocidade de modo a prepará-las para "os sagrados deveres para com a família e a sociedade"[85]. As seções de correspondência eram consideradas a "alma" das revistas[86], ao iluminar aqueles que se encontravam em "completas trevas quanto à vida sexual"[87]. A carta de Curioso ilustra o tom desses elogios às revistas e, em especial, às seções de aconselhamento:

> [...] venho exaltar a sua útil revista que veio, sem dúvida, minorar o sofrimento de muita gente que desconhecia a verdade da Vida Sexual, principalmente a juventude em geral. Surgiu como por encanto essa revista que todos os seus leitores esperam com ansiedade, utilizando-se da seção "Consultório" para estar em contato direto com o que há muito desejavam *desabafar, confessar, o que mesmo a um médico de nossa confiança sentiríamos verdadeiro vexame*. Finalmente, graças a essa revista, *podemos revelar o que sentimos*, desde os mais

[83] Ver Apêndice B, tabela 1.
[84] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 3, 1953, p. 44.
[85] *Idem*, n. 4, 1954, pp. 19-20.
[86] *Idem*, n. 3, *op. cit.*
[87] *Idem*, n. 14, 1954, p. 21.

> gravíssimos casos até os chamados de pouca importância, assim como agora vou revelar o meu.[88]

A propaganda de uma boa recepção entre seu público-alvo pode ser interpretada como uma tentativa de garantir legitimidade frente aos ataques moralizantes a esse tipo de publicação. Muitas revistas que abordavam assuntos sexuais, tanto as de caráter científico quanto as literárias, foram alvo de uma cruzada moralizadora "em defesa da fé e da moral" que pretendia proibir não apenas a venda para menores, mas também a produção desses títulos.[89] Amparada pela lei n. 2.083, de 12 de novembro de 1953, de regulação da liberdade de imprensa após o fim do Estado Novo, a censura contou com a participação de médicos, juristas, católicos e inclusive de alguns jornaleiros de diversas regiões do país que acusavam tais publicações de "obscenas e ofensivas ao pudor público"[90] e de "despertar nos jovens a volúpia e a concupiscência, pervertendo-lhes a sexualidade"[91].

A lei de 1953 autorizava "a livre a publicação e circulação no território nacional de jornais e outros periódicos" desde que não fossem clandestinos e não atentassem contra "a moral e os bons costumes". Além disso, previa que nenhum tipo de publicação periódica avaliada como obscena por um Juiz de Menores poderia ser impressa, vendida ou importada. Segundo o art. 53, o não cumprimento da lei implicaria na apreensão dos exemplares, além do pagamento de multa de Cr$50,00 (cinquenta cruzeiros) por cada exemplar apreendido por qualquer pessoa envolvida na venda ou distribuição de tais impressões.[92] Através de notícias veiculadas em outros jornais, é de conhecimento que não apenas o diretor das revistas, Edgard de Abreu, foi processado diversas vezes, como também o distribuidor M. F. Perrota e alguns jornaleiros foram denunciados e processados pela distribuição e venda das revistas.

---

[88] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 13, 1954, pp. 21-26, grifo nosso.

[89] Além de *Ciência & Sexualidade* e *Seleções Sexuais*, outras revistas censuradas foram: *Álbum livre-culturista, Bikini Ilustrado, Brasilidade, Conselhos Sexuais, Escândalo, Figura, Fotografia Artística, Gala, Guia Sexual, Hélios, Indiscreta, Lei e Polícia, Mignon, Moral, Naturalismo, Naturismo, Nu Artístico, Nudismo e Beleza, O Governador, O Nudismo, O Rio Nu, O Riso, Reportagem Proibida* (que depois passou a se chamar *Escândalos Cariocas*), *Repórter 13, Revista de Copacabana, Revista de Naturismo, Revista Vênus, Risolândia, Romance para Todos/Cine romance, Saúde e Nudismo, Seleções de Vamos Rir, Seleções Humorísticas, Sensations, Sexologia, Shimmy: revista da vida moderna, Sigilo, Só... Rindo, Sol e Alegria, Tentação, Transviadas, Vênus* e *Vida e Beleza*. Além destas, publicações estrangeiras como *Model Studier, Paris Delire, Paris Sex Appeal, Paris-Hollywood, Regal, Sonnen Freunde, Star Vedetes, Sun and Health* também foram censuradas (Proibida pelo juiz. *Diário da Tarde*, n. 20433, 04 set. 1957, p. 1.)

[90] Imprensa imoral. *A Cruz*, 07 fev. 1954, p. 2.

[91] LIMA, Everardo Moreira. 25 pessoas num mesmo processo: ação contra a revista de Luz Del Fuego. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 10129, 13 set. 1953, p. 3.

[92] BRASIL. *Lei n. 2.083, de 13 de novembro de 1953*. Regula a liberdade de imprensa. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L2083compilado.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

Ainda que a censura a tais publicações fosse responsabilidade da Delegacia de Costumes[93], muitas decisões jurídicas eram julgadas pela Delegacia de Menores uma vez que a denúncia mais recorrente era a de que tais publicações poderiam influenciar na formação moral e corromper os menores. Dentre os argumentos que justificavam a censura às revistas, estava o de que constituíam um "veneno mental que intoxica e empeçonha a mente e a alma da infância e da adolescência causando malefícios de toda espécie" e um "lenocínio intelectual", além das acusações de que tinha caráter licencioso, pornográfico e obsceno.[94]

Muitos exemplares ainda eram queimados, como anunciado em um artigo no *Correio da Manhã*:

> [...] foram incineradas, por determinação do Juiz de Menores, sr. Aldo de Assis Dias, nada menos que 4 mil exemplares de revistas apreendidas recentemente por serem consideradas obscenas. [...] Cerca de 10 mil outros exemplares de publicações consideradas obscenas se encontram em depósito do Juizado de Menores, aguardando oportunidade para incineração. "Outras fogueiras serão acesas", disse o juiz de Menores, "para que desapareçam para sempre esses veículos de imoralidade que, além dos danos causados aos jovens, conspurcam o bom nome da imprensa sadia."[95]

O caráter inquisidor da censura às publicações impressas que abordavam o sexo sob o prisma da educação sexual também configurava um dos assuntos abordados em *Seleções Sexuais*, que reproduzia alguns pareceres jurídicos que absolviam os envolvidos na produção, distribuição e venda da revista. Não foi possível localizar os processos em arquivos judiciários, mas as informações trazidas ao público leitor do impresso permitem extrair algumas conclusões. Em primeiro lugar, a absolvição era justificada pela constatação de que, em suas páginas, "a sexualidade é abordada com espírito científico, embora de maneira superficial conforme convém a uma publicação cujo propósito é o de difundir entre o grande público noções de higiene e educação sexuais".[96]

Além disso, a proibição total era considerada um atentado à liberdade de imprensa. Em um artigo publicado no *Correio da Manhã*, de autor desconhecido, é

---

[93] A Delegacia de Costumes e Diversões era responsável pela fiscalização de espetáculos e divisões públicas, de orientar atividades de repressão a crimes contra "os costumes, a família e a saúde pública", incluindo a retirada de circulação de publicações consideradas ofensivas à moral pública. (BRASIL. *Decreto n. 40.047, de 27 de setembro de 1956*. Altera a redação de dispositivos do Regulamento Geral do Departamento Federal de Segurança Pública, e dá outras providências. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-40047-27-setembro-1956-332996-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018).

[94] Proibida a venda de publicações moralmente perniciosas. *O Dia*, Curitiba, n. 10616, 31 ago. 1957, p.8.

[95] Queima de revistas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19995, 04 ago. 1958, p. 10.

[96] A palavra da Justiça. *SS*, n. 23, 1954, pp. 1-4.

possível ter conhecimento ainda da opinião de outros jornalistas que vinham a público para discordar da censura moral tal como era feita, além da própria lei de imprensa em vigor.[97] Ainda que concordasse com a proibição da venda desse tipo de publicação a menores, ressaltava que a lei poderia ser aplicada à proibição de circulação e venda de qualquer tipo de literatura a qualquer pessoa, tornando arbitrário o critério do que poderia ser lido ou não. A preocupação maior era devido à colaboração engajada de "associações de pais de família e outras pessoas permanentemente preocupadas com a moralidade e o sossego espiritual da população brasileira denunciando o que não precisa ser denunciado".

Os processos criminais que buscavam interditar as revistas ilustradas sobre o sexo eram trazidos ao público leitor por Edgard de Abreu como uma alerta da necessidade de continuar lutando contra os obstáculos moralistas e as resistências de uma parcela da sociedade à popularização da educação sexual. A redação da revista refutava os ataques às "leituras proibidas" apontando que a maioria dos crimes sexuais, como corrupção de menores, estupro, prostituição, adultério e "ultraje ao pudor", não eram causados pelo excesso de informações nos assuntos sexuais, mas sim "praticados por indivíduos que jamais leram livros sobre sexualidade, nem livros eróticos". Tinham origem, portanto, "nas privações, na ignorância, na miséria, no mau exemplo, numa palavra, em qualquer outro motivo, menos na leitura de livros de assuntos sexuais, ou seja, nisto em que os moralistas obstinam-se em localizá-la". Ainda que reconhecesse que livros eróticos poderiam excitar os jovens e causar-lhes efeitos nocivos, o texto lamentava que a abordagem do assunto por cientistas e higienistas fosse confundida com "noções completamente retrógradas e errôneas", uma vez que a sexualidade em si mesma era "inocente" e "normal" como qualquer outra função biológica.[98]

Apesar das denúncias de imoralidade e obscenidade, *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* buscavam se diferenciar da "pornografia impressa" através da reafirmação de seu propósito científico. *Seleções Sexuais* se anunciava como a "pioneira" nesta "grandiosa tarefa educacional" de abordar questões tão polêmicas sob a luz da ciência e com "uma linguagem acessível à massa de leitores". Apesar da "campanha soez e difamatória" contra sua circulação, anunciava que muitos religiosos, médicos, magistrados e educadores também aplaudiam o esforço de "libertar as mentes

[97] Censura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19773, 10 set. 1957, p. 6.
[98] A REDAÇÃO. Leituras proibidas. *SS*, n. 45, 1956, pp. 2-3.

entenebrecidas com o facho luminoso da ciência, dessa *CIÊNCIA* com letras maiúsculas que os tabus e convenções não resistem, porque ela é a *verdade*!".[99]

Na perspectiva das revistas, não bastava falar sobre o sexo, era fundamental abordá-lo de forma científica e é justamente na ciência que as revistas buscavam ancorar-se em busca de legitimação junto a um público não especializado e considerado ignorante nos assuntos sexuais, a fim de instruí-los e indicar possibilidades terapêuticas a partir da popularização de teorias científicas. A atuação de Gastão Pereira da Silva enquanto mediador e autoridade a quem os leigos recorriam em busca de ajuda permite refletir também sobre as estratégias empreendidas pelo autor na reafirmação da psicanálise enquanto uma especialidade científica capaz de tratar os diversos problemas que a educação sexual buscava prevenir ou corrigir. Entre os muitos conselhos dados aos leitores, o tratamento psicanalítico era apresentado como solução eficaz na cura das desordens sexuais e afetivas relatadas por seus consulentes, combinado às leituras e outros conselhos que ressaltavam a importância da educação sexual.

1.3.2. A imprensa católica: *Lar Católico* e *Família Cristã*

Enquanto *Ciência & Sexualidade* e *Seleções Sexuais* anunciavam a educação sexual como sua principal finalidade e a partir dela abordavam diversos assuntos, os impressos católicos apresentavam a educação sexual de forma mais fragmentada e relacionada à formação dos fiéis leigos para o casamento. Apesar dessa diferença na abordagem do assunto, o jornal *Lar Católico* e a revista *Família Cristã* ilustram que os católicos também compartilhavam de uma valorização da leitura de livros sobre educação sexual e incorporavam as seções de correspondência como recurso de alcançar diretamente o público leitor.

A imprensa católica, de modo geral, apresenta algumas características específicas relacionadas à sua constituição no país. Além das diferentes finalidades pastorais (diocesanas, congregacionais ou leigas) envolvidas nos interesses de publicações, a organização de uma imprensa religiosa desde o início se caracterizou por um discurso e uma postura combativos contra os valores seculares, principalmente após a ruptura com o Estado brasileiro ainda durante o século XIX. A consequente perda de autoridade e influência da Igreja em questões políticas e institucionais levou à elaboração de estratégias de produção e circulação dos periódicos visando garantir uma

[99] A DIREÇÃO. Uma advertência. *SS*, n. 42, 1955, pp. 9-10, grifo do autor.

esfera de atuação política e social.[100] A ideia de missão evangelizadora é uma marca importante que se constitui como uma característica marcante desse tipo de publicação.

As congregações religiosas desempenharam um papel fundamental na constituição desta imprensa católica, principalmente quando considerado que a chegada de muitas delas ao Brasil entre o final do século XIX e início do XX se relaciona com o projeto de romanização da Igreja Católica e de reafirmação da hierarquia eclesiástica sobre as práticas religiosas populares. Agueda Bittencourt[101] afirma que as congregações religiosas missionárias são atores históricos importantes para refletir não apenas sobre a constituição da imprensa católica, mas também sobre a constituição do ensino através das iniciativas educativas nas escolas confessionais e na organização de um mercado editorial brasileiro. Muitas destas ordens religiosas imigrantes tinham como principal missão evangelizadora a comunicação, como a Congregação do Verbo Divino e a Pia Sociedade Filhas de São Paulo, responsáveis pela publicação de *Lar Católico* e *A Família Cristã*, respectivamente.

A imprensa católica não se manteve alheia às transformações técnicas e gráficas que caracterizaram a modernização da imprensa brasileira durante os anos 1950. As congregações religiosas desempenharam um papel fundamental nesse processo devido a seu propósito missionário de levar a Igreja até os fiéis através dos recursos comunicativos mais modernos. É desta forma, por exemplo, que as irmãs paulinas anunciam até hoje a sua missão evangelizadora. Segundo Aline Dalmolin, isso permitiu que os impressos católicos publicados por congregações alcançassem um maior tempo de publicação em contraste com outras publicações católicas, como boletins informativos e diocesanos.[102] Não à toa alguns títulos, como *Família Cristã* e *Ave Maria*, ainda circulam e são vendidas nas bancas de jornal.

Apesar da modernização técnica, a imprensa mantinha sua postura tradicionalmente combativa da "boa imprensa" católica contra a "imprensa ímpia" secular. Dalmolin afirma que até os anos 1960 a imprensa católica se caracterizava por ser "apologética", ou seja, marcada por um ativismo religioso em reação à

[100] GONÇALVES, Marcos. Missionários da 'boa imprensa': a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, 2008, pp. 63-84.
[101] BITTENCOURT, Agueda Bernardete. A era das congregações – pensamento social, educação e catolicismo. *Pro-Posições* [online], v. 28, n. 3, 2016, pp. 29-59.
[102] DALMOLIN, Aline Roes. *O discurso sobre aborto em revistas católicas: Rainha e Família Cristã (1980-1990)*. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2012.

secularização.[103] Esse posicionamento se estendeu até o Concílio Vaticano II, momento marcado pela reflexão da Igreja sobre sua relação com o mundo e por uma maior abertura a questões seculares até então tão combatidas, incluindo os próprios meios de comunicação. Um dos marcos da passagem da imprensa "apologética" para a imprensa "pós-conciliar" é a publicação do decreto *Inter Mirifica* (1963), assinado por Paulo VI. Neste documento, o papa afirmava a importância da imprensa e de outros meios de comunicação (rádio, cinema e televisão) "para pregar aos homens a mensagem de salvação e ensinar-lhes o uso reto destes meios".[104]

Família Cristã (1934-) e *Lar Católico* (1912-1986) constituem exemplos desse projeto missionário e evangelizador da Igreja Católica e da importância das congregações religiosas na consolidação da imprensa católica brasileira. *Lar Católico* era publicado pela Congregação do Verbo Divino[105], ordem religiosa formada por padres missionários alemães que imigraram para o Brasil em 1895, a fim de prestar assistência religiosa aos colonos alemães radicados no país. Desembarcaram inicialmente em Santa Leopoldina, Espírito Santo, mas instalaram a sede da congregação em Juiz de Fora, Minas Gerais. Segundo Lucena[106], a atuação pastoral dos padres verbitas dialogava com o projeto de romanização da Igreja Católica. O esforço de garantir a hegemonia religiosa na formação dos leigos se manifestou através de projetos educacionais no ensino, como o Colégio Academia de Comércio, uma das instituições escolares mais tradicionais de Juiz de Fora, e na imprensa através da criação da Editora Lar Católico. A criação de uma "tipografia missionária" era ressaltada pelo próprio fundador da congregação, o padre alemão Arnaldo Janssen, como uma necessidade de fazer frente aos perigos da "ímpia imprensa" representada pelo

[103] *Ibidem*, pp. 50-60. A autora faz uma revisão de um marco temporal realizado por Oscar Lustosa (cf. LUSTOSA, Oscar. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983). O autor adota como marco de ruptura o ano de 1945, porém Dalmolin argumenta que as mudanças mais significativas, tanto do ponto de vista técnico e tecnológico quanto doutrinal, ocorrem a partir de 1963, com a publicação do decreto *Inter Mirifica* e a realização do Concílio Vaticano II.

[104] PAULO VI. Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social. 1963. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04121963_inter-mirifica_po.html. Acesso em 08 de outubro de 2018. As mídias ganharam ainda mais projeção após o nascimento da Renovação Carismática Católica (RCC), no final da década de 1960.

[105] A Congregação do Verbo Divino (*Societas Verbi Divini*, S. V. D.) foi fundada em 1875, na cidade de Styel (Países Baixos) pelo padre alemão Arnaldo Janssen.

[106] LUCENA, Paula Lili. **"***Nenhum lar sem o lar católico!": discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954-1986).* 355 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2011.

jornalismo laico. Essa ideia está presente nas páginas de *Lar Católico* e orientava sua publicação.[107]

O primeiro número de *Lar Católico* foi publicado em 1891, porém sua publicação foi interrompida no ano seguinte devido às instabilidades da imprensa brasileira características do século XIX. Em 1912, teve início a segunda fase do periódico, que circulou até 1986. Era publicado semanalmente em Juiz de Fora pela Editora Lar Católico e distribuído pela gráfica Esdeva[108], também fundada pelos padres verbitas. Na década de 1950 o jornal tinha aproximadamente 32 mil assinantes em todo o Brasil, principalmente nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.[109] Os exemplares eram vendidos por meio de assinatura anual ao valor de 55 cruzeiros (Cr$ 55,00) e entregues nas casas dos leitores através do correio.[110]

O jornal era composto por oito páginas, incluindo os suplementos de publicação quinzenal e alternada: "Estrela das Missões", que divulgava a atuação missionária dos padres verbitas pelo mundo, e "Página Feminina", que abordava assuntos considerados típicos do universo feminino, como maternidade, matrimônio, vida doméstica, educação dos filhos, dicas de moda e receitas, crônicas literárias, além da seção de aconselhamento sentimental "Intercâmbio com as leitoras", assinada por Maria Madalena Ribeiro de Oliveira.[111] Publicava fotografias em seus artigos e a publicidade era bem diversificada, com anúncios do fortificante Capivarol, açúcar Pérola, loção Vera Cruz contra caspas e cabelos brancos, vagas na Escola de Enfermagem Hugo Werneck nas Faculdades Católicas e anúncios de livros que buscavam contribuir para a formação das crianças, dos jovens e auxiliar os pais "no problema cada vez mais difícil da educação"[112] dos filhos. Tais anúncios também informavam onde os livros poderiam ser adquiridos, principalmente na Livraria Lar Católico e na livraria do Colégio Arnaldo, localizada em Belo Horizonte.

---

[107] A ideia de "boa imprensa" era muito divulgada no Brasil e tinha na figura do frei Pedro Sinzig um de seus representantes mais engajados. Isso também se refletia na questão da leitura, o que retomaremos no capítulo 3.

[108] A Esdeva se mantém hoje como uma das maiores indústrias gráficas do país http://www.esdeva.com.br/institucional/historia/#page/4

[109] Para fins de amostragem, todos os valores de publicação dos impressos apresentados correspondem ao ano de 1955.

[110] PEREZ, Luiza Quinet Ramos; MUSSE, Christina Ferraz. *Lar Católico*: a Igreja e a função pedagógica da imprensa. *III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia*. Porto Alegre: Alcar, 2014.

[111] Imagem 3, Apêndice E.

[112] Livros para ajudar os pais a se orientarem no problema cada vez mais difícil da educação. *LC*, n. 37, 11 set. 1955, p. 8.

Muitos artigos eram assinados por padres missionários da própria congregação, como pe. Paulino Ludwig, pe. Álvaro Regazzi, pe. José Tarcísio, pe. Fabiano Kachel e pe. Soares d'Azevedo, mas o diálogo com a proposta de "boa imprensa" também mobilizou a incorporação de leigos entre os colaboradores.[113] Dentre os leigos, estavam mulheres que escreviam no suplemento "Página Feminina", como Delza Anita e Maria Madalena Ribeiro de Oliveira, que assinava o "Intercâmbio com as leitoras" e uma das poucas colaboradoras fixas em *Lar Católico*. Não sabemos qual a formação de Maria Madalena (escritora, educadora, professora), mas é de conhecimento que ela ministrava cursos de formação familiar na Ação Católica de Juiz de Fora, onde atuava no apostolado católico. A seção que assinava no jornal era publicada quinzenalmente no suplemento feminino e sua longevidade garantiu a Maria Madalena uma colaboração ativa no jornal.[114] Não foram encontradas informações mais consistentes sobre tais autores, mas é possível observar uma diferença quanto ao tipo de colaboração no jornal: enquanto os padres escreviam sobre a doutrina católica, os artigos de autoria feminina seguiam um padrão temático e abordavam questões relacionadas a educação dos filhos e a maternidade.

Já a revista *Família Cristã* era publicada pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo, fundada em Alba (Itália) pelo padre Tiago Alberione e com colaboração da irmã Tecla Merlo em 1915.[115] A chegada das irmãs Dolores Baldi (1910-1999) e Stefanina Cillario (1912-2006) em São Paulo no ano de 1931 marcou o início das atividades missionárias da congregação no Brasil, um dos primeiros países estrangeiros a receber as irmãs paulinas. Três anos depois, teve início a publicação de *Família Cristã*, versão italiana de *Famiglia Cristiana*. A revista era publicada semanalmente em São Paulo e até hoje se mantém como uma das principais publicações católicas do país. Os exemplares avulsos eram vendidos a três cruzeiros (Cr$ 3,00) e a assinatura anual custava 25 cruzeiros (Cr$ 25,00), sendo a publicação de menor custo entre as demais fontes impressas analisadas

[113] LUCENA. *"Nenhum lar sem o lar católico!". op. cit.,* p. 64.
[114] Nos anos 1970, Maria Madalena passou a fazer parte do conselho editorial do jornal. (*Ibidem*, p. 78.)
[115] Baseando-se nos evangelhos e nas cartas apostólicas de São Paulo, o padre Alberione fundou outras congregações além das irmãs paulinas: Pia Sociedade de São Paulo, Pias Discípulas do Divino Mestre, Irmãs de Jesus Bom Pastor (pastorinhas) e Congregação Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos para as Vocações (Irmãs Apostolinas). Juntas, eram chamadas de "Família Paulina". (RAMALHO, Rosa Maria. "Até que Cristo se forme em vós" (Gl 4,19): o itinerário espiritual de Tiago Alberione. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: v. 5, 2017, pp. 586-595.)

nesse trabalho. Circulava em 13 países e o Brasil era o de maior tiragem (110 mil exemplares mensais) e circulação depois da Itália.[116]

Durante a década de 1950 a revista passou por transformações gráficas importantes: sua produção deixou de ser artesanal e passou a ser impressa na gráfica Ambrosiana. Houve ainda uma ampliação do número de páginas e a edição de algumas delas em cores. Os fotolitos utilizados na impressão das capas eram importados da Itália[117] e retratavam ilustrações de personagens bíblicos ou fotografias de mães, crianças, pais e avós, que representavam o público-alvo da publicação: a família.[118] A publicidade predominante era anúncios de livros, principalmente de novidades literárias lançadas pelas Edições Paulinas, editora administrada pela congregação das irmãs paulinas. Outra característica é a contribuição financeira dos leitores sob a forma de ex-votos, ou seja, agradecimentos de promessas que eram divulgadas na seção "Favores do céu".

Apesar de ser publicada por ordem religiosa feminina, a maioria dos artigos de *Família Cristã* era assinada por padres de outras congregações, como beneditinos e franciscanos. Entre os colaboradores mais assíduos estavam o padre Thiriet, dom Tarcísio R. da Costa, o frei Benvindo Destéfani, que assinavam a seção "A palavra de Jesus" sobre reflexões bíblicas, monsenhor Ascânio Brandão e o padre jesuíta Germano de Novais, defensor de reformas polêmicas como o abandono da batina e o fim do celibato e autor de livros sobre temas variados, incluindo psicologia. Embora com uma frequência bem menor, *Família Cristã* também publicou textos de literatos como Júlia Lopes de Almeida, Menotti Del Picchia e Angela Sorgato.

A revista continha ainda várias seções fixas, como "A Palavra de Jesus", (doutrina); "No mundo dos livros" (literatura), "Semáforo Cinematográfico" (cinema), "Favores do Céu"; "Bom Humor" (passatempo), "Para as donas de casa" (dicas domésticas) e "Confie-me seu problema", que respondia cartas enviadas pelos leitores e era assinada por um padre que mantinha sua identidade escondida sob o pseudônimo de Videns[119]. Os temas abordados eram bem próximos daqueles abordados em *Lar Católico*, uma vez que ambos os impressos tinham como propósito informar aos fiéis

[116] Além de Itália e Brasil, *Família Cristã* também era publicada nos seguintes países: Argentina, Estados Unidos, Japão, México, Colômbia, Ilhas Filipinas, França, Espanha, Chile, Portugal, Irlanda. (Panoramas mundiais: revista católica mais lida. *FC*, jun. 1957, p. 6).

[117] Histórico A Família Cristã. Disponível em https://www.paulinas.org.br/familia-crista/?system=paginas&id=2259&action=read. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

[118] Imagem 4, Apêndice E.

[119] Confie-me seu problema. *FC*, jan. 1958, p. 8.

sobre a doutrina católica e instruí-los em sua vida pastoral e cotidiana. Eram divulgadas atividades pastorais, reflexões bíblicas, além de assuntos contemporâneos com notícias sobre temas polêmicos como aborto, divórcio, política nacional e internacional, além de moda, culinária, história, geografia, passatempo e cultura, principalmente literatura e cinema.

Assim como as revistas ilustradas de divulgação científica, *Lar Católico* e *Família Cristã* também valorizavam a participação de seus leitores e davam igual importância à leitura na instrução e aconselhamento de seus consulentes realizados em "Intercâmbio com as leitoras", assinada por Maria Madalena em *Lar Católico*, e "Confie-me seu problema", assinada pelo padre Videns em *Família Cristã*. As cartas aqui publicadas também nos informam pouco sobre o perfil desses personagens "anônimos" que buscavam por orientação nesses confessionários impressos, mas indicam uma diferença clara entre os públicos que esses grupos de revista buscavam alcançar: nos impressos católicos as mulheres eram maioria do público que escrevia para as seções (74%) em contraste com as revistas ilustradas sobre o sexo, que tinham os homens (79%) como seus principais consulentes.[120]

Além do perfil do público-alvo dos impressos, observamos uma diferença ainda maior no que diz respeito à censura. Enquanto *Ciência & Sexualidade* e *Seleções Sexuais* publicavam sobre o esforço em manter sua circulação diante de campanhas moralistas e ações judiciais que as acusavam de atentado "a moral e aos bons costumes", *Lar Católico* e *Família Cristã* divulgavam com louvor essas iniciativas de interdição das revistas. As atividades da Delegacia de Costumes eram divulgadas com relativa frequência em *Família Cristã*, atualizando os fiéis sobre os assuntos nos quais o combate à imoralidade se fazia presente.[121]

Sobre *Seleções Sexuais*, *Ciência & Sexualidade* e tantas outras revistas retiradas de circulação em algumas cidades, um dos muitos artigos publicados em *Lar Católico* sobre o assunto informava que a "providencial proibição" deveria "valer em todo o Brasil, pelo menos para os verdadeiramente católicos". Reproduzia a portaria de um juiz de menores que decidia sobre a proibição das revistas na cidade de São Paulo e a complementava com a cotação de uma das revistas censuradas, *O Mundo Ilustrado*,

[120] Ver Apêndice D. Os cálculos foram realizados a partir da soma de todas as correspondências publicadas, que corresponde a um total de 2173 cartas, distribuídas da seguinte maneira: revistas ilustradas (*Seleções Sexuais* – 884 cartas; *Ciência & Sexualidade* – 296 cartas) e impressos católicos (*Lar Católico* – 303 cartas; *Família Cristã* – 690 cartas).
[121] Comissão de moral e costumes: portaria saneadora. *FC*, fev. 1956, p. 15.

classificada como "condenada, porque contraria a fé católica". Além disso, alertava: "não podemos confundir liberdade com licenciosidade", ressaltando que tão importante quanto a liberdade de imprensa era a liberdade de crença e o direito de "ministros da religião serem devidamente respeitados".[122]

Mesmo publicações de variedades, como a revista *Manchete* e o jornal *Última Hora*, eram criticadas em jornais católicos e acusadas de irresponsáveis e de promover "escândalo no seio das famílias" ao publicar fotografias de mulheres nuas ou noticiar casos de atentado ao pudor.[123] Desta forma, os impressos católicos analisados neste trabalho estavam em total sintonia com o discurso hegemônico da Igreja Católica de combate à imprensa imoral e aos demais meios de comunicação, considerados uma ameaça aos valores cristãos. O discurso sobre a censura ressaltava a necessidade em proteger "a inocência das crianças, a sacralidade das famílias e a dignidade da pessoa humana"[124] e a justificativa de que tais publicações "pornográficas" representavam uma ameaça estava muito presente nas considerações dos católicos sobre a educação sexual. A valorização da leitura por parte dos católicos buscava oferecer alternativas e instruir não apenas sobre o que deveria ser lido, mas também do que não deveria ser lido, a fim de evitar que os jovens buscassem em romances eróticos e pornográficos as respostas e os ensinamentos que os pais deveriam dar à luz da doutrina e da moral católica.

1.3.3. A confissão nas seções de correspondência e os sentidos atribuídos à leitura

Apesar de a educação sexual ocupar uma abordagem diferenciada nesses impressos, tanto as revistas ilustradas quanto os impressos católicos compartilhavam do interesse em dialogar diretamente com seus respectivos públicos leitores através das seções de aconselhamento, onde eram respondidas as cartas enviadas pelos leitores. Portanto, compete apresentar de forma mais detalhada a dinâmica dessa interação entre mediadores e leitores. Em alguns casos, também eram publicados trechos ou mesmo as missivas integralmente, como na seção "Carta aberta", de *Seleções Sexuais*. A relação direta com os leitores é importante para compreender a relevância dada pelos mediadores à leitura, uma vez que buscavam estabelecer uma relação de intimidade e autoridade entre os mediadores que atuavam como conselheiros na instrução e no

[122] Revistas condenadas pelo juiz de menores de S. Paulo. *LC*, n. 41, 09 out. 1955, p. 8.
[123] Imprensa imoral. *op. cit.*
[124] NUNES, pe. Adalberto de Paula. A pornografia publicitária. *FC*, jun. 1957, p. 4.

esclarecimento de dúvidas e os leigos que escreviam para as seções em busca de respostas.

A educação sexual buscava corrigir comportamentos sexuais considerados "desviantes" e reafirmar aqueles que fossem "saudáveis" e moralmente aceitos. Tanto para a psicanálise quanto para o catolicismo, a confissão era eleita o mecanismo por excelência através do qual seria possível acessar as questões mais íntimas dos indivíduos e, assim, diagnosticar, curar, condenar ou absolver as desordens que angustiavam os leigos. Para o catolicismo, a confissão era um sacramento de cura, através do qual era possível se libertar da culpa e reconciliar-se com Deus. Para a psicanálise, era uma forma de se afirmar enquanto uma alternativa a outros tratamentos médicos e à confissão religiosa. Mas as confissões não se limitavam a um consultório ou a um confessionário físico; também existiam em revistas e jornais. Tais "confessionários discursivos"[125] eram espaços privilegiados na promoção da educação sexual, uma vez que garantiam o anonimato àqueles que se sentiam constrangidos em procurar pessoalmente um médico ou padre para confessar suas angústias intimas.

A partir da confissão em revista, é possível identificar o que mobilizava os leigos a buscar ajuda para suas desordens íntimas. Segundo Michel Foucault, a confissão é um ritual discursivo "que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão" e que, por isso, "produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação".[126] Concluímos que os leigos escreviam para quem reconheciam como autoridade na solução das questões que os afligiam, da mesma forma que aqueles que assinavam as seções de correspondência com os leitores buscavam se reafirmar enquanto autoridades legítimas para aconselhar, diagnosticar e corrigir seus consulentes. Compreendemos que a confissão em revista era um espaço privilegiado na promoção da educação sexual, pois nos permite identificar de que maneira os mediadores buscavam alcançar suas audiências, quem era esse público alvo e quais os livros eram recomendados ou não para a instrução nos assuntos sexuais.

Consideramos, ainda, que parte da autoridade desses mediadores estava relacionada ao anonimato garantido pelos confessionários em revista. Aqueles que

[125] DALMOLIN, Aline Roes. *O discurso sobre aborto em revistas católicas. op.cit.*, p. 81.
[126] FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. pp. 69-70.

assinavam as seções ressaltavam que estes espaços comunicativos não substituíam a procura por um médico ou por um confessor pessoalmente, mas buscavam orientar e aconselhar aqueles indivíduos que sentiam vergonha ou constrangimento em confessar suas intimidades a alguém. Essa intenção aparece de forma clara no primeiro anúncio de "Confidências", seção de *Seleções Sexuais*:

> Envie-nos o seu "caso", relatando sem constrangimento, o que se passa de singular em sua "vida sexual", *tal como se estivesse no confessionário ou diante de um médico*. Para cada caso daremos um conselho, uma orientação segura, através da palavra autorizada de um especialista no assunto. Não necessita revelar-nos a sua identidade, apenas um pseudônimo é suficiente para manter-se o sigilo. Com isso, completaremos nossa missão educativa em *Seleções Sexuais*. Esta seção se encontra entregue a uma competente autoridade em sexologia e psicanálise, a quem nossos leitores poderão recorrer com segurança e discrição.[127]

A "competente autoridade" em questão era Gastão Pereira da Silva. Portanto, compreendemos que a psicanálise se destacava entre as demais especialidades científicas abordadas nas revistas por ser o principal discurso que orientava as respostas aos consulentes. Ainda que não revelasse sua identidade na seção, a colaboração em *Seleções Sexuais* estava em total diálogo com as iniciativas de Gastão em popularizar a psicanálise para leigos. Aqui essa divulgação aparecia de forma mais direta, a partir de casos concretos, nos quais ressaltava a importância do tratamento psicanalítico na cura das desordens psíquicas e sexuais.

Apesar de compartilharem das mesmas estratégias de mediação, os temas abordados e os conselhos dados em "Confidências", "Consultório (clínica sexual)", "Intercâmbio com as leitoras" e "Confie-me seu problema" sinalizam a diferença no perfil daqueles que se apresentavam como mediadores aos leitores. Em "Confidências" e "Consultório (clínica sexual)", àqueles que escreviam para as seções quase sempre recebiam um diagnóstico (homossexualidade congênita ou adquirida, frieza sexual, impotência psíquica ou orgânica, complexo de castração, complexo de Édipo), além de terem seus vícios confessados duramente reprimidos. Em resposta, Gastão ressaltava as contribuições da psicanálise e esta era a principal especialidade mencionada a seus consulentes quando a solução era procurar um médico. Desta forma, o psicanalista reforçava o caráter científico de sua iniciativa, se projetando como uma autoridade junto a seus pacientes anônimos. A instrução e aconselhamento dos "leitores mal informados

[127] Confidências. *SS*, n. 4, *op. cit.*, grifo nosso.

acerca da educação e instrução sexual"[128] se expressava na valorização da leitura quando a correção de certos comportamentos, como a masturbação e a frigidez, estava relacionada à educação da vontade ou quando os assuntos eram complexos demais para serem abordados no espaço das seções. Entre os livros mais indicados, destacavam-se obras do próprio Gastão, como *O tabu da virgindade* e *Vícios da imaginação*, além de *O acanhamento e a timidez*, do prof. L. E. Gratia, *A mulher fria*, de Wilhelm Stekel, e *Método moderno da limitação dos filhos*, médico Thurston Scott Welton.

A leitura era igualmente relevante para os católicos e *Método moderno da limitação dos filhos* é o único livro em comum nas recomendações literárias entre psicanalistas e católicos. Baseado em princípios científicos na explicação do processo reprodutivo, o livro apresentava o método contraceptivo Ogino-Knaus, popularmente conhecido como "tabelinha" ou "método japonês" e amplamente discutido na época por representar uma novidade científica no controle de natalidade.[129] Ogino-Knaus era considerado "o melhor método anticoncepcional"[130] em alternativa à "camisa de Vênus" (camisinha), então acusada de ser prejudicial à saúde, e também compatível com a doutrina católica por permitir o planejamento familiar sem incorporar métodos artificiais de regulação da natalidade.[131] Esse é um dos muitos temas abarcados pela educação sexual e nele encontramos uma semelhança na percepção da psicanálise e do catolicismo: a dimensão moral do sexo, que ressaltava e circunscrevia apenas na reprodução, e não no prazer, a finalidade do sexo.

Enquanto Gastão se apresentava como uma autoridade científica, Maria Madalena e o padre Videns se apresentavam como condutores da boa formação católica. Embora não se anunciassem como representantes da ciência, os mediadores católicos tinham como objetivo aconselhar os fiéis de modo que estes pudessem instruir-se nos mais diversos assuntos – inclusive a educação sexual – desde que estivesse em conformidade com a doutrina da Igreja Católica. Mesmo entre os católicos também é possível identificar uma diferença na posição que ocupavam na hierarquia eclesiástica e na forma como se apresentavam a seus consulentes. Maria Madalena era membro do

[128] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 8, 1954, p. 16.
[129] Baseado no cálculo do período fértil da mulher, o método era apresentado como uma novidade científica cuja descoberta era considerada "ambígua" e "polivalente", pois em momento algum deveria substituir a abertura à fecundação e aos filhos, tampouco ser encarado como um "remédio para a concupiscência". (CERIANI, Dr. G. Aspectos morais do método Ogino-Knaus. *SS*, n. 6, 1952, pp. 37-39.)
[130] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 3, *op. cit.*, p. 48.
[131] A posição oficial da Igreja sobre o controle de natalidade foi apresentada na encíclica *Humanae Vitae* (1968) de Paulo VI. Nela, o papa reafirmava que qualquer método contraceptivo artificial poderia causar "graves consequências" como a infidelidade conjugal e a degradação da moralidade.

apostado laico feminino realizado na Ação Católica Brasileira, enquanto Videns era um padre. Como será mais aprofundado no capítulo 3, a Ação Católica foi um movimento religioso que tinha como objetivo colaborar com a formação dos leigos enquanto salvação das almas e, para tanto, atuava junto a vários grupos, como jovens, adultos, estudantes e operários. As atividades realizadas por Maria Madalena diziam respeito à família e este é tema central das propostas de educação sexual mobilizada pela autora no aconselhamento direto que realizava em "Intercâmbio com as leitoras" e nos livros que assinava como forma de complementar suas atividades na Ação Católica.

Isso explica porque sua seção era publicada em um suplemento feminino e tratava de assuntos como namoro, casamento, família e vocação. Maria Madalena aproveitava de sua posição enquanto mulher e projetava uma imagem de amiga e confidente junto a suas consulentes, que escreviam pedindo conselhos quando não tinham a quem recorrer. Já Videns assumia a posição mais clara de um confessor religioso. Isso também se refletia na forma como abordava os assuntos: ainda que o casamento fosse um assunto frequente, tais aspectos estavam mais relacionados com a doutrina católica, e aqui não havia uma aproximação tão afetiva junto a seus consulentes. Para todas essas questões, a leitura era o principal conselho. Maria Madalena atuava de maneira bem parecida com Gastão e fazia intensa propaganda de seus livros em "Intercâmbio com as leitoras". A coleção de *Cadernos de preparação para o casamento*, de sua própria autoria, era o livro mais recomendado às consulentes acompanhado do conselho de ler bons livros sobre o casamento. Em "Confie-me seu problema", além de livros de educação sexual, o padre Videns indicava livros religiosos, como *Grande catecismo católico* e o *Tratado de devoção à Santíssima Virgem*, do padre Luis de Montford, além de romances como a coleção *Aurora* de Angela Sorgato e inclusive livros de economia. Entre os livros que aparecem nas duas seções estavam *A serviço do amor*, assinado pelo médico francês Dr. Carnot e cuja edição feminina tinha como coautora sua filha Edith Carnot.

Desta forma, compreendemos que tais espaços atuavam de forma privilegiada na divulgação da educação sexual, tendo em vista o incentivo a leitura e a propaganda literária de livros sobre o assunto. O fato de alguns desses mediadores, como Maria Madalena e Gastão, também serem autores de livros e indicarem suas próprias publicações junto a outros conselhos torna as seções um espaço privilegiado para compreender os usos práticos idealizados pela leitura, uma vez que eram recomendadas a partir dos casos individuais relatados nas cartas.

Uma vez que as seções publicavam, na maioria das vezes, apenas as repostas aos consulentes, não é possível confirmar através das fontes se, de fato, os leigos liam as sugestões literárias dos mediadores. Ainda que não informem de modo consistente sobre o público real e a apropriação dessas leituras pelos leitores, a troca de correspondências permite extrair algumas conclusões sobre certo conhecimento dos leigos sobre a literatura sexual da época. Alguns consulentes pediam conselhos sobre títulos específicos, principalmente nos suportes católicos, para quem a preocupação com a leitura incorporava ainda o que não deveria ser lido para não perturbar o espírito. Um exemplo é a carta da leitora Ana Maria, que perguntava a Videns se podia ler o livro *Nossa vida sexual*, do médico alemão Fritz Kahn[132]. O gosto pela leitura era elogiado, porém acompanhado de uma advertência:

> Louvo-lhe o bom costume da leitura, contudo, acautele-se em não ler tudo o que se lhe apresenta. Porque se os livros são bons amigos e até lenitivo às nossas dores, às vezes poderá encontrar entre eles um falso amigo, um veneno para sua alma. Cuidado!

Quanto ao livro em questão, a leitora recebia o seguinte esclarecimento:

> Não o deve ler, pois esse livro trata de assuntos delicados com pouco critério moral. Pode-lhe ser prejudicial em vez que útil. Os mesmos assuntos, mas tratados com dignidade, poderá encontrar em: *A serviço do amor* do Dr. Carnot, em *A educação sexual* e *Noivos e esposos* do padre Negromonte.[133]

Enquanto Fritz Kahn era divulgado em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* como uma referência científica nos assuntos sexuais, era condenado pelos católicos e isso era avaliado segundo critérios que viam com certa reserva ou desvalorizavam os livros que abordavam a sexualidade apenas do ponto de vista científico. As tensões em torno dos critérios de seleção da leitura, principalmente de livros científicos, serão apresentados nos capítulos seguintes. No entanto, esse exemplo ilustra as contribuições das cartas para pensar os interesses presentes nesta forma de divulgação literária. Ao informar aquilo que os leigos já tinham conhecimento e quais livros eram avaliados pelos mediadores como aconselháveis ou não, as cartas publicadas nas revistas permitem refletir sobre os sentidos atribuídos a leitura e sua importância para as propostas de educação sexual defendidas por psicanalistas e católicos.

A fim de compreender a dinâmica da recomendação literária nas seções de correspondência, adotamos como ponto de partida as considerações de Roger

[132] Fritz Kahn (1888-1968) foi um médico alemão judeu conhecido por ter publicado diversas obras de divulgação científica, popularizadas pelas ilustrações elaboradas de sua própria autoria. É considerado o pioneiro da infografia.
[133] Confie-me seu problema. *FC*, out. 1955, p. 14.

Chartier[134] sobre os protocolos de leitura, isto é, os elementos textuais ou paratextuais que direcionam a leitura e permitem visualizar quem é o leitor ideal dos livros. Concluímos que as confissões, mais do que indicar as apropriações da leitura a partir dos modos de ler e dos sentidos atribuídos pelos próprios leitores, contribuem neste caso para identificar os sentidos idealizados pelos próprios intelectuais mediadores, que muitas vezes também indicavam seus livros aos leitores nas revistas, e pelos demais personagens que assumiam a condição de conselheiros nesses espaços. Em suma, consideramos os consultórios e confessionários em revista como um protocolo de leitura, uma vez que a indicação de livros sobre educação sexual ocorria de forma direta e individual, atenta aos assuntos e às especificidades relatadas pelos leigos em suas cartas. A partir desse "olhar de si"[135] contido nas narrativas íntimas e confidenciais dos leitores sobre o que os angustiava, os mediadores aproveitavam não apenas para prescrever as leituras consideradas adequadas a cada situação específica, mas também corrigir o que era considerado "vício" ou "imoral" e atuar na conformação de comportamentos e hábitos sexuais.

A confissão das intimidades e o aconselhamento em revista se apresentavam como a principal forma de interlocução entre mediadores e leigos na promoção da educação sexual e, portanto, constitui uma importante forma de acessar e identificar os livros mais indicados aos leitores. A resposta final dos mediadores nos informa para quais casos a leitura constituía uma profilaxia importante e fundamental à instrução sexual dos leigos, da mesma forma em que poderiam atuar na correção de certos comportamentos considerados nocivos à saúde física e mental. Aqui recomendavam as leituras avaliadas como boas e saudáveis segundo os problemas relatados pelos leigos em suas cartas, da mesma forma em que repreendiam o que avaliavam como a má leitura. Os critérios de avaliação da leitura sinalizam disputas por autoridade na mediação com os leigos e também nos informam algumas semelhanças quanto algumas noções relacionadas ao casamento e moral sexual, como será desenvolvido nos capítulos a seguir.

---

[134] CHARTIER, Roger. "Do livro à leitura". *In* _____. (org.). *Práticas da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. pp. 77-105.

[135] Compete ressaltar algumas referências historiográficas importantes para pensar sobre escrita de si e sobre cartas como fontes históricas. Cf. BASTOS, Maria Helena Camara et al. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002; GOMES, Angela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Capítulo 2. A educação sexual no consultório da psicanálise

A psicanálise se apresentava como uma especialidade científica moderna sobre o sexo que, durante os anos 1950, ainda estava em curso de institucionalização. A história da recepção da teoria freudiana no Brasil se insere no cenário mais amplo de discussão sobre a educação sexual durante a primeira metade do século XX. Este era um dos campos nos quais a psicanálise buscava se legitimar e encontrou na popularização da terapia psicanalítica para leigos se configurava como uma estratégia de divulgação e disputa com outros discursos mais tradicionais, como a medicina psiquiátrica e a religião. Livros e revistas eram produzidos a fim de instruir os leigos nos assuntos sexuais e, desta forma, prevenir e corrigir traumas e desvios sexuais. Consideramos que os embates da psicanálise com a religião católica são muito expressivos das relações e ambiguidades entre ciência e fé. Ao se apresentarem como "pastores seculares de almas" (*Weltliche Seelsorger*)[136], os psicanalistas disputavam diretamente com os padres pela autoridade na cura das angústias individuais. Ainda assim, seu modelo de educação sexual revela alguns pontos em comum com os católicos, como a valorização do casamento como padrão de uma sexualidade normal, a finalidade reprodutiva do sexo e a preocupação com a leitura como instrumento mais adequado de formação dos leigos.

2.1. O consultório e os embates da psicanálise com a religião

Segundo John Brooke[137], as relações entre ciência e religião durante o século XX são atravessadas por um conceito fundamental, que ganhava cada vez mais força: o individualismo, que tinha Freud como seu "santo padroeiro" uma vez que afirmava que a humanidade não seria libertada *pela* religião, mas sim libertada *da* religião. Freud projetava a psicanálise como uma teoria científica capaz de cuidar das desordens da alma; o que antes era considerado pecado pelos padres agora poderia ser tratado e curado como doença pelos psicanalistas, reconfigurando a ideia de culpa tão cara ao pecado original do cristianismo.[138] Embora não seja o foco da dissertação aprofundar todos os aspectos de ordem metafísica e filosófica que atravessam as críticas religiosas

[136] FREUD, Ernst L. *Cartas entre Freud e Pfister 1909-1939: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. 3ª Ed. Viçosa: Ed. Ultimato, 1998. p. 167.
[137] BROOKE, John Hedley. *Science and religion: some historical perspectives*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014, p. 443.
[138] *Ibidem*; JULIEN, Philippe. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 41.

de Freud e os ataques que recebeu da Igreja Católica, compete apresentar alguns elementos importantes que conferem diferentes matizes às relações ambíguas entre psicanálise e catolicismo e que se refletem, em certa medida, na discussão sobre a educação sexual.

Apesar de Freud se auto referir como um "judeu infiel" e de muitas vezes seu ateísmo pessoal ter sido confundido com a forma como a psicanálise interpretava os fenômenos religiosos, a questão religiosa ocupava um papel de destaque na formulação da teoria psicanalítica e foi tema de algumas de suas obras: *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), *Totem e tabu* (1913), *O futuro de uma ilusão* (1926), *O mal-estar na civilização* (1929) e *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1938). Para Freud, importava identificar os casos em que a religião estaria relacionada a processos infantis, reconhecendo ainda que nem todos os aspectos religiosos estariam ao alcance da psicanálise.[139] Isso, no entanto, não impediu que a psicanálise tivesse encontrado adeptos entre religiosos. Um deles é o pastor luterano Oskar Pfister (1873-1956), cuja amizade com Freud era mencionada por Gastão Pereira da Silva como um exemplo do "aspecto religioso da psicanálise" e das aproximações entre ciência e religião. Pfister era apresentado por Gastão como "um dos discípulos mais diletos de Freud" e elogiado pelo próprio pai da psicanálise como "um investigador impenitente, demonstrando que a psicanálise é perfeitamente compatível com a Religião, através de tendências extremamente sublimadas".[140]

O pastor foi o principal interlocutor de Freud nos assuntos religiosos, cujas trocas intelectuais foram mantidas através de uma longa troca de correspondências. Em uma das primeiras cartas endereçadas a Pfister, Freud escrevia que

> A psicanálise em si não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante desta esfera de ideias.[141]

O interesse de Pfister pela psicanálise estava relacionado às suas contribuições para a "purificação da fé" através da sublimação e o aperfeiçoamento da ação pastoral

[139] VELIQ, Fabiano. Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de Religião. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Pelotas, v. 46, 2017, pp. 93-104.
[140] SILVA. Um aspecto religioso da psicanálise. *op.cit.*
[141] Carta de Freud a Pfister, 9/2/1909. *In* FREUD. *Cartas entre Freud e Pfister. op. cit.*, pp. 26-27

na cura das almas. A amálgama entre cuidado pastoral e tratamento psicanalítico lhe conferiu uma posição duplamente marginal: ao mesmo tempo em estava longe de ser um pastor ortodoxo, pois sua filiação à psicanálise lhe custou alguns conflitos com a comunidade eclesiástica suíça, também não era muito bem visto entre os psicanalistas justamente por sua atuação religiosa.[142] Ainda assim, seu contato pessoal e intelectual com Freud lhe conferiu a condição de ser um dos únicos representantes da psicanálise freudiana na Suíça, onde a comunidade psicanalítica era predominantemente jungiana após a ruptura entre Freud e Jung[143].

A lealdade não amenizava as tensões entre os dois, cujas divergências tiveram seu auge após a publicação de *O futuro de uma ilusão* (1927), definido por Freud como uma "declaração de guerra" à religião ao compará-la com uma ilusão a ser superada pela ciência. No ano seguinte, Pfister respondeu publicamente em *A ilusão de um futuro*, onde apontava os limites das críticas de Freud à religião ao afirmar que a fé era uma proteção contra a neurose, reforçando as possibilidades de conciliar psicanálise e fé.[144] Além das críticas intensas, a amizade improvável entre o "judeu infiel" e o "pastor de Zurique" também foi responsável por um "diálogo interminável" marcado por contribuições mútuas. Enquanto Freud inspirava a cura das almas (*Seelsorge*) de Pfister, o pastor também conferia uma ampliação dos interlocutores da psicanálise, com especial destaque para as aplicações pedagógicas da teoria freudiana (*pedanálise*) e a questão da análise leiga, isto é, a prática psicanalítica por não médicos. Pfister foi um dos primeiros analistas não médicos e isso abriu caminho para o que Freud considerava fundamental à consolidação da psicanálise: sua emancipação em relação à medicina ao se aproximar de outros campos, como a pedagogia e a educação, além de contribuir para dissociar a imagem pública de que a psicanálise seria uma "ciência judaica".[145]

A questão da análise leiga foi um tema de intenso debate dentro e fora da comunidade psicanalítica, uma vez relacionada ao reconhecimento da psicanálise enquanto uma ciência que buscava se emancipar da medicina. A questão sobre a necessidade (ou não) da formação em medicina como critério fundamental a prática psicanalítica se tornou um problema a ser enfrentado principalmente após o julgamento

[142] MORANO, Carlos Domínguez. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável - Sigmund Freud e Oskar Pfister*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 40.
[143] Curiosamente Jung foi o mediador do primeiro contato entre Freud e Pfister. Em uma carta, Jung escreveu a Freud que Pfister era alguém extremamente engajado. Quando Jung e Freud romperam, quase todos os psicanalistas suíços se filiaram a Jung, enquanto Pfister se manteve leal a Freud. (*Idem*, p. 15.)
[144] ROUDINESCO, Elisabete; PLON, Michael. "Oskar Pfister". *In* _____. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. pp. 588-589.
[145] MORANO. *Psicanálise e religião. op. cit.*, pp. 104-106.

de Theodor Reik, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena acusado de charlatanismo por tratar de pacientes sem ser médico. Em resposta, Freud escreveu *A questão da análise leiga* (1926), onde discutia se leigos, assim como médicos, deveriam ter permissão para praticar psicanálise. Apesar de reconhecer que a formação em medicina era considerada a mais adequada na ausência de sociedades formadoras de psicanálise, Freud reforçava que sua teoria não deveria se tornar uma exclusividade médica, pois poderia desviar a forma de compreender os problemas psíquicos ao concentrar-se em aspectos biológicos.[146] Assim, admitia que a psicanálise fosse aceita como ramo especializado da medicina quando aplicada no tratamento de pacientes, mas também considerava que os neuróticos ofereciam mais possibilidades do que os indivíduos sãos e que privar os analistas não médicos desse contato poderia sacrificar a pesquisa científica e a própria formação psicanalítica.[147]

A discussão sobre a análise leiga também lança luz sobre outro aspecto muito discutido do método psicanalítico e que sinaliza as tensões diretas com os católicos: a confissão. Ao ser indagado pela "Pessoa Imparcial", seu interlocutor fictício no texto, que a catarse psicanalítica se assemelhava à confissão católica, Freud esclarecia que apesar de desempenhar um papel importante enquanto "introdução" à análise, a confissão estava longe de constituir sua essência. A diferença fundamental estava no fato de que "na confissão o pecador conta o que sabe; na análise o neurótico tem mais a dizer". Além de acusar que a confissão religiosa não tinha desenvolvido "força suficiente para eliminar sintomas patológicos reais", afirmava não ser possível compreender a análise a partir da comparação com a confissão católica ou com a hipnose, pois sua proposta era a criação de um "procedimento *sui generis*, algo novo e especial, que só pode ser compreendida com o auxílio de novas compreensões internas (*insights*) ou hipóteses"[148].

Embora Freud tenha versado sobre a questão de forma mais explícita em *A análise leiga*, as disputas sobre quem deveria ter autoridade sobre a cura das almas já aparecia em suas correspondências com Pfister. Em uma carta endereçada ao pastor, o médico austríaco esclarecia que

---

[146] *Ibidem*, p. 159.
[147] FREUD, Sigmund. "A questão da análise leiga: conversações com uma Pessoa Imparcial (1926)". *In* _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos*. volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 161.
[148] *Ibidem*, pp. 116-117.

> Não sei se o senhor adivinhou a ligação secreta entre a *Análise leiga* e a [O futuro de] *Ilusão*. Na primeira quero proteger a análise dos médicos, na segunda, dos sacerdotes. Quero entregá-la a uma categoria que ainda não existe, uma categoria de curas de alma seculares, que não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes.[149]

Ainda que apresentasse a psicanálise como um método imparcial que pudesse estar a serviço de qualquer área, a laicização da teoria e do método elaborados por Freud visava uma dupla emancipação: tanto da medicina quanto da religião.[150] Ao disputar pelo domínio da confissão, a psicanálise causou uma reação quase imediata dos católicos, que compreendiam a confissão como um sacramento de cura e acusavam a teoria freudiana de pansexualismo por circunscrever apenas na dimensão sexual a maioria dos problemas mentais dos indivíduos, além de atribuir a origem dessas desordens ao inconsciente, o que ia de encontro ao que a doutrina católica pregava sobre a culpa ser um domínio do consciente relacionado à conscientização do pecado.[151] Entre seus algozes, estavam o monge franciscano Agostino Gemelli e o alemão Wilhelm Schmidt. A influência deste último fez com que Freud adiasse a publicação de *O homem Moisés e a religião monoteísta*, com receio de que a Igreja Católica proibisse o exercício da psicanálise na Áustria.

Apesar das críticas mútuas e das discordâncias na forma de compreender a sexualidade (enquanto Freud a circunscrevia como centro das desordens psíquicas, a Igreja compreendia a sexualidade como fonte dos pecados mais graves), isso não impediu algumas aproximações a partir do interesse comum pela cura das almas. A posição oficial da Igreja em relação à psicanálise só mudou durante o pontificado de Pio XII, mas antes mesmo da abertura a esta psicoterapia, alguns grupos de psicanalistas católicos já discutiam sobre as possibilidades de conciliação entre psicanálise e fé ao diferenciarem a teoria do método freudiano, incorporando-o ainda ao discernimento vocacional e à formação dos próprios padres.[152]

Consideramos que a amizade de Freud e Pfister e os conflitos com a Igreja Católica ilustram o quanto as relações entre psicanálise e religião são complexas. Um exemplo é a própria ideia de *religião* presente nesse debate sobre a constituição da psicanálise. Embora Pfister argumentasse junto a Freud sobre as possibilidades de

[149] Carta de Freud a Pfister, 25/11/1928. *In* FREUD. *Cartas entre Freud e Pfister*. *op.cit.,* p. 167.
[150] MORANO. *Psicanálise e religião. op. cit.*, p. 111. Ver também BORI, Cesare. Oskar Pfister, "pasteur a Zurich" et analyste laïque. *Revue de L'Histoire de la Psychanalyse*, 1990, pp. 129-143.
[151] ROUDINESCO, Elisabete; PLON, Michael. "Igreja". *In* _____. *Dicionário de psicanálise*. *op. cit.,* pp. 367-370.
[152] ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Deus analisado: os católicos e Freud*. São Paulo: Loyola, 2014.

conciliar o tratamento psicanalítico com o cuidado pastoral das almas, também concordava com algumas das críticas do pai da psicanálise ao catolicismo. O próprio pastor luterano buscava diferenciar os cuidados da alma dos protestantes que tanto defendia daquilo que era promovido pelos católicos e endossava a crítica freudiana sobre os católicos serem mais vulneráveis às obsessões religiosas e às neuroses devido à hierarquia eclesiástica, a devoção à Virgem Maria, a prática dos sacramentos, a renúncia dos padres à sexualidade e a outros aspectos que, segundo Pfister, os impediam de experimentar o amor de Deus de forma mais plena.[153]

Longe de constituir um bloco monolítico, as relações entre ciência e religião são atravessadas por aspectos históricos e culturais específicos, o que permite identificar aproximações e diálogos entre os campos e refutar o "mito do conflito" que durante muito tempo classificava tais interações apenas como pares de oposição. Tal como demonstrado por vários trabalhos, como os de David Lindberg e Ronald Numbers[154], Gary Ferngren[155] e Peter Harrison[156], rejeitar esse mito implica não apenas em incorporar novas nuances das interações entre cientistas e religiosos, mas também em desessencializar as próprias categorias *religião* e *ciência*, então compreendidas como universais e imutáveis. O que esta revisão historiográfica busca ressaltar é que a rigidez das fronteiras entre ciência e religião também constitui um fenômeno histórico e circunscrito aos séculos XIX e XX, período marcado pela profissionalização dos cientistas, pela privatização das vivências religiosas e o consequente distanciamento entre essas duas esferas.[157] Isso também permite identificar os diferentes matizes que conferem complexidade a tais categorias, tal como apontado por Peter Harrison[158]. Segundo o autor, é importante atentar para o fato de que as categorias *ciência* e *religião* são historicamente recentes, da mesma forma que sinalizam "percepções cruciais sobre suas relações presentes". Mais do que anacronismo, o que Harrison afirma e propõe uma "cartografia histórica", ou seja, a elaboração de mapas adequados para

[153] MORANO. *Psicanálise e religião. op. cit.*, pp. 93-94.
[154] LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. *God and nature: historical essays on the encounter between Christianity and science*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1986. NUMBERS, Ronald L. (org.). *Galileo goes to jail: and other myths about science and religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
[155] FERNGREN, Gary B. (org.). *Science and religion: a historical introduction*. 2ª ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.
[156] HARRISON, Peter. *The Bible, Protestantism, and the rise of natural science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001; HARRISON, Peter. *The fall of man and the foundations of science*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007.
[157] WELTON, Stephen. "Science and religion". *In* FERNGREN, Gary B. (org.). *Science and religion: a historical introduction*. 2ª ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017. pp. 3-21.
[158] HARRISON, Peter. *Os territórios da ciência e da religião*. Viçosa: Ultimato, 2017.

compreender os territórios da ciência e religião segundo as fronteiras atribuídas pelos contextos históricos e culturais.

A partir dessas considerações, observamos que, no caso da psicanálise e do catolicismo, as relações entre ciência e religião não eram estáticas, mas ao contrário oscilavam de modo "pendular"[159] e dão o tom das mudanças nas orientações eclesiásticas durante os diferentes pontificados à frente da Igreja Católica, que ora se posicionava em uma rejeição obstinada à psicanálise, ora sinalizava uma abertura às suas contribuições terapêuticas. Ao apresentar a psicanálise como uma cura secular de almas, Freud entrava em disputa direta com a cura das almas promovida pelos católicos, mas também buscava reafirmar o caráter científico de sua teoria. Da mesma forma, as tensões com a religião também permitem identificar as diferentes matizes da *ciência* que a psicanálise anunciava ser. Ainda que a legitimação científica da psicanálise tivesse como horizonte a emancipação tanto dos religiosos quanto dos médicos, no caso brasileiro a medicina psiquiátrica foi uma das principais vias através das quais a doutrina freudiana se institucionalizou no país. No entanto, a dimensão popular também compõe o cenário de recepção da psicanálise no Brasil e se torna ainda mais relevante para refletir a educação sexual promovido pelos psicanalistas brasileiros, bem como sobre suas interações com os católicos. A psicanálise era uma das especialidades mobilizadas pela educação sexual científica proposta nas revistas *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*, que tinham como público alvo os leigos.

2.2. A psicanálise enquanto uma ciência popular

A institucionalização da psicanálise no Brasil ao longo da primeira metade do século XX se caracterizou, nas palavras de Jane Russo, pelas fronteiras "entre a ciência e a autoajuda".[160] Apesar da popularização da doutrina freudiana ter alcançado seu auge nas décadas de 1960 e 1970, os anos 1950 também são um período importante – e ainda pouco estudado – para refletir sobre a recepção brasileira da psicanálise. É neste período em que as sociedades psicanalíticas brasileiras são oficialmente reconhecidas pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), quando também há uma maior

[159] ARAÚJO. *Deus analisado. op cit*.
[160] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op.cit.*

contribuição dos meios de comunicação de massa para dar visibilidade e maior acesso a esse tipo de psicoterapia.[161]

A entrada da psicanálise no país durante as décadas de 1920 e 1930 coincide com o período de intenso debate intelectual e político sobre as possibilidades do Brasil se tornar uma nação civilizada em meio a tantos obstáculos, como as doenças que comprometiam o desenvolvimento das gerações futuras. Esse cenário contribuiu para diferentes apropriações e leituras da psicanálise, que oferecia explicações para a identidade nacional e a sublimação das tendências primitivas do povo brasileiro.[162] No campo médico, a psicanálise era avaliada pelos psiquiatras como uma técnica auxiliar ao tratamento dos doentes mentais internados nos asilos psiquiátricos.[163] A teoria freudiana se apresentava como um fator capaz de transformar o "id primitivo" em "ego civilizado" através da sublimação dos instintos sexuais, o que por sua vez permitiria corrigir também as degenerações nervosas – o alcoolismo, a prostituição, a criminalidade e outras taras hereditárias – que acometiam aqueles indivíduos que não se encontravam nos hospícios.[164]

No Rio de Janeiro, então capital federal, os "precursores" da psicanálise eram médicos que formavam o *establishment* psiquiátrico brasileiro, como Juliano Moreira, Henrique Roxo, Júlio Porto-Carrero, Durval Marcondes, Antonio Austregésilo e Arthur Ramos. Alguns desses médicos também eram membros da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)[165], espaço onde discutiam e reafirmavam a importância da educação no projeto médico de intervenção social e "saneamento racial" do Brasil que visavam garantir a saúde e o desenvolvimento do país.[166] A percepção da psicanálise como "uma alternativa moderna e científica para os preceitos da moral tradicional, vistos como arcaicos e ultrapassados" contribuiu para sua incorporação junto aos preceitos

[161] Sobre a relevância dos meios de comunicação na divulgação da psicanálise, cf. TURKLE, Sherry. "Psychoanalysis as popular culture: the perils of popularity". *In* _____. *Psychoanalytic politics: Freud's French Revolution*. London: Free Association Books, 1992. pp. 191–209.

[162] FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise para brasileiros: história de sua circulação e apropriação no entreguerras. *Culturas Psi* [online], n. 1, 2012, pp. 45-62.

[163] FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos Fidélis. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psyché*, São Paulo, v. VII, n. 11, 2003, p. 74.

[164] CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do "id primitivo" em "ego civilizado": o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. 231 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

[165] Fundada em 1923 por Gustavo Riedel, a LBHM contou com a participação da elite psiquiátrica brasileira, além de outros médicos, educadores, juristas, intelectuais e políticos. Suas atividades e debates eram divulgados nos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. (RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op.cit,*. pp. 20-21.)

[166] REIS, José Roberto Franco. "De pequenino é que se torce o pepino": a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar.-jun. 2000, pp.135-157.

higiênicos e eugênicos debatidos pelos médicos no interior da Liga.[167] Foi inclusive na LBHM que foi criada uma Clínica de Psicanálise, no ano de 1926, com a intenção de atuar não apenas na clínica, mas também nas escolas, na correção dos menores infratores, na promoção da educação sexual e no combate aos degenerados.[168]

Embora o próprio Freud enfatizasse que pretendia emancipar a psicanálise da medicina, foi justamente a filiação com a psiquiatria que conferiu à teoria freudiana um estatuto científico no Brasil. Alguns de seus divulgadores, como Júlio Porto-Carrero e Arthur Ramos, buscavam ainda filiá-la a outros campos, como a pedagogia, a educação e a higiene mental a fim de demonstrar suas potencialidades e aplicações científicas, com especial destaque para a educação. Compete destacar que durante os anos 1930 a 1950 o debate sobre a psicanálise também esteve marcado pela implementação de programas de higiene mental escolar.[169] Como exemplo dessas propostas, destacam-se as atividades realizadas no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria da Educação, criado em 1934 e chefiado por Arthur Ramos, e na Seção de Higiene Mental Escolar na Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1938 por Durval Marcondes. Para ambos os médicos, a higiene mental deveria atuar como uma terapia na profilaxia e correção de "traumas" ainda na infância, de modo a evitar que se tornassem incorrigíveis na fase adulta.[170] A psicanálise foi incorporada aos propósitos higienistas que valorizavam a educação como instrumento de controle e sublimação dos instintos sexuais, principalmente no tratamento das crianças anormais, cujos desajustes e problemas na aprendizagem eram atribuídos a problemas de ordem familiar e social.

Enquanto a psicanálise ganhava cada vez mais legitimidade entre a comunidade médica no Rio de Janeiro, o mesmo não ocorria em São Paulo, onde a psiquiatria não era tão consolidada institucionalmente e onde houve certa rejeição dos médicos à forma como a psicanálise abordava a questão sexual. Embora seus principais divulgadores no cenário paulista também fossem médicos, como Franco da Rocha e Durval Marcondes, as resistências à incorporação da psicanálise pela comunidade médica paulista contribuíram para que o grupo mais interessado em ler e discutir Freud fosse formado

[167] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op.cit.* p. 20-21.
[168] REIS. "De pequenino é que se torce o pepino". *op. cit.*
[169] BARROS, Juliana Fernanda de; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Psicanálise e Educação no Brasil a partir de 1950: um estudo histórico. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 22, n. 2, ago. 2017, pp. 370-387.
[170] GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Arthur Ramos e Durval Marcondes: higiene mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950). *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 128, 2014, pp. 951-966.

por uma elite intelectual. Incluíam-se nesse grupo artistas modernistas como Oswald e Mário de Andrade que viam na psicanálise uma possibilidade de refletir sobre a identidade brasileira e as origens da brasilidade.[171]

A necessidade de formar "corporações psicanalíticas"[172] levou a criação da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo, pelo médico Franco da Rocha, em 1927. A seção carioca foi fundada dois anos depois e teve Juliano Moreira como primeiro presidente.[173] Após a transferência da sede para o Rio de Janeiro, a sociedade psicanalítica foi reconhecida pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) como *study group*, criando uma demanda pela vinda de didatas estrangeiros para formar os psicanalistas brasileiros.[174] A institucionalização da psicanálise se consolidou apenas na década de 1950, quando as sociedades psicanalíticas fundadas nos anos 1920 foram oficialmente reconhecidas em âmbito internacional: a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em 1951 e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) em 1957.[175]

Dentre as atividades desempenhadas pelas sociedades psicanalíticas, estavam palestras, conferências e traduções das obras de Freud para o português publicadas pela editora Guanabara-Koogan. Havia uma preocupação com a forma adequada de traduzir os termos psicanalíticos para o português[176] e as primeiras publicações datam da década de 1930. O projeto de tradução dos textos freudianos foi interrompido pouco tempo demais e retomado apenas na década de 1950, quando foi publicada pela Editora Delta a coleção "Obras Completas", organizada por Elias Davidovitch e composta de 18 volumes. Embora os anos 1950 também sejam marcados pelo retorno da tradução e publicação de uma coletânea das obras de Freud, compete destacar no intervalo entre as coleções das editoras Guanabara-Koogan e Delta, foram publicados muitos livros de

[171] FACCHINETTI. Psicanálise para brasileiros. *op. cit.*
[172] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op.cit.* p. 19.
[173] PONTE, Carlos Fidelis. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil.* 190 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999; FACCHINETTI; PONTE. De barulhos e silêncios. *op. cit.*
[174] Um dos critérios de formação em psicanálise era a submissão do analista à análise. Como no Brasil não haviam analistas formados, a IPA recomendava que viessem estrangeiros para formar os didatas brasileiros. Muitos brasileiros foram para a Argentina a fim de se formarem em psicanálise, mas a chegada de Adelheid Koch em São Paulo nos anos 1930 e de Mark Burke e Werner Kemper no Rio de Janeiro em 1948 revelam os esforços de garantir a institucionalização da psicanálise no país. (RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op.cit.*)
[175] Havia ainda a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) criada em 1953 por Werner Kemper e reconhecida pela IPA em 1955. (*Ibidem*, p. 82).
[176] CASTRO, Rafael Dias de. Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, out.-dez. 2015, pp.1451-1465.

Freud e sobre o autor em coleções e bibliotecas de divulgação científica, dentre as quais se destacam os volumes traduzidos por Gastão Pereira da Silva mencionados no capítulo 1 e publicados na coleção "Freud ao alcance de todos", da editora Calvino.[177] Isso nos permite identificar que as traduções, ao mesmo tempo em que representavam uma estratégia de reafirmar o caráter científico da psicanálise entre os médicos, também foram usadas no propósito da divulgação para leigos, público alvo dos livros de Gastão. Os livros de Gastão, por exemplo, visavam alcançar um público diferente daqueles que os psicanalistas médicos pretendiam: os leigos.

Além do percurso institucional, marcado pela atuação de médicos e intelectuais, o processo de constituição do campo psicanalítico brasileiro possui outra dimensão importante que conferiu à psicanálise um caráter de "autoajuda": a popularização junto aos leigos. Se de um lado, a relação com a psiquiatria garantia um respaldo científico na aplicação da psicanálise no tratamento e prevenção das doenças mentais[178], de outro, a divulgação da psicanálise em outros espaços fora dos asilos, principalmente entre grupos não especialistas, contribuiu para que já houvesse uma demanda por esse tipo de terapia quando as sociedades psicanalíticas foram oficializadas pela IPA.[179]

A popularização da psicanálise tinha em Gastão Pereira da Silva seu principal divulgador. A importância dada pelo psicanalista aos meios de comunicação enquanto recurso de divulgação, já apontada no capítulo 1, era acompanhada de outras iniciativas, como a realização de cursos de formação em psicanálise por correspondência ao longo de sua carreira.[180] Embora o grande *boom* sexológico e da popularização leiga da psicanálise tenha ocorrido durante os anos 1930, esse cenário se mantinha na década de 1950. Segundo Russo, a atuação de Gastão contribuiu para o caráter de "autoajuda psicanalítico-sexológico" da psicanálise e para que a psicanálise já estivesse bem conhecida fora dos círculos médicos na ocasião da oficialização das sociedades psicanalíticas do país.[181]

No que diz respeito à educação sexual, o esforço de popularização da psicanálise esbarrava na sexologia, também preocupada em divulgar teorias científicas para um público não especializado. Como exemplo desse diálogo entre psicanalistas e sexólogos, destacamos a participação de Porto-Carrero como membro do Círculo Brasileiro de

[177] BOTTMANN, Denise. Curiosidades freudianas (1931-1969). *Belas Infiéis*, Brasília, v. 2, n. 2, 2013, pp. 159-173.
[178] MELLONI. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959), op. cit*.
[179] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*
[180] Sobre os cursos de correspondência, cf. MARCONDES. "Nós, os charlatães". *op.cit.*, p. 69.
[181] RUSSO. *O mundo psi no Brasil. op. cit.*

Educação Sexual (CBES), fundado pelo sexólogo José de Albuquerque no propósito de divulgar a educação sexual através de livros, revistas, conferências e exposições.[182] Porto-Carrero era um dos precursores da psicanálise mais engajados com sua dimensão educativa e, portanto, também se preocupava com a educação sexual.[183] Muitas vezes a educação sexual é referenciada como sinônimo de "higiene sexual", devido ao seu caráter profilático no caso do contágio das doenças venéreas e da transmissão das taras hereditárias, além de contribuir para o cuidado com as crianças anormais. Apesar de sua participação no CBES, que tinha pretensões populares, Porto-Carrero tinha uma atuação mais engajada na divulgação da psicanálise em círculos acadêmicos e sua audiência era composta por um público mais restrito, como médicos, estudantes de medicina e educadores.

Sérgio Carrara e Jane Russo[184] afirmam que, embora também se apresentasse como uma especialidade científica que buscava romper com saberes "conservadores" e "antiquados" sobre o sexo, a sexologia se manteve mais à margem das comunidades científicas tradicionais do que a psicanálise. Segundo os autores, essa configuração pode ser atribuída ao fato de que a psicanálise mantinha um forte diálogo com a psiquiatria e muitos de seus divulgadores no Brasil eram médicos de carreira e prestígio acadêmicos, o que não se reproduziu no caso dos sexólogos, chamados de "pervertidos" e "exóticos". Ainda que os sexólogos tenham publicado muitos livros sobre educação sexual, o perfil das editoras também indica essa diferença de credibilidade científica entre a sexologia e a psicanálise, além de posicionamentos políticos e tensões religiosas. Os sexólogos, por exemplo, tinham mais espaço em editoras de orientação anticlerical, como a marxista Calvino e a judaica Guanabara.[185] Já a José Olympio, uma das editoras de maior prestígio do período, soube combinar autores católicos, como o padre Álvaro Negromonte, com publicações que não feriam diretamente os princípios religiosos, como as de Gastão Pereira da Silva. A publicação de vários títulos do psicanalista pela José Olympio indica um considerável prestígio do autor e da própria psicanálise em relação à sexologia.[186]

---

[182] O CBES funcionava na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro e promovia diversas atividades dedicadas à divulgação científica e popularização da educação sexual: cursos, conferências para leigos, palestras e exposições realizadas na Pinacoteca de Educação Sexual, também localizada no prédio da ABI.

[183] MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

[184] CARRARA; RUSSO. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras. *op. cit.*

[185] *Ibidem*, p. 288.

[186] CARRARA; RUSSO. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras. *op. cit*., p. 280.

Ainda assim, compete apontar algumas contribuições importantes da sexologia para a popularização da educação sexual no Brasil durante o período, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1950. Além de publicar algumas obras de Albuquerque[187], o CBES promovia concursos de livros de educação sexual, cujo prêmio recebia o nome de seu fundador. O prêmio José de Albuquerque era realizado anualmente e alguns dos livros vencedores tinham sua distribuição gratuita, como o livro *Educação sexual (a que leva as curiosidades infantis insatisfeitas)* da escritora Ignez Moriz.[188] As atividades do CBES são muito representativas do engajamento dos sexólogos com a formação de uma política sexual capaz de contribuir com a saúde do país.[189] Em 1958, o CBES completou 25 anos e, em comemoração, José de Albuquerque publicou o livro *Quatro letras... Cinco lustros*, onde avaliava a trajetória da instituição e o alcance de suas iniciativas.[190] Ainda que tenha encontrado resistências, principalmente de grupos conservadores e moralistas, a multiplicidade de atividades realizadas no CBES ressalta a importância da sexologia para a popularização do debate sobre a educação sexual durante o período. A atuação de José de Albuquerque representou uma estratégia bem sucedida de mediação cultural enquanto forma de legitimação da sexologia junto a um público leigo diante da falta de abertura dentro dos círculos acadêmicos.

O emprego de práticas semelhantes na divulgação para leigos tornavam as fronteiras entre psicanálise e sexologia meio borradas nas páginas de *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*, uma vez que as duas especialidades eram mobilizadas no esforço de instruir os leigos em noções de educação sexual. Ainda assim, o fato de Gastão assinar um consultório em revista e mobilizar a psicanálise como principal solução aos problemas e doenças relatadas por seus consulentes anônimos pode ser considerado um esforço de reafirmar a autoridade do psicanalista enquanto uma

[187] Dentre as publicações de José de Albuquerque pelo CBES, destacamos *Moral sexual* (Typ. Coelho, 1930), *O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade* (CBES, 1936) e *Catecismo de educação sexual* (Civilização Brasileira, 1940). Nestas obras, o sexólogo defendia uma moral sexual baseada na ciência e reafirmava a necessidade da educação sexual não apenas visando a superação de preconceitos sexuais e a profilaxia das doenças venéreas, como também a normalização das funções sexuais e a reafirmação do prazer como atributo e não como finalidade do sexo. Cf. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; REIS, Giselle Volpato. "A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil". *In* RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. pp. 27-71.

[188] Prêmio José de Albuquerque 1939. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 669, 06/04/1940, p. 3.

[189] CHUCAILO, Vanessa Cristina. *"O sexo à luz da verdade e da sciencia": um estudo sobre os discursos de educação sexual e sexualidade no jornal O Comércio de Porto União/SC (1933-1941)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Irati, PR, 2015. p. 63.

[190] O fac-símile foi reproduzido em CARRARA Sérgio; CARVALHO, Marcos. *Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

alternativa à confissão dos padres. Os conselhos, diagnósticos e tratamentos possíveis eram pautados em critérios científicos.

Tanto nas associações e sociedades científicas quanto nos meios de comunicação de massa, a psicanálise congregava um espaço cada vez maior no cenário público enquanto uma especialidade que se pretendia científica, disputando lugar com outros discursos científicos, como a sexologia, a higiene, a eugenia, a psiquiatra, e com discursos de outra ordem, como a religião. Ainda que a iniciativa de popularizar a psicanálise em outros espaços fora das fronteiras acadêmicas tenha conferido a Gastão uma posição marginal em relação aos médicos e aos psicanalistas vinculados às sociedades psicanalíticos, a psicanálise divulgada em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* se anunciava como científica e Gastão buscava apresentá-la como uma especialidade eficaz no tratamento das doenças e das desordens a partir das consultas individuais e anônimas realizadas nas seções de correspondência com os leitores, onde eram apresentadas terapêuticas individualizadas e adequadas às especificidades relatadas pelos consulentes. Isso nos permite compreender não apenas as estratégias de popularização da psicanálise, como também de que maneira esse movimento contribuía para a divulgação de um modelo de educação sexual que se pretendia científico e popular, atento a todas as etapas de desenvolvimento psicossexual dos indivíduos e que tinha a leitura como terapêutica complementar ao tratamento psicanalítico.

2.3. A educação sexual à luz da psicanálise

A primeira finalidade da educação sexual deveria ser a prevenção. Em resposta a um inquérito sobre a educação sexual realizado pelo eugenista Renato Kehl ainda nos anos 1930, Porto-Carrero afirmava que "educar sexualmente é observar, desde o nascimento, as tendências sexuais da criança [...] e nortear essas tendências". Baseando-se na teoria sobre a sexualidade infantil elaborada por Freud em *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1905), os psicanalistas ressaltavam que a boa educação sexual científica deveria ter como ponto de partida a infância.[191] Os pais deveriam estar atentos às situações em que as crianças sentiam prazer, como a amamentação e a defecação, a fim

[191] Ao concluir que a maioria dos traumatismos psíquicos eram causadas por impressões recalcadas no inconsciente pela amnésia infantil, Freud deslocava a origem do desenvolvimento psicossexual para a infância, rompendo ainda com o consenso da época que considerava as crianças como indivíduos assexuados e inocentes. (FREUD, Sigmund. "Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1905)". *In _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905).* volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 76-150.)

de "impedir que as funções orgânicas que causam prazer se prolonguem por motivo desse prazer".[192] Era importante sublimar o prazer sexual infantil para outras atividades, de modo a corrigir os maus hábitos desde a sua mais tenra manifestação a fim de que não degenerassem em vícios e neuroses durante a fase adulta.

Muitos casos de desvios sexuais eram atribuídos aos pais, acusados de não saber educar seus filhos ou de educá-los de forma errada ao tratar as funções sexuais como "pecaminosas" e "imorais" e ignorar sua dimensão "normal" e necessária do ponto de vista fisiológico.[193] No primeiro número de *Seleções Sexuais*, a redação justificava a publicação da revista alertando sobre a urgência de superar a ignorância sexual atribuída ao "falso pudor", aos "preconceitos sociais" e ao "excessivo zelo paternal". A ignorância era definida como "a mãe de todos os vícios" e responsável por "desregramentos emocionais" e "inúmeros matrimônios infelizes".[194] As desordens causadas pelo desconhecimento nos assuntos sexuais tornava urgente uma educação sexual que fosse "preparatória, consciente e honesta", ainda que esse esforço encontrasse toda e qualquer publicação que abordavam o assunto do ponto de vista exclusivamente científico, e não religioso.[195] No entanto, não bastava apenas falar sobre o sexo; era importante abordar o assunto de forma científica e adequada às etapas do desenvolvimento psíquico dos indivíduos: infância, adolescência, juventude e fase adulta. Junto com *Ciência & Sexualidade*, *Seleções Sexuais* buscava promover a educação sexual para os leigos, de modo a instruí-los e indicar possibilidades terapêuticas a partir da popularização de teorias científicas. A divulgação da doutrina psicanalítica nessas revistas implicava no uso de uma linguagem simples e didática, que incorporava ainda alguns casos concretos que buscavam atestar a eficácia da psicanálise na cura das desordens sexuais e afetivas.

Quanto às fases da educação sexual, o apelo a uma instrução sexual desde a infância justificava ainda que o conhecimento sobre a procriação e o nascimento era tão importante quanto "os estudos escolares da leitura, escrita ou matemática"[196]. A insistência dos pais em histórias lúdicas sobre o nascimento dos bebês, como o conto da cegonha, era considerada extremamente prejudicial, pois poderia causar excessos de imaginação e, em última escala, criar adultos neuróticos. A ausência de uma explicação

[192] PORTO-CARRERO, Júlio Pires. Resposta de um especialista. *Boletim de Eugenia*, ano II, n. 24, 1930, pp. 5-6.
[193] Amanhã será tarde demais! A educação sexual dos menores. *SS*, n. 5, 1952, pp. 24-25.
[194] A REDAÇÃO. Aos leitores. *op. cit.*
[195] *Ibidem*.
[196] KRAUSE, H. R. A educação sexual. *SS*, n. 26, 1954, pp. 60-64.

satisfatória e científica alimentaria ainda mais as teorias sexuais infantis, como a ideia de que as mulheres também possuíam um pênis, de que as crianças nasciam do ânus ou ainda de que os homens podiam gerar filhos.[197]

Os pais, portanto, eram mobilizados como os principais responsáveis pela educação sexual dos filhos e orientados a não reprimir de modo algum nem se escandalizar com as perguntas das crianças. O momento mais oportuno para a educação sexual na infância (isto é, até os 10 anos) era aproveitar a própria curiosidade infantil e dar apenas as informações necessárias para satisfazê-la. Comparar o comportamento sexual humano com o dos animais era indicado como uma boa estratégia para informar aos pequenos. Esta também era uma solução defendida pelos católicos e a passagem do livro *A educação sexual*, do padre Negromonte, que abordava a origem dos bebês foi, inclusive, transcrita em um número de *Seleções Sexuais*. A educação sexual infantil implicava, ainda, no ensinamento dos cuidados higiênicos com os órgãos sexuais.[198]

Já a adolescência merecia uma atenção mais rigorosa por ser o momento em que as transformações do corpo e o interesse pelo sexo oposto despertavam os instintos sexuais. Aqui a educação sexual deveria se ocupar de fornecer as informações corretas e necessárias a fim de ensinar um maior controle sobre os impulsos sexuais. Tornava-se fundamental combater o silêncio que muitas vezes os pais consideravam a melhor forma de educar seus filhos. Em um artigo publicado em *Seleções Sexuais* sobre a educação sexual dos menores, era alertado que "esconder a verdade sexual" era uma falsa solução, uma vez que os adolescentes poderiam encontrar no cinema, em livros e jornais ou mesmo na "promiscuidade escolar e social" outras fontes de informação, que não ensinariam nada além de "transtornar a serenidade dos pensamentos do adolescente" e "sugestionar o espírito", criando um "estado mórbido" que poderia ser evitado.[199]

A vulnerabilidade dos adolescentes diante de más explicações fornecidas pelos meios de comunicação era mobilizada como forma de ressaltar a importância de uma educação sexual acessível, questão também compartilhada pelos católicos mobilizados com a questão. Havia uma grande preocupação de que os adolescentes e jovens aprendessem através de "pessoas estranhas e das ruas" e, portanto, os pais deveriam se manter como a principal referência dos filhos a fim de preservá-los contra os "castigos

[197] FREUD, Sigmund. "Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)". *In:* _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. volume IX. Rio de Janeiro: Imago. pp. 111-122.
[198] NEGROMONTE, mons. Álvaro. A origem do bebê (extraído de "A educação sexual"). *SS*, n. 6, 1952, pp. 7-10.
[199] Amanhã será tarde demais! *op. cit.*

inexoráveis que são as doenças mentais e físicas e os sofrimentos que acompanham sempre estas anormalidades".[200]

A gravidez precoce e a prevenção contra doenças venéreas eram eleitas os principais "problemas torturantes" para os jovens que os pais deveriam saber lidar. Não instruí-los "contra os perigos da concepção e das doenças venéreas" era apontado como uma "leviandade" e um descuido no "ponto mais importante" da educação dos filhos.[201] O "cuidado de si" que a educação sexual deveria promover nessa fase também implicava em instruir os adolescentes sobre os efeitos nocivos da masturbação. Embora esta prática fosse julgada por alguns médicos como um "processo fisiológico" próprio da adolescência e, portanto, "normal" nesta fase do desenvolvimento sexual, deveria ser gradualmente abandonada a fim de que não se mantivesse na idade adulta, quando então se constituiria em um vício grave. A masturbação poderia ser "gradualmente abandonada" – ou ainda, sublimada – através de um estilo de vida saudável ao ar livre e a práticas de esportes, apontados como recurso mais eficaz do que ameaças e castigos.[202]

Era importante instruir ainda os jovens sobre a primeira relação sexual, pois a noite de núpcias causava muitas expectativas – principalmente às mulheres – e a este evento era atribuída a responsabilidade por toda a felicidade conjugal do casal.[203] Mas também poderia ser uma fonte inesgotável de desordens quando acontecia de forma despreparada. As mulheres eram consideradas as vítimas mais vulneráveis a traumas psíquicos decorrentes do ato sexual, sobretudo a frigidez ou "frieza sexual", devido a sua natureza mais "neurossensível" e às expectativas que depositavam sobre a perda da virgindade. A moral sexual também tinha um peso importante sobre essa questão, ao ser mais permissiva para os homens enquanto associava a virgindade até o casamento como sinônimo de honra e honestidade das mulheres. A brutalidade com que os maridos conduziam o ato sexual na primeira noite do casamento era definida como uma falta grave responsável por tornar as mulheres "frias", além de ser uma demonstração da ignorância masculina em assuntos de anatomia e psicologia femininas. Portanto, a educação sexual preocupava-se em instruir homens e mulheres sobre o funcionamento dos órgãos sexuais em suas diferenças, sobre a virgindade e as mudanças decorrentes do

[200] *Ibidem*.
[201] KRAUSE. A educação sexual. *op. cit.*
[202] *Ibidem*.
[203] SILVA, Gastão Pereira da. *O tabu da virgindade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Mundo Latino, 1952.

defloramento, a fim de garantir uma iniciação sexual saudável e, por extensão, a harmonia conjugal.

Embora a família fosse eleita como o local mais adequado para a realização da educação sexual, os pais também eram acusados de falhar nessa missão educativa, fosse por ignorância, fosse pelo constrangimento e pudor em abordar os assuntos sexuais. Desta forma, admitia-se que os professores também deveriam ser preparados para educar as crianças e os adolescentes na ausência de uma educação sexual familiar. Essa preparação deveria acontecer à luz da psicanálise, de modo a identificar os comportamentos infantis passíveis de neurose e correção.

Ainda que não tenha colaborado em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*, compete destacar algumas considerações de Porto-Carrero sobre a educação sexual escolar, tendo em vista que o médico era um dos psicanalistas mais engajados com a divulgação da psicanálise junto aos educadores, para quem buscava ressaltar os benefícios e as contribuições da psicanálise quando incorporada à educação escolar higiênica, embora suas ideias não tenham sido muito bem recebidas pelos educadores.[204] Segundo o psicanalista, os assuntos sexuais deveriam ser abordados em turmas mistas e de forma diluída em outras disciplinas, como a biologia, e não como uma disciplina específica. Tal perspectiva também era compartilhada pelos sexólogos.[205] Uma instrução mais detalhada só deveria acontecer quando os alunos já estivessem na adolescência para que fossem devidamente instruídos de forma mais profunda nos assuntos sexuais. Era importante tratar as "coisas sexuais" com a mesma naturalidade que as demais funções do corpo e os demais conhecimentos escolares, pois abordar o assunto de maneira especial poderia sugestionar os alunos, ao invés de instruí-los.

A escola deveria atuar em uma formação complementar à educação sexual realizada na família, apenas quando os pais não cumpriam com sua função educadora. Ainda assim, as propostas de uma educação sexual escolar encontraram dificuldades de implementação e resistências por parte de outros grupos preocupados com a educação sexual. Entre os argumentos contrários, estava o de que a educação sexual deveria ser uma atribuição exclusiva da família e realizada segundo seus valores morais e religiosos. Os católicos eram um desses grupos e defendiam que, enquanto parte de uma

[204] FELICIO. *A moralização do sexo. op. cit.*
[205] REIS, Giselle Volpato dos. *Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920- 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2006.

educação geral dos filhos, a educação sexual deveria ser responsabilidade exclusiva dos pais. Além disso, os católicos acusavam a educação sexual escolar de ser excessivamente científica e técnica, o que poderia desviar da finalidade espiritual que a instrução sexual deveria ter, orientada para a "educação da pureza" e a "formação da castidade".[206]

Embora ressaltassem a importância de uma educação sexual desde a infância e o protagonismo dos pais na promoção dessa instrução profilática, *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* buscavam atuar de forma mais direta na educação sexual dos indivíduos jovens e adultos, uma vez que tinham publicação restrita a um público maior de 18 anos. Mesmo quando não era possível prevenir os desarranjos sexuais, a educação sexual também deveria agir, porém de maneira corretiva. Afinal, muitas eram as perturbações sexuais atribuídas à ausência de uma educação sexual, tal como respondido ao consulente Parc na seção "Confidências":

> O que acontece com V. ocorre com a maioria. Não há, ainda, entre nós, educação sexual, de sorte que inúmeras anomalias, que mais tarde se apresentam, têm raízes na infância mal orientada. O tempo, entretanto, corrige, em alguns casos, tais desvios. Outras vezes, neles não interfere, acarretando para o indivíduo prejuízos de toda ordem na esfera emocional. Ao que parece, com V. o tempo o favoreceu, pois do contrário V. teria vindo a sofrer daquilo a que chamamos de "complexo de castração" e as consequências seriam muito mais sérias.[207]

Nas revistas predominava essa dimensão corretiva da educação sexual, principalmente nas seções de correspondência com os leitores. A partir das informações contidas nas cartas enviadas pelos leigos e dos conselhos publicados sobre o que deveriam fazer e a quem deveriam recorrer em casos que necessitavam de intervenção médica, é que localizamos as propostas da educação sexual defendida pela psicanálise, com especial destaque para a leitura enquanto um tratamento às desordens sexuais. Entre os diagnósticos realizados nesse espaço de mediação direta com os leitores, destacavam-se a homossexualidade, a masturbação e outras "perversões sexuais", além da frigidez ou "frieza sexual" feminina e da impotência masculina.

É curioso observar que o principal critério de classificação das perversões sexuais utilizados pela psicanálise era o mesmo adotado pela psiquiatria: o desvio da função sexual. Diferente de outras anomalias sexuais que se definiam pelo excesso, como a ninfomania, ou pela falta de alcançar o prazer sexual, como a frigidez e a

[206] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, pp. 31-32.
[207] Confidências. *SS*, n. 6, 1952, pp. 63-64.

impotência, qualquer ato sexual dissociado da reprodução era diagnosticado como perversão.[208] Esse critério de classificação dos transtornos sexuais revela um paradoxo importante: ainda que justificasse seu propósito de uma educação sexual em resposta aos excessos de moralidade relacionados ao sexo, a psicanálise também compartilhava da moral sexual da época que circunscrevia como "normal" apenas o sexo voltado para a finalidade procriativa e como "doença" qualquer desvio dessa função.

O casamento é um exemplo do quanto a dimensão moral estava presente na educação sexual idealizada pela psicanálise. A união conjugal era proposta a muitos consulentes de "Confidências" e "Consultório (clínica sexual)" como a principal garantia de normalizar das relações sexuais quando não conseguiam satisfazer suas necessidades sexuais com o "comércio sexual com prostitutas"[209] e buscavam "reciprocidade no amor"[210], quando temiam que o tamanho do pênis não era suficiente para levar suas parceiras ao prazer[211] e, principalmente, quando os pacientes relatavam não ter controle sobre seus vícios, como a masturbação e a homossexualidade[212]. Assim, eram muito frequentes conselhos do tipo "case-se e assim poderá normalizar as suas relações sexuais".[213]

A homossexualidade se destacava entre os muitos casos em que a psicanálise constituía uma terapia corretiva. É o caso do consulente Axeman e de tantos outros homens que confessavam não sentir nenhuma atração sexual por mulheres e, por isto, escreviam para as seções de correspondência em busca de explicações para a existência de tal "anomalia". Parte desta angústia que mobilizava a procura por aconselhamento vinha do fato de só sentirem atração e manterem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, mesmo quando não possuíam "aquela feminilidade altamente denunciadora dos homossexuais".[214] Ao distinguir a homossexualidade congênita e a homossexualidade adquirida, Gastão Pereira da Silva buscava definir uma esfera de intervenção da psicanálise: enquanto os homossexuais congênitos eram diagnosticados como "naturais" e, portanto, incuráveis por sua condição, os homossexuais adquiridos poderiam ter suas tendências revertidas através do tratamento psicanalítico. Tais casos eram atribuídos a traumas causados por "moléstias" ou por "recalques infantis por má

[208] LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
[209] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 14, *op.cit.*, p. 21.
[210] *Idem*, n. 3, *op.cit.*, p. 46.
[211] Confidências. *SS*, n. 3, 1952, p. 22.
[212] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 15, 1954, p. 8.
[213] *Idem*, n. 16, 1954, pp. 6-9.
[214] Confidências. *SS*, n. 11, 1953, pp. 22, 42-45.

educação"[215]. Enquanto forma de corrigir as tendências homossexuais, os consulentes eram orientados a evitar "aproximações de caráter sexual com homens" e ter mais convívio com mulheres[216], mesmo quando relatavam ter "aversão à mulher"[217], além de procurar um psicanalista.[218] A psicoterapia era considerada o "único meio capaz de corrigir o desvio da libido" dos consulentes, pois apenas um especialista poderia ajudá-los a "inverter os valores sexuais" de modo que passem a sentir atração pelo sexo oposto.[219]

Muitas vezes a homossexualidade era acompanhada de outra perversão: a masturbação. A insistência nesta prática "perniciosa" e "nefasta" era diagnosticada como um vício grave responsável por desencadear um "estado de nervosismo e de inquietação sexual"[220] e de levar "o homem à impotência e a mulher à frieza sexual"[221]. Trocar relações sexuais normais pelo "vício solitário" era considerado "um crime de lesa saúde" e, em alguns casos, manter relações extraconjugais e até mesmo a prostituição era permitido enquanto um "mal necessário" contra a masturbação e a continência sexual, desde que fossem tomados os devidos cuidados de prevenção contra as doenças venéreas.[222] É curioso observar como o vocabulário médico constantemente também chamava a masturbação de "onanismo", em referência à história de Onã, narrada no livro bíblico de Gênesis[223], reforçando a ideia de punição ao vício solitário.

Apesar de o onanismo ser uma "válvula de segurança no período de uma castidade imposta por conveniências", tornava-se fundamental alertar sobre a "importância patológica e moral" da masturbação e tudo de nocivo que a "Vênus solitária" poderia causar "sobre o corpo e o espírito" de seus praticantes.[224] Nas revistas,

---

[215] *Idem*, n. 6, *op. cit*.
[216] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 14, *op. cit.*, p. 21.
[217] *Idem*, n. 4, *op. cit.*, p. 21.
[218] Mesmo após a homossexualidade ter deixado de configurar uma patologia no DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders)* na década de 1970, a "cura gay" continua em discussão, tendo em vista as práticas defendidas pelo Conselho de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) e episódios recentes envolvendo medidas judiciais que buscam autorizar psicólogos e psiquiatras a oferecer tratamento de reversão da orientação sexual de homossexuais. Cf. GIUMBELLI, Emerson. (org.). *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
[219] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 4, *op. cit.*, p. 21.
[220] Confidências. *SS*, n. 4, *op. cit.*, p. 28.
[221] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 16, *op. cit.*, p. 6.
[222] *Idem*, n. 4, *op.cit.*, p. 18.
[223] Gênesis 38: 9-10. Conta o livro bíblico que Onã se recusava a engravidar sua esposa, viúva de seu irmão, e desperdiçava o sêmen quando mantinha relações sexuais com ela. Esse comportamento desagradou tanto a Deus que Onã foi punido com a morte.
[224] Amanhã será tarde demais! *op. cit.* É interessante observar que essas noções de saúde e doença também são encontradas nos "romances pornográficos" ou "para homens" dos quais os livros científicos buscavam se diferenciar. Como analisado por Alessandra El Far, os personagens desses romances tinham como final infeliz de suas aventuras sexuais a debilidade orgânica decorrente de práticas desviantes ou

os consulentes que confessavam tal prática eram orientados a abandoná-lo através de "processos psicoterápicos e de higiene sexual"[225] como condição de que seriam aptos a "constituir um lar e normalizar as suas relações sexuais"[226].

Tanto no caso da masturbação quanto da homossexualidade o tratamento e a cura através da psicanálise dependiam "da própria pessoa em querer, ou não, libertar-se da anomalia, resistindo e reagindo contra a tendência anormal"[227]. Quando os consulentes narravam estar lutando contra tais práticas, o conselho era enfático ao esclarecer que só seria possível abandoná-la através da força de vontade: "O que V. tem a fazer é não lutar. É deixar. E isto só depende de sua vontade."[228] Também era esclarecido que, na ausência do desejo de curar-se, a psicanálise em nada poderia ajudar.[229] Tão importante quanto abandonar as práticas perversas era cultivar o espírito através da educação da vontade e, portanto, constantemente era reforçado que os leigos, além de procurar um especialista, também buscassem se instruir nos assuntos sexuais. "Ler bons livros de educação sexual"[230] era considerado muito eficaz na correção dos problemas relatados nas cartas, pois ao instruírem-se cientificamente nos assuntos sexuais, os leigos teriam consciência dos perigos que certos hábitos poderiam causar à saúde e, desta forma, os evitariam. Desta forma, além de corrigir o que já estava desordenado também poderia evitar outras práticas condenáveis. Entre as leituras mais recomendadas, estavam *O tabu da virgindade* e *Vícios da imaginação*, ambos assinados por Gastão Pereira da Silva.

Em *Vícios da imaginação*, o psicanalista pretendia abordar não apenas os "vícios nascidos da imaginação; mas, os estados psíquicos, entretidos e agravados por ela"[231]. Entre as situações analisadas estavam o fumo, o álcool, a masturbação, a impotência e a frieza feminina, a timidez e os ataques nervosos. Além de contribuir para a educação da vontade[232], a leitura de *Vícios da imaginação* também era recomendada aos consulentes de ambos os sexos acometidos por algumas destas "anomalias sexuais" abordadas no

---

mesmo a morte. (EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos romances para homens de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, jun. 2007, pp. 285-312.)

[225] Confidências. *SS*, n. 5, *op. cit*., p. 64.

[226] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 16, *op. cit.*, p. 6.

[227] *Idem*, n. 3, *op. cit.*, p. 44.

[228] *Idem*, n. 16, *op. cit.*, p. 7.

[229] Confidências. *SS*, n. 34, 1954, p. 13.

[230] *Idem*, n. 7, 1952, p. 60.

[231] SILVA, Gastão Pereira da. *Vícios da imaginação: meios de corrigi-los*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 21.

[232] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 14, *op. cit.*

livro quando não era possível aprofundar o assunto nas seções de correspondência ou ainda quando os pacientes não tinham condições de procurar um analista[233]. Já *O tabu da virgindade* abordava os assuntos da virgindade e da frigidez, que era apresentada por Gastão como uma "perturbação da afetividade" muitas vezes causada por algum traumatismo psíquico decorrente da primeira relação sexual. No prefácio do livro, o psicanalista anunciava que:

> Este livro trata de um dos temas mais discutidos da ciência moderna: o traumatismo produzido pela primeira noite de núpcias na alma da mulher virgem. Suas páginas, impregnadas da mais pura verdade sexual, esclarecem o problema, apontando, à luz das observações, os meios preventivos para se evitar aquele traumatismo e assim atingirem o homem e a mulher a felicidade conjugal procurada.[234]

Partindo do conceito de que a virgindade constituía um tabu na sociedade ocidental, Gastão esclarecia no livro que a "frieza sexual feminina" tinha causas variadas, mas que pretendia abordá-la do ponto de visto psíquico. O livro era indicado para vários casos narrados pelos consulentes: para mulheres diagnosticadas como frias[235], para mulheres cujo hímen ainda não havia se rompido (chamado "hímen complacente") e, portanto, tinham dúvidas se ainda eram virgens ou não[236] e também para aquelas que ainda eram virgens e tinham medo da primeira relação sexual[237]. Muitos "traumatismos morais" que tornavam as mulheres "frias" eram atribuídos aos homens e a brutalidade com que tratavam suas parceiras diante da ignorância sobre o funcionamento do corpo feminino. Além disso, alguns homens escreviam para as revistas com dúvidas sobre como verificar a "honestidade" de suas companheiras quando estas não haviam sangrado após o sexo. Esta preocupação excessiva com a virgindade feminina enquanto atestado de honra das mulheres era minimizada por Gastão com a afirmação de que a virgindade estava "mais na sua formação moral do que no seu 'tesouro físico', o hímen"[238] e, portanto, os homens também eram aconselhados a lerem mais sobre o assunto a fim de conhecer as transformações físicas e psíquicas que o defloramento causava nas mulheres.

---

[233] Confidências. *SS*, n. 4, *op. cit.*
[234] SILVA. *O tabu da virgindade*. *op. cit.*
[235] Confidências. *SS*, n. 4, *op. cit.*
[236] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 14, *op. cit.*, pp. 19-20.
[237] *Idem*, n. 4, *op.cit.*, p. 21.
[238] Confidências. *SS*, n. 4, *op. cit.*

O interesse pela leitura nos assuntos sexuais também vinha dos próprios leigos, como Lost Case[239], que pedia indicações de "leitura de psicologia da mulher frígida" segundo o critério de que fosse "objetiva e prática", de modo a descobrir se o problema que acometia sua companheira (não sabemos ser namorada ou esposa) teria cura ou não. O conselheiro então responde, em primeiro lugar, que a frieza sexual feminina era um fenômeno muito comum e que não tinha relação alguma com a concepção e a maternidade. Em segundo, que o leitor alcançaria o que desejava com "boas leituras e livros sobre o assunto". Terminava o conselho indicando a leitura de *O tabu da virgindade*.

A recomendação de livros para o problema da frigidez ilustra uma particularidade desta patologia sexual em relação à homossexualidade e à masturbação, pois enquanto para estes dois últimos casos a leitura tinha um caráter principalmente corretivo, para a frigidez a leitura buscava atuar também na prevenção. Portanto, era indicada tanto às mulheres que relatavam não sentir nenhum prazer nas relações sexuais quanto àquelas que ainda não haviam iniciado a vida sexual. A instrução das mulheres no assunto era considerada uma prevenção contra traumas psíquicos responsáveis por torná-las "frias" e também uma forma de garantir a harmonia conjugal. Os mesmos livros indicados às mulheres também serviam para informar aos homens, o que revela uma diferença básica quanto à forma como os católicos prescreviam a leitura para seu público. Como veremos no capítulo seguinte, os católicos avaliavam que a instrução nos assuntos sexuais deveria estar atenta às diferenças sexuais e, portanto, uma leitura avaliada como boa e saudável deveria apresentar abordagens distintas do mesmo assunto para homens e mulheres.

Em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*, o interesse dos próprios leigos pela leitura também eram acompanhado de uma ênfase sobre a importância de saber escolher os livros adequados à instrução sexual. É o caso da consulente Olivia C. S., cuja carta foi replicada na seção "Carta Aberta" alguns números após sua resposta ter sido publicada em "Confidências". A consulente confessava sentir um "desejo incessante" de relacionar-se com outra mulher, embora enfatizasse que não se considerava doente.

> Não sou, em absoluto, uma doente, sexualmente falando, pois sei perfeitamente me controlar, jamais demonstrando interesse por moças iguais a mim, pelo menos na presença das mesmas. Não me considero

[239] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 3, *op.cit.*, p. 46.

> doente, [...] pois sinto atração pelo sexo oposto, sendo o meu maior desejo ter um lar, filhos, ser feliz. Mas [...] sinto necessidade de algum dia pelo menos realizar o meu intento, qual seja: ter em meus braços uma jovem igual a mim, abraçá-la, beijá-la, acariciá-la, tal qual se faz com um homem.[240]

Informava também que lia muitos livros sobre o assunto a fim de buscar esclarecimentos sobre o que sentia, mas que nenhuma leitura havia até então satisfeito suas dúvidas, além de ter se deparado com livros que eram "verdadeiro escândalo de imoralidade". Escrevia à revista, então, pedindo: "rogo-lhe que me auxilie dando-me conselhos de como proceder em tal caso. Diga-me e oriente-me da melhor maneira de me conduzir, indicando-me livros sobre o referente assunto."[241] Em resposta, Gastão ressaltava a necessidade de escolher bem as leituras:

> Nem todos os livros que tratam de assuntos sexuais são dignos desse nome. [...] Por isso, *há que saber escolher e selecionar os livros que se pretende ler*. Foi o que aconteceu com V. e tem acontecido com tantos outros leitores. Mas V., inteligente como parece, separou o "joio do trigo" e pelo que vimos já tem lido trabalhos dignos e úteis ao conhecimento e à cultura.[242]

Sobre a atração sexual por outras mulheres confessada pela consulente, o psicanalista apresentava os tipos de homossexualidade – os "estados intersexuais", isto é, "os homens efeminados e as mulheres masculinizadas", os recalques infantis e a corrupção – e diagnosticava Olivia C. S. como parte do segundo grupo de homossexuais, pois sua narrativa sugeria que "teria fixado impressões capazes de torná-la vítima daquilo que a ciência chama de *lesbismo*". Por fim, concluía que apenas um tratamento psicanalítico poderia confirmar o diagnóstico da consulente, mas que seu caso era passível de cura, uma vez que manifestava o "desejo real de curar-se".[243]

A carta de Olivia C. S. ilustra como a importância da leitura instrutiva era valorizada nessa mediação realizada com os leigos, a ponto de mobilizá-los em busca de livros avaliados como adequados. Além da importância de saber distinguir os livros científicos dos livros pornográficos, também era esclarecido que em alguns casos não era "conveniente" que certos pacientes lessem livros que abordavam suas "anormalidades", pois isso poderia desencadear "sintomas de males inexistentes, provocados por essas leituras"[244]. Ainda que não tivessem seções exclusivas de

[240] OLIVIA C. S. Carta aberta. *SS*, n. 11, 1953, pp. 36-37.
[241] *Ibidem*.
[242] Confidências. *SS*, n. 6, *op. cit.*, grifo nosso.
[243] Confidências. *SS*, n. 6, *op. cit.*.
[244] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 13, *op.cit.*, p. 23.

indicações literárias, "Confidências" e "Consultório" também buscavam oferecer a seus leitores sugestões de livros científicos cujo principal critério era as necessidades particulares dos casos relatados pelos consulentes.

Além da circulação restrita a um público maior de idade, a proposta de educação sexual promovida em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* tinha como finalidade orientar aqueles indivíduos que já se encontravam acometidos por alguma desordem sexual. Os temas abordados nas cartas e os casos em que a leitura era recomendada permitem ressaltar o público-alvo dessas publicações: indivíduos adultos, muitos deles ainda no início da vida sexual. Alguns casos relatados, inclusive, serviam de exemplo para ressaltar a importância de uma educação sexual desde a infância, tal como respondido a Mauricio Gonçales. Sua homossexualidade era diagnosticada por Gastão como uma "anormalidade adquirida na infância" e um caso "altamente instrutivo para os demais, particularmente para os pais responsáveis pela educação sexual dos filhos" por demonstrar as más consequências provocadas pela falta de instrução sexual ao longo da vida.[245] A carta de Fiat-Lux também é bem ilustrativa: o consulente elogiava as iniciativas da revista e informava que colecionava os números para ensinar seus filhos em época oportuna, "a fim de que possam ter os ensinamentos que a mim faltaram".[246]

O consultório em revista permite identificar a importância que a leitura assumia no modelo de educação sexual divulgado em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*. Aqui, a leitura se destacava como uma terapêutica eficaz na correção das anomalias sexuais relatadas em suas correspondências e atribuídas ao desconhecimento de informação científica, mas também de modo a oferecer pistas que permitissem identificar os sintomas e mobilizar a busca por ajuda. A resposta dada a L. C. Sobalys sintetiza bem o caráter profilático e terapêutico do hábito de ler:

> [...] você não é absolutamente degenerado. [...] não se trata de um estado mórbido propriamente dito, mas de simples anomalia sexual. [...] Tudo poderá ser corrigido, mediante leituras profiláticas de higiene e educação sexual. [247]

Na maioria das vezes, a recomendação de livros sobre educação sexual estava relacionada à educação da vontade, considerada fundamental para a correção dos vícios relatados pelos consulentes, como a homossexualidade e a masturbação, além de outras desordens, como a frigidez feminina. Além da busca por boas leituras, a educação da vontade poderia se expressar através da sublimação da pulsão sexual para outras

[245] Confidências. *SS*, n. 3, *op. cit.*, p. 23.
[246] Consultório (clínica sexual). *C&S*, n. 15, *op.cit.*, p. 9.
[247] Confidências. *SS*, n. 5, *op. cit.*, p. 63.

atividades, como os cuidados com o corpo, como a prática de esportes, ginástica e boa alimentação. Tal como aconselhado a Eu Sou Feliz: "procure ler, estudar ou mesmo derivar esses impulsos mal orientados para o esporte. [...] Do contrário, virá a sofrer de sérias perturbações nervosas".[248]

Ao evidenciar a ignorância dos leigos nos assuntos sexuais, a valorização da leitura reforçava a proposta educativa realizada nas revistas, cuja iniciativa contou com a colaboração ativa da psicanálise através da participação de Gastão Pereira da Silva enquanto interlocutor e mediador dos leitores. Ainda que a psicanálise reforçasse a importância da educação sexual desde a infância como profilaxia mais eficaz aos transtornos mentais relacionados a traumas sexuais e impressões recalcadas no inconsciente, a recomendação da leitura em *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* atuava muito mais de modo terapêutico para corrigir os indivíduos que já estavam sofrendo de algum tipo de problema e que necessitavam de intervenção médica. A procura por um especialista, na maioria das vezes, tinha na psicanálise seu principal representante. Desta forma, além da valorização da leitura, concluímos que a educação sexual promovida nesses suportes e, especificamente através do aconselhamento em revista e das indicações terapêuticas realizadas nesses espaços, constituía uma estratégia de forma de consolidar a psicanálise como terapia no tratamento e cura das desordens sexuais.

[248] *Idem*, n. 4, *op. cit.*, p. 28.

Capítulo 3. A educação sexual no confessionário católico

Este capítulo trata do discurso católico a respeito da educação sexual em contraponto – e também em diálogo – ao discurso psicanalítico. Para os católicos, a educação sexual deveria visar uma preparação para o casamento e para a educação dos filhos, enquanto extensão da vocação matrimonial. A passagem de um silêncio absoluto para um discurso normativo e moralizante sobre o sexo representava uma preocupação em combater outros discursos de ordem secular e científica acusados de perverter os católicos, incluindo a psicanálise. Ainda que esse esforço não tenha sido homogêneo, o papado de Pio XII (1939-1958) se caracteriza por uma abertura às questões seculares, dentre elas a psicanálise e a educação sexual, e permite pensar os anos 1950 como um período de transição e de abertura importante relacionado a um processo mais amplo de renovação pastoral, que contou com a mobilização do clero e dos próprios leigos[249] na formação religiosa dos católicos. A preocupação com a leitura visava combater o acesso às "más leituras" e o excesso de imaginação causado pela ignorância e pela má instrução nos assuntos sexuais, além de garantir a harmonia conjugal. Ao abordar a educação sexual à luz da doutrina e da moral católica, os religiosos mobilizados com a questão também incorporavam preceitos científicos, a fim de reafirmar as diferenças sexuais não apenas segundo a "natureza" divina, como também segundo suas especificidades biológicas e psicológicas.

3.1. O confessionário e a crítica da religião à psicanálise

Enquanto a psicanálise se preocupava com a questão religiosa e Freud tinha os católicos como principal alvo das suas críticas à religião, os católicos também viam a psicanálise com certa desconfiança. Como mencionado no capítulo anterior, a psicanálise se apresentava como uma concorrente secular ao cuidado das almas, o que provocou uma reação imediata e combativa da Igreja Católica. Diante da pluralidade de explicações não religiosas que versavam sobre a questão sexual, a Igreja fazia uma árdua crítica contra uma abordagem materialista concentrada na fisiologia e acusada de desprezar a dimensão moral do sexo, tornando necessário falar cada vez mais sobre o assunto do ponto de vista católico. Passava-se então a defender que a falta de

[249] Aqui o termo assume uma especificidade em relação ao *leigo* da psicanálise e da ciência de modo mais amplo: embora também se refira àqueles que não são especialistas e que não pertencem a comunidades e associações científicas na produção de teorias sobre a educação sexual, o leigo religioso é sinônimo de laico, ou seja, indivíduo que não pertence ao clero nem a ordens religiosas, mas faz parte da vida pastoral enquanto membro da Igreja Católica, o "corpo místico de Cristo".

informações poderia ser ainda mais nociva do que não abordar o assunto, e esse argumento estava muito presente nas propostas de educação sexual defendidas pelos católicos.

Apesar da rejeição, a psicanálise também despertou um interesse legítimo entre os católicos. Mesmo os críticos da psicanálise mais engajados, como o frei italiano Agostino Gemelli, reconheciam as contribuições científicas da psicanálise no cuidado das almas. Segundo Pasqualini[250], essa ambiguidade tem relação com a própria dificuldade em definir a psicanálise: seria uma psicoterapia ou uma visão de mundo? Enquanto método, era possível conciliar com a doutrina católica; enquanto teoria, seria incompatível, dado o seu materialismo sexual. Pasqualini afirma ainda que a apropriação seletiva da psicanálise representava uma estratégia dos católicos para disputar com correntes médicas e filosóficas de caráter biológico e fisiológico. O próprio Gemelli reconhecia as contribuições da psicanálise à psicologia religiosa e citava Freud para rejeitar teorias científicas que buscavam traçar a personalidade a partir de caracteres físicos, como a criminologia lombrosiana.

Embora Gemelli seja constantemente referenciado pela historiografia como um exemplo da rejeição católica da psicanálise, compete mencionar outros personagens, padres e intelectuais católicos, mais otimistas quanto às aproximações entre os dois campos, a exemplo de Roland Dalbiez, Maryse Choisy e André Berge. Para esse grupo de psicanalistas católicos, isso era possível tendo em vista a separação clara entre teoria e método freudianos. Os anos 1940 e 1950 são marcados pelo auge da resistência à psicanálise, mas também sinaliza o início da abertura.[251] O papado de Pio XII (1939-1958) é bem significativo dessa passagem da postura oficial da Igreja Católica em relação à psicanálise. Também chamado de "papa da infância e da juventude"[252], Pio XII era muito interessado "nas necessidades mais urgentes dos tempos atuais", dentre elas, as novidades científicas e a questão moral da ciência moderna. Seu pontificado é marcado por um interesse pela ciência e os pronunciamentos realizados em vários congressos médicos e científicos dão o tom do interesse e da relevância dada à ciência e suas relações com a religião católica.[253]

---

[250] PASQUALINI, Mauro. Un enigma llamado Agostino Gemelli: catolicismo, fascismo y psicoanálisis en la Italia de entreguerras. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, 2016, pp. 1059-1075.

[251] ARAÚJO. *Deus analisado: os católicos e Freud*. *op. cit.*

[252] FERNESSOLE, Pierre. *Pio XII e a educação da juventude*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1966.

[253] Além da participação nos congressos de psicoterapia e psicologia clínica, outro exemplo desse esforço é a encíclica *Humani Generis* (1950), em que abordava as opiniões falsas que ameaçam a doutrina

Em 1952, Pio XII enviou uma radiomensagem aos participantes do I Congresso Internacional de Histopatologia do Sistema Nervoso. Sem pretender adentrar nos assuntos especializados, o papa destacava os limites do campo médico em relação aos direitos e deveres morais do conhecimento e das possibilidades médicas, levando em conta os interesses da ciência, do paciente e da comunidade (este último seria responsável pelo bem comum). O conhecimento médico e científico não deveria estar acima da moral, mas caminhar junto com as normas morais. Aqui citava como exemplo a psicanálise, afirmando que esta não era condenada pela Igreja, tendo em vista que "existem métodos psicanalistas que não estão contaminados com o vício do pansexualismo e que todos os sistemas de psicanálise têm em comum princípios e métodos psíquicos que não são contrários à ética natural ou à moral cristã". [254]

Ao comentar esse evento, um artigo do *Osservatore Romano* traduzido e publicado em *Correio da Manhã* reafirmava que o papa não condenava a psicanálise, pois reconhecia a importância do "tratamento psicoterapêutico das perturbações nervosas sexuais", desde que não fosse segundo uma abordagem psicanalítica que tratasse das desordens nervosas exclusivamente segundo sua dimensão sexual. Esta ressalva era feita, sobretudo, a teólogos e médicos católicos, acusados de desprezar as normas da moral cristã ao se preocuparem excessivamente com o aspecto médico.[255] Esta é uma crítica constante que permeia toda a discussão sobre a educação sexual católica que será desenvolvida ao longo deste capítulo.

No ano seguinte, Pio XII fez outro pronunciamento, desta vez aos participantes do V Congresso Internacional de Psicoterapia e Psicologia Clínica, em 1953. Nele, buscava complementar as questões apresentadas no congresso anterior. Aqui o papa também versava sobre a educação sexual, cuja principal finalidade deveria ser o controle das vontades. Para tanto, deveria ser ensinada "com tranquilidade e de maneira objetiva [...] como em qualquer outro gênero de educação, no domínio de si mesmo e na formação religiosa".[256] Segundo Agnès Desmazières[257], a participação de Pio XII em

---

católica. Nela, ressaltava que o evolucionismo e outras teorias científicas não eram incompatíveis com a explicação teológica sobre a criação do mundo.

[254] PIO XII. *Discours du Pape Pie XII aux participants au Congrès International d'Histopathologie du Système Nerveux*. 14 septembre 1952. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19520914_istopatologia.html. Acesso em 31 de julho de 2018. Tradução nossa.

[255] O papa e psicanálise. *Correio da Manhã*, n. 18253, 25 set. 1952, p. 8.

[256] PIO XII. *Discours du pape Pie XII aux participants au Congrès International de Pychothérapie et de Psychologie Clinique*. 13 avril 1953. Disponível em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1953/documents/hf_p-xii_spe_19530413_psicoterapia.html. Acesso em 31 de julho de 2018.

congressos internacionais de psicoterapia e psicologia clínica marca uma intenção de promover uma "ciência médica cristã" e de aproximar-se de associações profissionais católicas. O interesse pela psicanálise é avaliado pela autora como um momento de modernização, embora o diálogo não significasse o fim das críticas, tampouco a incorporação da questão psicossexual do inconsciente à forma como os católicos compreendiam a alma.

A abertura oficial à psicanálise também permite situar a década de 1950 como um período de transição importante da posição da Igreja Católica em relação a assuntos seculares, até então combatidos. Embora o Concílio Vaticano II, convocado em 1961 pelo papa João XXIII, seja apontado como o principal marco do diálogo da Igreja com o mundo, a reunião apenas institucionalizou um fenômeno que já estava em curso. Assim como argumentado por Elza Soffiati[258], compreendemos que os anos 1950 e o pontificado de Pio XII são um período fundamental para compreender essa transição, principalmente no que diz respeito a questões como a ciência e os meios de comunicação de massa, além da psicanálise e da educação sexual.

A incorporação da psicanálise "a serviço das almas" também contribuiu para sua apropriação nos seminários católicos, a fim de contribuir para a confirmação da vocação sacerdotal e a formação dos padres. Muitos padres se tornaram psicanalistas, ainda que esta orientação fosse mais advinda da leitura lacaniana da psicanálise do que freudiana. Além dos testes psicométricos e de personalidade, que ajudariam a confirmar a vocação sacerdotal dos noviços e aspirantes a padres, a psicanálise possibilitaria identificar possíveis transtornos não apenas nos padres, mas também nos fiéis. Ao analisar o caso do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, José Henrique Lobato Vianna[259] conclui que a incorporação da psicologia nos seminários contribuiu para "humanizar" os padres tanto em sua formação quanto na aproximação junto aos fiéis, ao fornecer explicações científicas que ressaltavam a complexidade das emoções e da constituição humanas para

[257] DESMAZIÈRES, Agnès. *L'inconscient au paradis: comment les catholiques ont reçu la psychanalyse (1920-1965)*. Paris: Payot, 2011.
[258] SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. 245 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2016.
[259] VIANNA, José Henrique Lobato. *Entre a oração e o trabalho: o estudo de Psicologia no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre 1930 e 1950*. 217 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

além do pecado – embora também fosse esclarecido que os padres não deveriam tentar ser psicólogos de seus paroquianos.[260]

Mais do que um esforço de controlar a psicanálise enquanto discurso que se apresentava como concorrente as religião católica na explicação das angústias individuais, os católicos são considerados pioneiros de uma "história das ideias psicológicas", ao ressaltar a individualidade e o cuidado de si.[261] Segundo Felipe Degani Carneiro e Ana Maria Jacó-Vilela[262], a dimensão individual do cuidado de si se aproximava muito da doutrina católica e, por isso, tornava a psicologia um discurso especial. Além da incorporação nos seminários, o interesse católico em se apropriar dos saberes *psi* deu origem aos primeiros cursos de psicologia do país, a exemplo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1953.

A apropriação da psicanálise, tanto no âmbito oficial da Igreja Católica quanto em suas expressões no cenário brasileiro, demonstra um interesse legítimo dos católicos pelas produções científicas acerca da alma e uma tentativa de se adaptar a uma sociedade cada vez mais secularizada, em que a religião perdia espaço para explicações de ordem secular e científica. Desta forma, se é possível afirmar que a Igreja Católica se lançava na discussão sobre a psicanálise porque esta se apresentava como uma concorrente científica na explicação das paixões e capaz de auxiliar o cuidado de si e a dissolução das angústias individuais, ao mesmo tempo também é possível constatar que tais relações elevam as relações entre ciência e religião a outro nível, promovendo diálogos e apropriações mútuas.

3.2. A Igreja Católica reformista e o papel dos leigos no apostolado católico

[260] Um episódio interessante das polêmicas em torno da incorporação da psicanálise como método aplicável aos sacerdotes e leigos católicos é a experiência do mosteiro beneditino de Cuernavaca, no México. Mais da metade dos monges abandonaram a vida monástica e enquanto alguns utilizavam essa experiência para reforçar a incompatibilidade da psicanálise com a religião, outros padres interpretavam a situação sob a ótica de que o tratamento serviu para iluminar a verdadeira vocação dos monges.[260] A repercussão do caso contribuiu para que as relações entre psicanálise e catolicismo oscilassem novamente durante os anos 1960 e 1970, desta vez marcada por uma reserva e certa desconfiança. (ARAÚJO. *Deus analisado. op. cit.*)

[261] DEGANI-CARNEIRO, Felipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, 2014, pp.70-79. Ver também CASTRO, Jorge; LAFUENTE, Enrique; JIMÉNEZ, Belén. The soul of Spain: Spanish scholastic psychology and the making of modern subjectivity (1875-1931). *History of Psychology*, Madrid, v. 12, n. 3, 2009, pp.132-156.

[262] DEGANI-CARNEIRO; JACÓ-VILELA. Religião na história da psicologia no Brasil. *op. cit.*

Ao final da década de 1950, mais de 93% da população brasileira declarava ser "católica romana"[263] e isso explica em certa medida a relevância do discurso católico para refletir sobre a educação sexual brasileira durante esse período, assim como em outros países de tradição católica, como Itália, Áustria e Escócia.[264] Ainda assim, não significava uma hegemonia absoluta da autoridade católica em tratar de certos assuntos, como a educação sexual. Os católicos desempenharam um papel importante no debate público sobre a questão sexual, ao rejeitar de forma obstinada a implementação de certas políticas públicas educativas (como a educação sexual escolar), além de terem utilizado amplamente dos meios de comunicação de massa na promoção do que consideravam como uma educação sexual adequada. Além disso, a preocupação dos católicos com a instrução sexual dos fiéis se insere em um cenário mais amplo de renovação pastoral e maior atuação junto aos leigos marcado por um duplo propósito: promover uma formação integral dos leigos católicos e, ao mesmo tempo, concorrer com as "más influências" que ameaçavam a integridade e a vivência da moral e da fé católica.

Tal como apontado por alguns autores como Scott Mainwaring[265] e Elza Saffiotti[266], o período se apresenta como um momento histórico importante de transição da postura oficial da Igreja e de suas iniciativas em relação ao mundo secularizado. No Brasil, isso se manifestou na passagem da Igreja da neocristandade (1916-1955) para a Igreja reformista (1955-1964). Idealizado pelo cardeal dom Sebastião Leme, a neocristandade se caracterizava por uma reação à fragilidade política e institucional desde sua ruptura com o Estado republicano, uma recusa em incorporar as práticas religiosas populares e uma reafirmação da hierarquia eclesiástica. O movimento também contou com a participação de intelectuais leigos, como Alceu Amoroso Lima e Jackson Figueiredo, que divulgavam em espaços como a revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital o projeto católico de romanização e a incorporação e adequação das práticas religiosas populares à ortodoxia. A ignorância do povo era acusada de ser um problema tão grave quanto a separação entre nação e religião e, desta forma, a Igreja mobilizava o

[263] Segundo o censo demográfico de 1959, o Brasil tinha 51.944.397 habitantes, dos quais 48.558.854 se afirmavam como "católicos romanos" (24.149.449 homens e 24.409.405 mulheres). IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil. op. cit.*, p. 24.

[264] Sobre os países europeus citados, cf. SAUERTEIG, Lutz D. H.; DAVIDSON, Roger (orgs.). *Shaping sexual knowledge: a cultural history of sex education in twentieth century Europe*. London and New Youk: Routledge, 2009.

[265] MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil, 1916-1985*. 1ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

[266] SOFFIATTI. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II. op. cit.*

clero e os intelectuais católicos leigos na divulgação de projetos políticos relacionados à religião, como a reafirmação da hierarquia eclesiástica, a cristianização da sociedade e o ensino religioso nas escolas. Até então a incorporação dos leigos era considerada uma necessidade tendo em vista a carência de padres no país, embora também não houvesse uma preocupação em se aproximar das práticas religiosas populares.[267] Além do Centro Dom Vital, outros órgãos e associações católicas foram criados, como a Liga Eleitoral Católica, a Confederação da Imprensa Católica, a Congregação Mariana e a Ação Católica, com a intenção de marcar maior presença nas instituições e no próprio Estado através da influência e maior participação dos católicos na vida política.[268]

Essa postura mais combativa, marcada pelo anticomunismo e antissecularização, foi gradualmente a ser substituída por um posicionamento de maior abertura às questões contemporâneas, sobretudo a partir da década de 1950, em sintonia com as orientações romanas do papado de Pio XII de maior diálogo com questões seculares. Além disso, alguns fatores específicos do cenário brasileiro também explicam a mudança gradual da postura da Igreja Católica: o crescimento do número de protestantes e espíritas, a ameaça comunista, o fortalecimento dos movimentos populares e a instabilidade das alianças políticas com os governos democráticas pós-Vargas, tudo isso contribuiu para que a Igreja constatasse sua incapacidade em dialogar com as massas e a necessidade de novas estratégias de evangelização. Segundo Mainwaring, tais ameaças externas também contribuíram para que a Igreja refletisse sobre a necessidade em revisar suas próprias ações pastorais.[269] A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) por Dom Hélder Câmara, em 1952, também é um indicador importante das novas orientações da Igreja Católica durante a década de 1950. Baseada na Ação Católica, a CNBB promoveu muitas iniciativas pastorais relacionadas à organização da dos movimentos pastorais laicos e da sociedade civil de modo mais amplo, no que diz respeito a defesa dos direitos humanos, dos direitos dos trabalhadores e das liberdades democráticas, questões que ganharam ainda mais fôlego durante a ditadura militar.[270]

O fortalecimento das instituições democráticas durante os "anos dourados" contribuiu para que a Igreja se tornasse menos rígida com a hierarquia. Isso também se refletiu nos movimentos pastorais, levando a uma reorganização das ações

[267] LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2017.
[268] MAINWARING. *A Igreja Católica e a política no Brasil. op. cit.*, p. 47.
[269] *Ibidem*, pp. 55-56.
[270] AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004, pp. 109-120.

evangelizadoras durante a década de 1950. Uma delas é a Ação Católica, um dos principais instrumentos de mobilização e engajamento dos leigos na vida política, com "enorme raio de ação" e efeitos contemporâneos, principalmente no que diz respeito ao aprofundamento da fé e a formação pastoral dos leigos católicos.[271] Sua "militância leiga" promoveu grande impacto sobre o conteúdo mais tradicionalista da Igreja e ganhou ainda mais intensidade após o Concílio Vaticano II.[272]

As ações pastorais realizadas pela Ação Católica respeitavam a hierarquia eclesiástica, porém também possuíam considerável autonomia como forma de dinamizar e ampliar as atividades do apostolado laico.[273] Os grupos eram organizados por sexo e faixa etária e esta forma de organização se tornou cada vez mais especializada no período, quando passou então a focar em grupos sociais, como estudantes secundaristas, universitários e operários. Foram criadas a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). Os estatutos reforçavam ainda a criação de confederações diocesanas dessas associações, a fim de garantir maior organicidade e eficiência nas ações.[274]

Os católicos brasileiros se orientavam em três grupos com posicionamentos distintos em relação à sociedade secularizada: os tradicionalistas, os modernizadores conservadores e os reformistas. Enquanto os tradicionalistas insistiam em uma resistência à secularização, os modernizadores conservadores e os reformistas projetavam maior diálogo com as mudanças sociais e defendiam uma educação religiosa e um trabalho pastoral mais ativo. Ainda assim, havia uma diferença fundamental quanto ao tom dessas transformações. Os reformistas eram mais progressistas e defendiam as mudanças sociais como um fim em si mesmo, se aproximando mais dos grupos de esquerda do país. Já os modernizadores conservadores reconheciam a importância das mudanças sociais, mais ligada à ideia de justiça social, e embora

[271] Criada em 1935 pelo cardeal Dom Leme e presidida por Alceu Amoroso Lima, a Ação Católica Brasileira era inspirada na Ação Católica Italiana, fundada em 1922 pelo papa Pio XI, e tinha a intenção de participar "ativamente na missão apostólica da Igreja" na defesa dos valores católicos através da política (SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*, n. 55, 2006, pp. 39-59).

[272] LIMA. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias. op. cit.*

[273] Homens da Ação Católica (HAC), para homens a partir de 30 anos e casados; Liga Feminina da Ação Católica (LFAC), para mulheres a partir de 30 anos e casadas; Juventude Católica Brasileira (JCB), para rapazes de 14 a 30 anos; e Juventude Feminina Católica (JFC), para moças de 14 a 30 anos.

[274] Com a repressão política durante a ditadura militar, muitos desses segmentos desapareceram e foram desarticulados. KORNIS, Monica. Ação Católica Brasileira (ACB). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb. Acesso em 08 de outubro de 2018.

defendessem a hierarquia eclesiástica reconheciam a importância de uma autonomia das associações leigas.[275]

Essas categorizações são importantes, pois permitem identificar qual perspectiva incorporada pelos católicos que participavam e produziam conhecimento relativo à educação sexual. Consideramos que aqueles mobilizados com a educação sexual estavam mais ligados aos modernizadores conservadores, tendo em vista que reconheciam a importância em abordar e instruir os fiéis nos assuntos sexuais e criticavam os grupos mais conservadores que reforçavam o silêncio no assunto, mas também não possuíam uma abertura tão progressista no sentido de reafirmar as liberdades individuais. Embora admitisse a importância do prazer sexual como meio, e não como finalidade, para a reprodução e como elemento fundamental à harmonia conjugal, a educação sexual promovida pelos padres e leigos católicos tinha como finalidade o casamento e a família, reafirmando os valores cristãos e a dimensão espiritual e moral do sexo. Da mesma forma, tal iniciativa buscava ser uma reação às mudanças sociais da época, como o trabalho feminino, que poderia representar uma ameaça à felicidade do lar.

A mobilização do laicato pelas associações católicas também encontrava nos meios de comunicação de massa sua maior expressão. Como apresentado no capítulo 1, a imprensa foi um dos muitos recursos mobilizados pelas congregações religiosas, principalmente aquelas que tinham a evangelização através da imprensa como missão como *Família Cristã* e *Lar Católico*. Muitas congregações religiosas também incorporavam e contavam com a colaboração de leigos em suas publicações, a exemplo de Maria Madalena em *Lar Católico,* cuja colaboração em "Intercâmbio com as leitoras" era uma forma de expandir ainda mais os debates sobre formação familiar promovidos na Ação Católica na cidade onde participava e que eram divulgados nos livros de sua autoria.

A atuação conjunta entre as congregações religiosas e as pastorais católicas constituíam uma estratégia dupla de evangelização, que tirava do clero a exclusividade na formação pastoral e incorporava os próprios leigos como agentes formadores na doutrina católica. Havia uma preocupação de que a catequese não ocorresse mais apenas durante a infância, mas que se constituísse enquanto processo contínuo durante toda a vida dos fiéis católicos. A discussão sobre educação sexual está relacionada a um

[275] MAINWARING. *A Igreja Católica e a política no Brasil. op. cit.*

movimento mais amplo de renovação da catequese. Tal como apontado por Maria Madalena em seu livro *Amor e paz*, "para ser perfeita, a educação sexual deve ser englobada na formação geral". A autora reforçava também que os jovens, principalmente as moças, deveriam ser educados "para o matrimônio com a mesma seriedade com que preparamos as crianças para a Primeira Comunhão".[276] Outro personagem importante para esse debate é o monsenhor Álvaro Negromonte. Chamado por Hélder Câmara de "mentor do catecismo no Brasil"[277], Negromonte dedicou grande parte de suas atividades eclesiásticas à "pedagogia do catecismo", nome inclusive de um de seus livros mais famosos. Suas propostas educativas eram inspiradas em teorias pedagógicas europeias que ressaltavam a importância de uma formação continuada ao longo da vida ao invés de uma memorização excessiva dos dogmas católicos. O padre, inclusive, é tido como um dos marcos da história da catequese brasileira entre as décadas de 1930 a 1950 e sua trajetória intelectual permite situá-lo como um ator histórico importante para refletir sobre o papel que a educação sexual ocupava na catequese brasileira e na formação dos leigos.[278]

Seus diálogos com os debates educacionais da época, incluindo a Escola Nova, tinham relação com a aplicação do ensino religioso nas escolas e isso também se expressou em uma vasta produção bibliográfica de catecismos que tinha como público-alvo os estudantes e os professores.[279] A divulgação das teorias educacionais era realizada não apenas através de livros, mas também em colaboração e edição de revistas como *Boletim Catequético* e *Leitores e Livros*. A educação sexual também fazia parte dessa formação religiosa e, embora Negromonte seja uma figura muito representativa do discurso católico no debate público brasileiro sobre a educação sexual, não há muitos estudos que o ressaltem sob essa perspectiva. Apesar de não ter colaborado diretamente em *Lar Católico* e *Família Cristã,* os livros de Negromonte que abordavam a educação sexual e a preparação para o casamento eram muito indicados nestas revistas, cujos elementos fundamentais veremos a seguir.

---

[276] OLIVEIRA, Maria Madalena Ribeiro de. *Amor e paz: primeira e segunda fase de preparação ao casamento ou iniciação dos filhos e das filhas menores e maiores de vinte anos nos mistérios da vida*. 2ª ed. Juiz de Fora: 1959. p. 9.

[277] LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 113.

[278] LIMA. *A catequese do Vaticano II aos nossos dia. op. cit.*

[279] Segundo Orlando, apesar das disputas e tensões entre católicos e os escolanovistas, a partir dos anos 1930 houve uma incorporação seletiva das teorias educacionais que não eram incompatíveis com os princípios cristãos. (*Ibidem*, p. 17.) ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Por uma civilização cristã: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)*. 380 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

3.3. A educação sexual segundo a moral católica

Enquanto a psicanálise compreendia a educação sexual como forma de divulgar suas possibilidades terapêuticas e combater as desordens causadas por preconceitos e pelo excesso de pudor, os católicos tinham como objetivo fazer frente à concorrência e a proliferação de discursos considerados perigosos e acusados de ignorar a dimensão moral do sexo. O suposto caráter "incompatível com a moral cristã" da literatura sexual da época era mobilizado pelos católicos como justificativa para a necessidade de rever a postura silenciosa até então predominante em relação aos assuntos sexuais, a partir do reconhecimento de que o acesso a informações incorretas poderia ser ainda mais nocivo do que a ignorância na proteção contra as imoralidades sexuais.

Este era o argumento utilizado pelo padre Álvaro Negromonte em seu livro *A educação sexual (para pais e educadores)*. Ao elencar o que considerava fundamental à educação sexual católica, o padre acusava a instrução então realizada por médicos e cientistas de ser nada mais do que um "culto do erotismo", baseado no "grande erro de considerar o homem como um simples animal e não olhar para o lado moral da função procriadora"[280]. A primeira edição do livro foi publicada em 1939 pela José Olympio e teve considerável repercussão. No prefácio escrito por Dom Hélder Câmara, na ocasião assistente eclesiástico do Secretariado Nacional de Educação da Ação Católica e técnico do Ministério da Educação e Saúde Pública, o bispo confessava sua inicial desconfiança com a publicação de um livro sobre um assunto tão polêmico escrito por um sacerdote. Mas a "visão clara, de linguagem sem rodeios, límpida e cheia de sabor" com que o padre Negromonte abordava a educação sexual era valorizada diante da segurança que ofereceria aos educadores católicos, além de despertar a curiosidade em um público não religioso:

> o fato de o livro ser escrito por um padre será uma segurança para os educadores católicos, receosos de abrir um livro qualquer sobre educação sexual. [...] Não vacilarei em recomendar aos Superiores de Maiores de Ordens Religiosas masculinas e femininas que tornem o novo livro do padre Negromonte conhecido pelos religiosos que cuidarem da educação.
>
> O livro, porém, não será lido apenas pelos nossos. Haverá curiosidade de ver o que um padre escreveu sobre educação sexual. E que prazer pensar que, longe de encontrarem visão estreita, falha, errada ou

[280] NEGROMONTE. *A educação sexual. op.cit*., p. 23.

> largueza excessiva e capaz de fazer mal, os sem fé encontrarão uma palavra segura e precisa capaz de fazer bem![281]

De fato, o livro despertou o interesse de outros grupos, inclusive aqueles com os quais os católicos não tinham um diálogo tão tranquilo, como a psicanálise. Como abordado na introdução, a referida obra do padre Negromonte foi muito elogiada por Gastão Pereira da Silva pela maneira como abordava a educação sexual. O livro, inclusive, era eleito pelo psicanalista como uma demonstração de que a psicanálise tinha muitas contribuições com a religião, ainda que isso não fosse o foco da publicação católica.[282] Das raras vezes em que Freud era citado por Negromonte, era para ressaltar a importância da psicologia, mais até do que a biologia, na compreensão e eficácia da educação sexual que, para os católicos, deveria preservar a pureza e a castidade.

Na década de 1950, *A educação sexual* já estava na nona edição. Nesse período, o padre Negromonte ocupava o cargo de diretor do Ensino Religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde atuou até sua morte em 1964. No livro, Negromonte acusava que a preocupação em instruir os indivíduos apenas do ponto de vista sexual e biológico era uma falha grave que precisava de um contraponto que valorizasse o aspecto moral do sexo. Este argumento, inclusive, foi durante muito tempo o motivo da resistência dos católicos à psicanálise. O padre acusava cientistas como Freud, Havelock Ellis, Wilhelm Steckel e outros, de defenderem uma moral sexual que ignorava as "exigências da natureza" ao valorizar a "absoluta autonomia da função sexual, livre, em muitos casos até do próprio dever de procriar".[283]

É interessante ainda observar como Negromonte generalizava a posição de médicos e cientistas em relação a algumas práticas condenáveis do ponto de vista religioso. Atribuía aos médicos a transformação dos vícios sexuais em "teorias científicas" e o desconhecimento da castidade pré-nupcial e da fidelidade conjugal quando na verdade os médicos não tinham um consenso quanto a isso, ou ainda, defendiam esses mesmos valores em suas recomendações terapêuticas aos leigos.[284]

---

[281] NEGROMONTE. *A educação sexual. op.cit*., pp. V-VI.
[282] SILVA. Um aspecto religioso da psicanálise. *op. cit.*
[283] *Ibidem*, p. 22.
[284] Uma análise muito interessante sobre a questão da abstinência sexual para os médicos é o estudo de Timothy Verhoeven sobre os "apóstolos da continência" na era progressista norte-americana é bem significativo. O autor demonstra que, além da falta de consenso entre os próprios médicos acerca da continência sexual como garantia da normalidade das funções sexuais, o fracasso da cruzada médica contra o contágio venéreo se deu principalmente pela resistência dos homens – que constituíam o alvo das medidas profiláticas – em aderir a essas propostas. (VERHOEVEN, Timothy. 'Apostles of Continence': doctors and doctrine of sexual necessity in Progressive-Era America. *Medical History*, v. 61, n. 1, 2017, pp. 89-106.)

Como desenvolvido no capítulo anterior, certas práticas sexuais, como a masturbação e a homossexualidade, eram rigorosamente condenadas por adotarem o prazer como finalidade em si mesmo e por sua dissociação da reprodução e da vivência da sexualidade no casamento. Os psicanalistas compartilhavam ainda da ideia de que esses "vícios" poderiam causar uma debilidade orgânica e mental, e tinham no casamento uma de suas terapias corretivas mais eficazes.

Ao adotar como ponto de partida a premissa de que a função sexual era uma função moral, os católicos defendiam que a educação sexual deveria ser, acima de tudo, uma formação moral.[285] A moral que orientava a instrução religiosa nos assuntos sexuais era definida como "um conjunto de regras que dirigem os atos livres do homem, de acordo com a reta razão e a vontade positiva de Deus. Para que um ato seja moral exige-se que o homem o pratique em pleno domínio de si mesmo. [...] *O ato moral é, portanto, o ato consciente e voluntário*".[286] Ou seja, a moral dizia respeito aos atos cuja origem era atribuída a consciência e ao livre-arbítrio, responsável por regular "os costumes pelos ditames da razão". A razão, por sua vez, distinguiria o homem dos outros animais. Embora fosse definida como algo correspondente à natureza humana, esta moral natural era considerada insuficiente para orientar o homem, tendo em vista que a degradação originada pelo pecado original tornava "difícil o homem manter-se em equilíbrio" e capaz de controlar as paixões que influíam sobre a razão. Diante dessa incapacidade, o argumento moral tinha como principal referência os Dez Mandamentos, que correspondiam à "lei natural, divina e imutável" que os católicos deveriam seguir para evitar as situações de pecado e para fortalecer a virtude.

A moral cristã era anunciada ainda como a "única verdadeira" e, portanto, competia apresentar e divulgar aos fiéis uma educação sexual que fosse compatível com os valores cristãos, orientada para o controle das paixões que influenciavam a razão.[287] A educação sexual deveria constituir sinônimo de uma "educação da pureza", capaz de instruir os jovens sobre os pecados contra a castidade e de "infundir o amor à bela virtude [...] que vem do espírito para o corpo".[288]

O domínio de si deveria se basear em uma formação intelectual que não deveria ser "um curso de biologia, fisiologia ou sexologia" limitado a abordar o assunto

[285] *Ibidem*., p. 26.
[286] NEGROMONTE, mons. Álvaro. *O caminho da vida: moral cristã*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 18, grifo do autor.
[287] *Ibidem*.
[288] *Idem*. *A educação sexual. op. cit.*, p. 247.

segundo conhecimentos científicos e técnicos, pois isso poderia desencadear os instintos sexuais ao invés de controlá-lo.[289] Enquanto a ciência era acusada de transformar os vícios sexuais em teorias científicas, os próprios católicos também eram criticados por "ignorar a dimensão do instinto" e acusados de desacreditar a castidade e "angelizar o homem" ao interpretar como pecado tudo que era relacionado ao sexo. Sobre os sentidos dados a educação sexual, o padre Negromonte afirmava que:

> Entre os católicos muitos não querem mesmo empregar a expressão "educação sexual" a que, aliás, o grande Papa Pio XI chamou "*questa parola bruta*". Preferem chamar "educação da pureza", que diz realmente muito melhor o que desejamos e perseguimos neste trabalho específico da educação geral. Os outros falam de envolta, indistintamente, ora de educação sexual, ora de iniciação, ora de simples higiene sexual.[290]

Sua proposta de educação sexual reconhecia a importância de abordar a dimensão biológica e a funções do organismo, porém sem valorizá-la demais nem desprezar o sentido moral e religioso do sexo. Negromonte afirmava que

> [...] fazemos suma questão da saúde física, mas procuramos assegurá-la pela saúde moral, que vale muito mais. Cremos nos preceitos de higiene e de profilaxia, mas nunca procuraremos substituir por eles os preceitos de Deus.[291]

Embora também fosse importante oferecer cuidados profiláticos de higiene, os pais e educadores deveriam ensinar os educandos a "defender-se", a "guardar a pureza da alma e a integridade do corpo" e a "dominar os impulsos fortes do instinto pela vontade adestrada e esclarecida". Entre as situações as quais os católicos deveriam evitar, destacavam-se as más companhias, as más conversas, os bailes, o cinema, as relações com pessoas do outro sexo e as leituras. Sobre as leituras, estas eram acusadas de perigosas e classificadas inclusive como "uma espécie de dinamite moral", que excitavam os leitores, aliciavam sentimentos, venciam a vontade e causavam outra série de sugestões provocadas por excesso de imaginação. Ao acusar que os livros "imorais" e "obscenos" eram "os mais lidos", Negromonte também destacava a importância e a urgência em ensinar "os jovens de ambos os sexos a fugir desses livros, dessas revistas e desses jornais perigosos com aquele cuidado com que quiserem guardar a virtude da castidade".[292]

---

[289] *Ibidem*, p. 27-28.
[290] *Ibidem*, p. 21.
[291] *Ibidem*, pp. 28-29.
[292] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, p. 231.

Os livros assinados pelo padre Negromonte consistiam em referência literária obrigatória para os leigos que buscavam indicações sobre preparação para o casamento, como o caso da consulente Ana Maria, respondida em *Família Cristã*.[293] Apesar da insegurança de Dom Hélder Câmara quanto à recepção de *A educação sexual*, expressada no prefácio do livro, o padre Álvaro Negromonte não era tão *outsider* quanto aparentava. De fato, sua obra pode ser entendida como "moderna" e "progressista" por divulgar a educação sexual em diálogo com as teorias pedagógicas da época e atenta à importância dos meios de comunicação, também é de conhecimento que outros padres, como pe. Pascoal Lacroix, se mobilizaram com a questão e também publicaram sobre o assunto.[294] Tais publicações pretendiam informar os fiéis sobre o que a doutrina católica tinha a dizer sobre o assunto, apresentando-a numa linguagem mais clara e acessível do que os documentos oficiais, como as cartas encíclicas.[295]

Aqui, as revistas e demais publicações impressas católicas assumiam uma posição fundamental ao apresentar e esclarecer o posicionamento da doutrina católica sobre certos assuntos, como a educação sexual. Ao perguntar sobre o assunto em "Confie-me seu problema", publicada em *Família Cristã*, se a Igreja condenava ou não a educação sexual, o consulente Um Leitor era esclarecido que os documentos oficiais condenavam uma "pedagogia sexual" que se utilizava de meios naturais para promover uma iniciação sexual preventiva "expondo os jovens às ocasiões a fim de lhes fortalecer o ânimo diante dos perigos". Ao contrário, apresentava que apenas a instrução individual era necessária, desde que realizada em tempo oportuno por alguém preparado e "com todos os cuidados requeridos pela educação cristã tradicional". Ao fazer referência a encíclica *Divini Illius Magistri* (1929), escrita por Pio XI (1922-1939), o padre Videns afirmava que muitos pecados contra os "bons costumes" eram atribuídos não à ignorância intelectual – embora esta também fosse um problema de ordem grave – mas sim à fraqueza da vontade quando exposta a ocasiões de pecado. Por fim, esclarecia

[293] Confie-me seu problema. *FC*, out. 1955, *op. cit.*.

[294] Sobre as iniciativas dos padres Lacroix e Negromonte, cf. COSTA, Bruno Santos Marones. *Educando para a castidade: um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30 (séc. XX***)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 98 f. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2009.

[295] Independente da hierarquia que esses documentos ocupam em termos de relevância e oficialidade, todos permitem pensar o discurso "extramuros" e de caráter dogmático-pastoral da Igreja Católica (RIBEIRO, Ivete. Sobre o amor dos cônjuges. Uma análise do discurso católico no século XX. *Síntese*, n. 39, 1987, p. 63–86). Ao se pronunciar sobre determinados assuntos contemporâneos, os papas estabeleciam um veículo oficial de informação da doutrina católica a fim de se comunicar com os sacerdotes, instruir os leigos e, de modo mais amplo, dialogar com a sociedade. Essas questões mais teológicas, por sua vez, também orientavam as ações do apostolado leigo na instrução dos fiéis.

que "a doutrina católica não condena uma boa iniciação sexual, mas exige que se cultive na alma dos jovens o sentido da responsabilidade que auxilie a suportar o peso das más tendências que muitas vezes acompanham o conhecimento sobre esse argumento".[296]

Divini Illius Magistri é um dos documentos mais expressivos sobre a postura oficial da Igreja a respeito da educação sexual. Nela, o papa abordava os princípios e valores que deveriam orientar a educação cristã da juventude e assumia uma postura combativa em relação a qualquer educação que ignorasse a dimensão sobrenatural da formação dos indivíduos. Sobre a educação sexual especificamente, era ressaltado que uma educação exclusivamente baseada em meios naturais era prejudicial a "honestidade dos costumes" e, ao contrário do que se pretendia, não fortalecia o espírito contra os perigos da sexualidade. O papa afirmava ainda "que muitas vezes até as coisas que se dizem para remédio dos pecados são ocasião e incitamento para o mesmo pecado". Portanto, alertava os pais que, ao ensinar sobre assunto tão delicado, evitassem dar explicações detalhadas sobre o assunto, a fim de combater essa "hidra infernal" que era o instinto sexual.[297] A importância de uma educação sexual que promovesse o domínio de si e o controle das paixões foi reforçada, quase duas décadas depois, por Pio XII em seu pronunciamento aos participantes do V Congresso de Psicoterapia e Psicologia Clínica (1953):

> [...] existe uma educação sexual eficaz que, com perfeita segurança, ensina com tranquilidade e de maneira objetiva o que deve o jovem saber para reger-se a si próprio e tratar com os demais. Quanto ao mais, insistir-se-á particularmente em matéria de educação sexual como em qualquer outro gênero de educação, no domínio de si mesmo e na formação religiosa.[298]

Tais declarações reafirmavam a educação sexual como uma "educação da pureza", voltada para o controle dos instintos sexuais e a preservação da castidade.[299] O instinto sexual deveria ser "governado pelo espírito" e orientado apenas para a reprodução da espécie, assegurada por uma união indissolúvel e monogâmica: o casamento. Qualquer manifestação da função sexual fora dos meios naturais reprodutivos era julgada como "antinatural" e as finalidades "secundárias" do ato sexual, como o prazer, eram aceitas como legítimas desde que não atentassem contra o

[296] Confie-me seu problema. *FC*, ago. 1958, p. 4.
[297] PIO XI. Carta encíclica *Divini Illius Magistri*, acerca da educação cristã da juventude. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html. Acesso em 31 de julho de 2018.
[298] PIO XII. *Discours du pape Pie XII aux participants au Congrès International de Pychothérapie et de Psychologie Clinique*. *op.cit*. tradução nossa.
[299] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, p. 21.

fim último da criação.[300] Enquanto sacramento instituído "não pelos homens, mas por Deus", o matrimônio era considerado o alicerce moral tanto da sociedade doméstica quanto da sociedade humana.[301] A crescente secularização da sociedade tornava o casamento o principal alvo da educação sexual católica, a fim de protegê-lo contra as más influências e os inimigos sociais acusados de dessacralizar a família e o lar.

Em outra obra, *Noivos e esposos (problemas do matrimônio)*, o padre Álvaro Negromonte enumerava os principais inimigos do matrimônio cristão: o controle de natalidade segundo métodos contraceptivos condenados pela Igreja e defendidos pela teoria neomalthusiana e por conselhos "científicos" que apelavam para o risco de taras hereditárias, os "divorcistas", o cinema, o teatro, os programas radiofônicos e a imprensa. Segundo o padre, muitas ideias dessa "propaganda antimatrimonial" tinham em livros e folhetos de divulgação popular e de caráter científico seus principais meios de divulgação.[302] Ao acusar os meios de comunicação de desmoralizar a fidelidade conjugal e exaltar o amor livre, o culto à pornografia e a obscenidade, os católicos buscavam combater essas explicações utilizando das mesmas estratégias. Assim, livros e demais publicações impressas também eram os principais instrumentos utilizados na promoção da educação sexual, a fim de disputar diretamente com essas explicações chamadas de imorais.

Uma vez definidos o que era a educação sexual e qual a sua finalidade, competia então preparar quem deveria ser responsável por ela. A educação sexual fora do ambiente familiar era duramente criticada e a escola era acusada de promover um "ensino sexual, dado pelos mestres materialistas, que substituem o 6º e o 9º mandamentos [não pecar contra a castidade e não cobiçar a mulher do próximo] por algumas receitas de higiene e de profilaxia, que permitem fazer o mal sem riscos para a saúde (física)"[303]. Os católicos também condenavam a educação mista, realizada em turmas formadas por meninos e meninas, alegando que a educação sexual necessitava de abordagens distintas atentas às particularidades dos sexos. A educação sexual

[300] NEGROMONTE. *A educação sexual. op. cit.*, p. 26.
[301] PIO XI. Carta encíclica *Casti Connubii*, sobre o casamento cristão. 1930. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/fr/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html Acesso em: 31 de julho de 2018.
[302] NEGROMONTE, Álvaro. *Noivos e esposos (problemas do matrimônio)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. p. 14.
[303] B., pe. Carlos. Cultura sexual. *LC*, n. 8, 29 fev. 1944, p. 95.

religiosa, portanto, pretendia ser individual e gradativa, de modo a garantir a "pureza de intenção" e a unidade entre "o material, o espiritual e o sobrenatural".[304]

Desta forma, os pais deveriam ser os únicos responsáveis pela educação sexual dos filhos. Quando não tinham condições de instruir seus filhos em assunto de ordem tão delicada, era recomendado que a educação sexual aguardasse até que o pai e a mãe estivessem devidamente preparados ao invés de transferir esta responsabilidade para outros educadores. Os católicos também incluíam professores, médicos e confessores na categoria de educadores, mas todos deveriam desempenhar um papel secundário na educação sexual, sem substituir o lugar dos pais nessa missão educadora. Os professores deveriam atuar apenas de forma indireta, contribuindo para uma formação integral e moral, enquanto os médicos eram avaliados como os menos qualificados justamente por priorizar as explicações científicas sobre a questão moral e os confessores eram considerados os únicos auxiliares mais bem preparados dos pais em sua missão educativa.[305]

A consagração da família como base da sociedade reafirmava a exclusividade da autoridade dos pais na educação sexual de crianças, adolescentes e jovens. Assim, os livros sobre o assunto tinham como público alvo tanto os pais, para que pudessem educar seus filhos, quanto os jovens que estavam na idade do casamento e que deveriam ter conhecimento sobre a noite de núpcias e sobre a educação dos futuros filhos. Pais e mães deveriam ser instruídos adequadamente para que pudessem ensinar seus filhos e filhas nos "mistérios da vida" desde a infância, etapa em que deveriam aproveitar o interesse das crianças. Era importante não mentir, mas o "direito à verdade" não significava dar explicações científicas nem fantasiosas sobre a concepção ou o nascimento. Aqui encontramos uma ambiguidade muito presente nas interações dos católicos com a psicanálise: ao mesmo tempo em que criticavam a abordagem psicanalítica da sexualidade enquanto centro da vida psíquica, compartilhavam da preocupação que a ausência de explicações corretas e o excesso de imaginação poderiam causar aos indivíduos. Ao mencionar Freud, Negromonte apontava que

> Se devemos rejeitar os exageros de Freud, que vê em quase todas as atividades infantis manifestações do instinto genésico (como se fosse este o único instinto do homem), devemos reconhecer que a criança traz em si o germe que vai, a pouco e pouco, desabrochando.[306]

[304] OLIVEIRA. *Amor e paz. op. cit.,* p. 7.
[305] NEGROMONTE. *A educação sexual. op.cit*., pp. 37-53.
[306] *Ibidem*, p. 97.

Contar "mentiras" sobre a origem dos bebês poderia causar "perniciosas consequências futuras" devido à ignorância no assunto, criando espaço para que aprendessem de forma errada. O padre citava ainda uma solução comumente dada por alguns pais quando passavam por essa situação e que considerava adequada, replicada em *Seleções Sexuais*: "Tenho encontrado muitos pais que contentam o filhinho com dizer que foi Papai do Céu que deu o bebê à mamãe e agora o bebê nasceu. Não é mentira; responde com bastante vantagem e acalma a criança"[307]. Era necessário, portanto, satisfazer a curiosidade infantil sem revelar toda a verdade, uma vez que o interesse das crianças sobre a origem da vida era reconhecida como sendo de ordem não sexual.

Enquanto a educação sexual durante a infância deveria se ocupar em esclarecer a curiosidade das crianças sobre a origem da vida, de modo a satisfazê-las sem aprofundar em muitos detalhes, a partir da adolescência, a orientação dos pais deveria focar nos aspectos corporais e morais do sexo: os cuidados com a higiene íntima, a manutenção do pudor e o sentido simbólico do casamento. Os adolescentes deveriam ser ensinados a manter o pensamento distante das coisas do casamento, como "alguém contempla um céu estrelado".[308] Aqui havia maior clareza na recomendação da divisão das tarefas educativas dos pais: o pai deveria assumir a educação sexual do filho a partir da pré-adolescência, enquanto a mãe se manteria educando a filha. Entre os assuntos que deveriam ser orientados de forma específica, estavam as poluções noturnas, que o pai deveria explicar aos meninos que representavam um fenômeno normal da idade e que a ejaculação não deveria ser utilizada para satisfazer o próprio prazer, e a menstruação, cuja importância a mãe deveria ensinar à filha desde a menarca enquanto uma evidência da principal função natural da mulher: a maternidade.[309]

Mesmo quando a adolescência representava um afastamento dos filhos do lar, os pais deveriam se manter como os principais responsáveis pela educação sexual dos filhos, de modo a garantir que adquirissem a maturidade moral e espiritual necessária para o casamento quando chegassem à juventude. Apesar das constantes críticas à educação sexual exclusivamente científica, nesta etapa competia instruir moças e rapazes de forma mais detalhada, apresentando noções biológicas mais completas sobre o funcionamento dos órgãos sexuais, a reprodução e o prazer sexual. O gozo era

[307] *Ibidem*, p. 103.
[308] *Ibidem*, p. 19.
[309] *Ibidem*, p. 9.

comparado ao prazer "no comer e no beber" e apresentado como "um meio" para "encorajar os esposos a transmitir a vida" e nunca como a finalidade da união sexual. Insistia-se ainda que excluir a abertura à transmissão da vida representava uma "desordem grave à natureza".[310]

A proposta católica de educação sexual implicava ainda em reafirmar os papéis tradicionais do homem e da mulher no seio da família. Ao enfatizar a centralidade da mãe enquanto principal responsável pela educação sexual dos filhos, os católicos reafirmavam a necessidade de uma formação ainda mais especial das mulheres, tendo em vista sua responsabilidade "natural" de cuidar dos filhos. Em *Amor e paz*, Maria Madalena Ribeiro de Oliveira reforçava que "o primeiro fim do Sacramento do Matrimônio é o filho" e, portanto, "a jovem que deseja casar-se deve, pois, antes de tudo, preparar-se para ser uma boa mãe [...] e estar bem informada, de modo que possa cuidar, com eficiência, da educação sexual de seus filhos".[311]

A necessidade de preparar bem os católicos para o casamento e para a educação dos filhos tornava a leitura um elemento fundamental para a formação intelectual e moral dos católicos nas questões sexuais, principalmente diante da necessidade de combater as más instruções no assunto. Era "importante ler muito e saber ler [...] não só por simples passatempo", mas principalmente "para enriquecer o cabedal cultural e satisfazer a uma justa exigência do nosso intelecto, feito para a luz e a verdade"[312]. Constantemente era esclarecido que o simples hábito de ler não era suficiente, era necessário escolher bem as leituras e evitar aquelas que poderiam ser nocivas segundo critérios morais. Uma leitura mal orientada poderia sugestionar o espírito e causar excessos de imaginação, algo que também preocupava os psicanalistas em sua proposta de educação sexual. Isso, no entanto, não significava que compartilhavam da mesma noção de "boa leitura", e muitos dos livros indicados aos leitores nas revistas de divulgação científica entravam na lista de leituras que os católicos deveriam evitar.

Diferente das revistas ilustradas analisadas no capítulo anterior, que abordavam nas cartas os mesmos temas abordados nos demais textos publicados, questões relacionadas à educação sexual como namoro, casamento, família, castidade, pudor, maternidade, noite de núpcias, tinha maior destaque nas seções de correspondência dos impressos católicos. Muitos consulentes também buscavam ajuda, com dúvidas quanto

[310] CARNOT, Dr. J.; CARNOT, Edith. *A serviço do amor (edição feminina).* 3ª Ed. São Paulo: Livraria Catedral, 1955. p. 134.
[311] OLIVEIRA. *Amor e paz. op. cit.*, pp. 9-11.
[312] Livros e mais livros. *FC*, jan. 1959, p. 17.

ao discernimento da vocação (se a família ou a vida consagrada), as etapas do namoro, as dificuldades em preservar a castidade, dúvidas sobre estudos e trabalho, indicando a nova realidade de trabalho feminino, desentendimentos familiares e a própria leitura, mobilizada por um interesse em leituras sobre casamento e sobre a doutrina católica mais geral. Além disso, a seção "Intercâmbio com as leitoras" atuava como espaço em que muitas consulentes pediam os livros assinados por Maria Madalena Ribeiro de Oliveira, que só poderiam ser adquiridos por intermédio do *Lar Católico*. As seções também contribuíam para a formação dos leitores na doutrina católica e atuavam no esclarecimento de dúvidas e superstições.[313]

Ler bons livros sobre o casamento estava entre o conselho mais frequente para as dúvidas que chegavam às seções de correspondência com leitores relacionadas à preparação para o casamento. Em questões de namoro, as dúvidas que mais angustiavam as consulentes eram se valeria a pena namorar alguém quando a família não aceitava o relacionamento, quando não tinham clareza sobre as intenções do pretendente, quando estavam indecisas sobre o que sentiam em relação ao namorado[314] ou ainda quando este era de religião, classe social ou cor diferente[315]. Relações consanguíneas[316] e casamento com separação de bens[317] também eram situações apresentadas pelas consulentes que buscavam ajuda sentimental. Os pecados contra a pureza eram os mais relatados e considerados os mais graves, pois até o beijo era ocasião de pecado quando tinha a intenção de instigar as "paixões baixas". A dificuldade em preservar a castidade antes do casamento deveria ser combatida com a prudência nas carícias com o namorado e em evitar situações a sós, como ir ao cinema. Quando não era possível ser prudente, o mais sensato seria terminar o relacionamento, da mesma maneira em que este era melhor a ser feito quando as próprias consulentes relatavam a falta de firmeza de seus namorados ou ainda quando o relacionamento pudesse constituir um casamento misto ou disparidade de culto[318]. Quando o casamento

[313] Ver Apêndice C, tabela 1.
[314] Intercâmbio com as leitoras. *LC*, n. 46, 14 nov. 1954, p. 6.
[315] *Idem*, n. 32, 8 ago. 1954, p. 8.
[316] *Idem*, n. 22, 30 maio 1954, p. 233.
[317] *Ibidem*.
[318] Disparidade de culto é como os católicos classificam o casamento entre uma pessoa católica e outra não batizada. Nesse caso, a Igreja exige autorização eclesiástica do bispo e comprometimento dos noivos em educar seus filhos na fé católica. No §1635 do Catecismo da Igreja Católica consta que: "a disparidade de culto pode agravar ainda mais essas dificuldades. As divergências concernentes à fé, à própria concepção do casamento, como também mentalidades religiosas diferentes, podem constituir uma fonte de tensões no casamento, principalmente no que tange à educação dos filhos. Uma tentação pode

estava em crise, o divórcio sequer constituía uma possibilidade, e era avaliado como ilícito em qualquer circunstância.[319]

Em alguns casos, a melhor saída era terminar o namoro e dar uma pausa na vida sentimental. Tal conselho era acompanhado da ressalva de que arrumassem uma ocupação: os estudos, o trabalho, obras sociais, boas convivências e mesmo participar da Ação Católica. Embora o estudo e o trabalho fossem bons lenitivos para ocupar a mente, era enfatizado às consulentes mulheres que, caso o trabalho não fosse fundamental, a esposa deveria ficar em casa para não prejudicar a educação dos filhos. Ainda assim, as ocupações mais incentivadas eram a enfermagem e outras que reforçavam a imagem do zelo e cuidado femininos.

O confessor era a principal autoridade a quem os consulentes de *Lar Católico* e *Família Cristã* deveriam recorrer em caso de ajuda concreta quando tinham dúvidas quanto à vocação[320], quando precisavam de direção espiritual[321] e principalmente quando confessavam pecado contra a pureza[322]. Mas também era aconselhado que procurassem um médico, desde que este fosse católico, quando relatavam ter algum problema de saúde[323] ou quando buscavam informações sobre virgindade, casamento e o método contraceptivo Ogino-Knaus. Em alguns casos, era necessário recorrer tanto ao confessor quanto ao médico.

A leitura de livros sobre matrimônio era recomendada em vários destes casos, principalmente quando as consulentes tinham uma "concepção errada do namoro"[324] ou mesmo quando não estavam em nenhum relacionamento, a fim de que soubessem escolher bem o futuro pretendente. Em casos de relações consanguíneas, eram indicados livros de médicos católicos, como *A serviço do amor*, do Dr. Carnot.[325] A preocupação com a leitura não era exclusiva das consulentes e algumas vezes estas também eram orientadas a emprestar livros ao namorado ou recebiam indicações literárias próprias para eles. Algumas vezes os livros deveriam passar pelo crivo do confessor pessoal como uma autorização das leituras. Levando em conta que a maioria do público leitor dessas seções era feminina, o cumprimento das funções de esposa e mãe deveria

---

então apresentar-se: a indiferença religiosa". Cf. *Catecismo da Igreja Católica*. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 447.

[319] Confie-me seu problema. *FC*, jun. 1958, p. 5

[320] *Idem*, nov. 1955, p. 4; *Idem*, fev. 1958, p. 5, 16.

[321] *Idem*, dez. 1959, p. 11.

[322] *Idem*, jun. 1958, p. 4.

[323] Não há referências diretas aos problemas de saúde relatados nas correspondências.

[324] Intercâmbio com as leitoras. *LC*, n. 28, 11 jul. 1954, p. 4.

[325] Confie-me seu problema. *FC*, abr. 1957, p. 4.

incorporar não apenas uma formação nos assuntos relativos ao casamento, mas também nos estudos de modo geral, desde "aptidões práticas", como curso de corte e costura e de economia doméstica, até curso de enfermagem e a manutenção de "boas convivências", que as consulentes poderiam encontrar em obras sociais e atividades pastorais da Ação Católica.[326]

O interesse pela leitura também mobilizava muitos leitores que buscavam por sugestões literárias. A coleção de *Cadernos de Preparação para o Casamento*, assinada por Maria Madalena, estava entre os livros mais indicados e pedidos pelas leitoras de "Intercâmbio com as leitoras". Era organizada em duas partes: a primeira abordava a iniciação dos filhos e filhas menores de vinte anos nos mistérios da vida e a segunda, a preparação para o casamento dos filhos maiores de vinte anos ou dos filhos já noivos. Na segunda edição, os cadernos foram publicados como um único volume. A coleção era anunciada como um complemento das temáticas abordadas por Maria Madalena nos círculos de formação familiar ministrados na Ação Católica de Juiz de Fora e vendida por reembolso postal através da revista ao preço de 200 cruzeiros (Cr$200,00) Além dos *Cadernos de Preparação para o Casamento*, outros livros também se destacavam enquanto leituras que os católicos, principalmente as mulheres, deveriam ler: *A serviço do amor*, do Dr. Carnot, a coleção *Intimidade conjugal*, de Pierre Foyer e os livros *A educação sexual (para pais e educadores)* e *Noivos e esposos*, ambos assinados pelo monsenhor Álvaro Negromonte.[327] Tais publicações se destacam não apenas pela frequência com que aparecem nas seções de correspondência com os leitores, mas também porque ilustram uma característica bem particular desse tipo de publicação: a especificidade do público leitor. Argumentava-se que os livros não deveriam cair em "mãos imaturas"[328], pois poderiam causar o efeito contrário do pretendido: sugestionar o espírito ao invés de instruir.

No que diz respeito às perversões sexuais, aqui observamos contrastes e aproximações interessantes entre a forma como os católicos e os psicanalistas abordavam as questões. Diferente de *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*, as perversões sexuais não ocupavam a mesma atenção no aconselhamento realizado nos impressos católicos. A homossexualidade aparece em um único caso e o conselho dado por Maria Madalena a consulente G. M. era o de "sublimar os instintos" através da

[326] Intercâmbio com as leitoras. *LC*, n. 26, 27 jun. 1954, p. 3.
[327] Sobre os demais títulos, ver apêndice A.
[328] OLIVEIRA. *Amor e paz. op. cit.*

elevação do pensamento de modo que o tempo pudesse converter a atração física em um afeto espiritual. A sublimação consistiria em manter a afeição apenas no plano espiritual, mediante uma vigilância constante e equilibrada:

> É preciso, no entanto, para manter o equilíbrio, no plano espiritual, uma vigilância suave e firme. Complacência exagerada, nas manifestações sensíveis, pode nos fazer fugir mais ou menos do plano espiritual da amizade.
>
> [...] quando queremos viver plenamente toda a riqueza de uma amizade no plano espiritual, toda nossa energia psicológica deverá ser transferida para o plano espiritual, na procura do bem do outro, num amor sem egoísmo, puramente oblativo.[329]

A masturbação, por sua vez, era considerada um pecado grave contra a pureza que deveria ser confessado, exceto quando a autossatisfação erótica era realizada por uma criança. Neste último caso, era importante não se escandalizar com o ato e sim "canalizar toda a energia da criança para outro plano", a fim de que atingissem uma "madureza saudável", capaz de superar "fenômenos que caem dentro da normalidade de uma natureza decaída pelo pecado original e absolutamente não podem ser considerados como manifestações mórbidas e perversas".[330] O cultivo de relações amistosas com os filhos era considerado a melhor forma de corrigir a masturbação infantil e, assim como os psicanalistas, os católicos também compreendiam que ameaças e castigos de nada resolveriam; ao contrário, causariam "traumatismos e futuras neuroses".[331]

O tema era mais abordado nos livros indicados aos consulentes do que nas próprias seções de correspondência. Em *A educação sexual*, do padre Negromonte, a masturbação era condenada como um pecado gravíssimo contra a castidade, em particular na adolescência, demandando maior vigilância dos pais, mesmo quando estes se recusavam a acreditar que seus filhos poderiam ser capazes de conduta tão imoral e torpe. A confissão era apresentada como "elemento de cura de primeira ordem" e os pais eram orientados a levar os filhos a um confessor, mas caso persistissem no "vício", eram aconselhados a procurar um médico, pois "os argumentos de ordem fisiológica impressionam mais [que os de ordem moral]" e, desta forma, poderiam surtir mais efeito.[332]

---

[329] Intercâmbio com as leitoras. *LC*, n. 42, 17 out. 1954, p. 3.
[330] Confie-me seu problema. *FC*, jun. 1958, *op. cit.*
[331] Intercâmbio com as leitoras. *LC*, n. 22, *op. cit.*
[332] NEGROMONTE. *A educação sexual. op.cit.*, p. 120.

O apelo a explicações fisiológicas também se aplicavam à frigidez. Ainda que não fosse abordado pelas consulentes nem nas respostas dadas nas revistas, o assunto indica algumas apropriações do saber científico na reafirmação da importância do gozo sexual para a harmonia conjugal e, por extensão, para a indissolubilidade do casamento. Em *A serviço do amor*, era alertado que as moças que não eram instruídas pelas mães sobre as "realidades do casamento" estavam "mais expostas" aos erros e aos traumas causados pelo excesso de reservas em relação às coisas da carne. A "educação mal compreendida" era apontada como uma das causas de ordem psíquica da frigidez. Também se tornava importante esclarecer que o prazer sexual não tinha nada de mal e era importante à felicidade conjugal, desde que utilizado a serviço do amor e da finalidade reprodutiva. Ao explicar o prazer no ato sexual, o Dr. Carnot dava a seguinte justificativa:

> Assim como nos colocou o prazer no comer e no beber *a fim de assegurar a manutenção da vida*, o Criador quis o gozo nas relações conjugais, para *encorajar os esposos a transmitir a vida*. [...] *No verdadeiro amor sua intensidade é tal que proporciona aos esposos a sensação de realizarem um ato que os ultrapassa*, um ato que os poderá prolongar através das gerações futuras [...].

A ausência de prazer na primeira relação sexual era considerada normal, uma vez que o rompimento do hímen geralmente causava dor. A iniciação sexual era responsável por causar perturbações tanto no homem quanto na mulher; porém estas eram consideradas mais vulneráveis, devido à dor e ao desconforto físico causados pelo rompimento do hímen. Quanto a isso, dois conselhos eram apontados no livro e muito se assemelhavam à forma como Gastão respondia as cartas de seus consulentes: às mulheres era sugerido confiar plenamente no marido, enquanto aos homens era aconselhado se instruir muito em assuntos de anatomia e psicologia feminina a fim de saber como conduzir suas esposas no ato sexual. Deveriam ter moderação nas carícias e no desejo para que não fossem "brutos" com suas parceiras.[333]

As mulheres frias eram acusadas de "egoístas" e "desleixadas" por não corresponderem aos apelos de amor de seus maridos e, desta forma, também eram responsabilizadas pelos casos de infidelidade conjugal. O equilíbrio era fundamental; portanto, da mesma forma que deveriam ceder aos apelos sexuais também deveriam manter a moderação, pois o excesso de sensibilidade sexual era tão grave quanto a falta

[333] CARNOT. *A serviço do amor. op. cit.,* pp. 126-127.

e, neste caso, era importante ter um autocontrole para que não agissem como "insensata meretriz".[334]

Tendo em vista que *A serviço do amor* era escrito por um médico, aqui observamos quais aspectos da ciência eram valorizados pelos católicos. Ao incorporar a discussão médica e indicar livros científicos a seus leitores, os católicos se apropriavam e reconheciam a importância do prazer sexual, desde que – e nisso eram muito enfáticos – não violassem a finalidade reprodutiva. O Dr. Carnot enfatizava que "qualquer busca do prazer, fora das leis naturais do casamento, constituía um fato desordenado". Argumentava ainda que a união sexual não ocorria apenas pelos "órgãos genésicos, mas também pelo coração e pelo espírito", configurando em uma "união total e completa". Negligenciar qualquer um desses aspectos significava "fazer do homem um anjo ou um animal".[335]

Essa formação moral implicava em uma abordagem distinta dos assuntos sexuais para o homem e para a mulher, da mesma forma que os indivíduos que estavam mais próximos do casamento demandavam uma instrução mais detalhada daqueles que ainda não estavam noivos. Competia, portanto, instruir os fiéis católicos de modo que estivessem devidamente preparados para as funções específicas que deveriam assumir na relação conjugal e na educação dos filhos, o que conferia uma característica muito particular aos critérios de leitura dos católicos. Entre os assuntos abordados de forma diferenciada, estava a maternidade, que não constituía um tema nos livros editados para os homens. Afirmada como uma "necessidade fisiológica" e "razão de ser" da mulher, os livros deveriam ensinar às mulheres sobre o funcionamento dos órgãos sexuais, a fim de demonstrar como o corpo feminino era organizado com "harmonia e perfeição" para a geração da vida. As jovens mulheres eram ainda mais valorizadas como público alvo dessa educação sexual, a fim de que estivessem devidamente preparadas para instruir seus filhos. Isso justificava a publicação de edições próprias para homens e mulheres, além de circunscrever a faixa etária adequada do público leitor.

No prefácio de *A intimidade conjugal: o livro do esposo*, por exemplo, era esclarecido que o livro não se destinava "aos jovens que não são noivos, nem aos noivos cujo casamento esteja afastado", da mesma forma que não deveria ser lidos por noivas nem esposas.[336] Assim também o era no prefácio da edição feminina, ressaltando que

[334] CARNOT. *A serviço do amor. op. cit.*, pp. 130-131.
[335] *Ibidem*, p. 124.
[336] FOYER, Pierre. *A intimidade conjugal: o livro do marido*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1947.

noivas e esposas tinham "temperamento fisiológico e concepções" distintas dos homens e que, portanto, abordava o casamento e os conselhos relativos a ele segundo a "ótica feminina" e sua psicologia.[337] Em ambos, a finalidade era a mesma: "contribuir para a felicidade dos lares e para a elevação das almas".[338] A coleção *Intimidade conjugal* era composta por quatro volumes – *O livro da moça, O livro do rapaz, O livro do marido* e *O livro da esposa* – todos assinados por Pierre Foyer, um "pseudônimo coletivo [...], fruto da colaboração de médicos, de esposos e esposas e de um moralista"[339]. Não foi possível identificar qual editora brasileira foi responsável pela publicação desta coleção, pois as recomendações literárias dessa coleção apareciam em versões do português lusitano, francês ou espanhol.

Da mesma forma, os livros escritos para mulheres na idade do casamento ou que já fossem casadas não deveriam ser lidos por moças mais jovens solteiras ou que, mesmo noivas, não tivessem a intenção de oficializar o casamento em breve. É o caso da edição feminina de *A serviço do amor*, assinada pelo médico francês Dr. J. Carnot e sua filha Edith Carnot.[340] Dedicado a abordar de maneira "clara, asseada e decente" os "mistérios fisiológicos da vida sexual para moças casadouras e mais ainda para senhoras casadas à luz da sã psicologia e moral"[341], especificava quais mulheres deveriam ler o livro:

> O livro que vos oferecemos hoje, queridas amigas, *é destinado mais especialmente àquelas dentre vós que trabalham fora de casa, na fábrica, no escritório, na oficina*. Em tais ambientes, quase todas tendes a ocasião de ouvir sobre o amor, as teorias mais desconcertantes e, não raro sois testemunhas de uma libertinagem que vos revolta. Jovens ainda, quereis saber o que se há de pensar de tudo isso, tanto mais que certos subtendidos da conversa escapam a vossa compreensão; de outra parte, vossos pais não tiveram quiçá oportunidade ou a possibilidade de responder a vossa legítima curiosidade.[342]

A preocupação com os riscos de contaminação que o trabalho fora de casa poderia causar às mulheres, aos valores morais do casamento e ao "verdadeiro amor"

---

[337] *Idem*. *A intimidade conjugal: o livro da esposa*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1948, grifo do autor.
[338] *Idem*. *A intimidade conjugal: o livro do marido. op. cit.*
[339] *Ibidem*.
[340] A assinatura de uma mulher – ainda que pudesse ser um pseudônimo para esconder uma autoria masculina – e a referência às leitoras como "queridas amigas" enfatizavam a importância de um recorte de gênero na leitura e maior autoridade no conhecimento do universo feminino.
[341] CARNOT; CARNOT. *A serviço do amor (edição feminina). op. cit.*
[342] *Ibidem*, pp. 7-8, grifo nosso. Uma curiosidade: no exemplar do livro adquirido e utilizado nessa pesquisa há uma dedicatória no falso rosto escrita "Este livro católico deverá ser lido apenas pela prof. Julieta. Ass.: Pe. Vigário", o que reforça o propósito desse tipo de literatura em informar que não deveria ser lido por qualquer pessoa.

eram uma resposta conservadora aos avanços sociais e políticos femininos conquistados ao longo das décadas anteriores, como o direito ao voto, a independência econômica e social e a busca de novas formas de realização pessoal fora do casamento. Assim, o recorte de gênero dos livros recomendados pelos católicos está relacionado ao principal objetivo do modelo de educação sexual religioso: a reafirmação das diferenças sexuais e da divisão dos papéis do homem e da mulher no casamento. Isso justificava abordagens diferenciadas sobre a educação sexual de acordo com as especificidades da "natureza" de cada sexo. As diferenças sexuais eram atribuídas à Criação divina, mas agora também eram reafirmadas segundo considerações científicas.

> Esta brochura, ao mesmo tempo em que vos instruirá *cientificamente* sobre muitas coisas, ajudar-vos-á a formar uma opinião justa sobre o verdadeiro amor, aquele que um dia vos trará felicidade. E a felicidade [...] é coisa bem diferente e bem maior do que o prazer.[343]

Ainda assim, não bastava que os livros fossem científicos: era importante que ressaltassem o aspecto moral do sexo. A linguagem também era outro critério fundamental desse tipo de literatura, pois deveria fornecer as informações de maneira objetiva e discreta, "sem puritanismo, nem sexolatria":

> Os problemas conjugais serão abordados com toda a franqueza e clareza, especialmente aqueles que dizem respeito à intimidade carnal dos esposos. Não será omitido nenhum ensinamento, necessário ou útil. No entanto, será dado com delicadeza porque o cuidado da linguagem, neste domínio, tem uma influência realmente benéfica sobre a qualidade dos sentimentos. Um estilo cru e brutal tende só por si a vulgarizar as almas. Uma linguagem pura afina-as e eleva-as.[344]

Desta forma, o tom que perpassa toda a instrução católica é a moderação. Era importante não ignorar os instintos sexuais, nem estimulá-los com explicações muito detalhadas. O conhecimento científico sobre o corpo deveria estar subordinado à "educação da pureza" e era apropriado pelo discurso católico para endossar as diferenças sexuais e a moralização do sexo. Assim, embora também fossem indicados livros escritos por autores médicos, pedagogos e psicólogos, muitos deles católicos, uma das justificativas para a publicação de títulos assinados por autoridades católicas era a crítica de que muitas obras reduziam o casamento e seus problemas unicamente a sua dimensão sexual. Embora esta fosse "incontestável", outros aspectos de ordem

[343] *Ibidem*, p. 7-8, grifo nosso.
[344] FOYER. *A intimidade conjugal. op. cit.*

"extrassexual" e "sentimental" eram considerados tão fundamentais à missão de "assegurar a felicidade dos lares" e, portanto, demandavam maior atenção.[345]

Assim como as boas distrações e a higiene nos cuidados íntimos, a leitura era eleita pelos católicos como um caminho natural capaz de garantir a educação sexual, ao reafirmar que o corpo não deveria ser utilizado para o próprio prazer, mas sim para a elevação do espírito. A preocupação dos católicos com a leitura se ocupava igualmente dos livros produzidos por padres e leigos e dos considerados imorais e proibidos. Os perigos que as más leituras poderiam causar não é novidade desse período e constituía uma longa tradição na história do catolicismo, a exemplo do *Index Librorum Prohibitorum*, o índice de livros proibidos pela Igreja Católica, criado durante o Concílio de Trento. O *Index* foi publicado até 1966 e, embora não tenha sido possível identificar as edições mais recentes do século XX, é de conhecimento que alguns livros de educação sexual, inclusive escritos por padres como Marc Oraison (que, diga-se de passagem, também era médico) e publicados com o selo de *nihil obstat* [nada obsta], também foram incluídos no índice acusados de violarem os princípios católicos sobre a moral sexual.[346]

No Brasil, o esforço mais conhecido foi a publicação do guia literário *Através dos romances: um guia para as consciências*, escrito pelo frei Pedro Sinzig. Publicado pela primeira vez em 1917 pela editora Vozes, o guia era uma espécie de "manual do veto" que classificava uma quantidade considerável de livros e autores avaliados como adequados ou condenáveis.[347] Essa dinâmica também aparece nas revistas católicas, que classificavam os livros de acordo com o público alvo que deveriam alcançar – moças, rapazes, pais, mães, educadores – ou ainda como "condenáveis", "desaconselháveis" ou "recomendáveis apenas para pessoas de critério".[348] O interesse em saber o que deveria ser lido ou não também mobilizava os próprios leitores, que escreviam curiosos em saber a cotação das revistas em circulação e quais os pecados poderiam ser cometidos devido à leitura de "revistas imorais". Esta era a pergunta feita por Indecisa e respondida em "Confie-me seu problema":

> Quanto à culpabilidade de quem lê revistas imorais etc., eis o que diz a moral católica:

[345] FOYER. *A intimidade conjugal. op. cit.*
[346] DESMAZIÈRES. *L'inconscient au paradis. op. cit*., pp. 176-177.
[347] PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1997.
[348] Essas categorias são utilizadas na seção "No Mundo dos Livros", publicada em *Família Cristã*.

> a) É pecado grave ler livros e revistas imorais porque excitam fortemente o prazer sensual. Tai leitura só é lícita para *fins de estudos, necessários* ao próprio ofício. [...]
>
> b) Ler coisas um tanto indecentes, *por si só* é pecado venial. Pode tornar-se mortal se a leitura é feita por má intenção ou se por experiência tem-se a certeza de consentir na tentação.
>
> Deve-se desaconselhar especialmente aos jovens a leitura de romances eróticos que ameaçam a moralidade cristã. Com maior razão, proíba-se a leitura de revistas obscenas e pornográficas cujo veneno ofusca o esplendor da pureza e paralisa as energias da alma.[349]

Algumas revistas populares e simbólicas dos costumes conservadores da época, como *Cruzeiro, Grande Hotel*, *Querida* e *Capricho*, eram de leitura "desaconselhável" e acusadas de modernas e "sensacionalistas demais" por seu "exibicionismo" e sua "falta de pudor na exposição dos problemas sexuais".[350] Outras, como *Nudismo*, eram condenáveis e, portanto, não deveriam ser lidas em nenhuma circunstância.[351] A curiosidade dos leitores em pedir avaliação das leituras nos informa sobre algumas das publicações que recebiam uma opinião negativa dos mediadores católicos. Dentre eles, *A Religiosa*, de Diderot, *O Mártir da Gólgota*, de Henrique Perez Escrich e romances de Émile Zola ou ainda livros publicados por editoras protestantes ou avaliados como "esotéricos", tal como *A ascese mística* e *A grande síntese*, ambos de Pietro Ubaldi e *Como viver feliz*, publicado pelo Círculo Esotérico.

Os livros científicos também estavam na lista de leituras desaconselhadas ou que deveriam ser lidas apenas para fins de estudo: *Enciclopédia Sexual*, dos Drs. Costler e Willy, *Nossa vida sexual*, do médico alemão Fritz Kahn e *A educação sexual e afetiva*, do médico e pedagogo André Berge. Enquanto os romances eram condenados diretamente pelo excesso de imaginação ou de imoralidades que narravam, os livros científicos eram colocados sob a mira da censura católica acusados de abordar "assuntos delicados com pouco critério moral" e, portanto, serem mais "prejudiciais do que úteis" aos leitores que buscavam se instruir no assunto. Quando os leitores buscavam uma opinião sobre títulos específicos, a reprovação era acompanhada da sugestão de outras leituras consideradas saudáveis do ponto de vista moral por abordarem os mesmos assuntos "com dignidade". É o caso de *A serviço do amor*, do Dr. Carnot, *A educação sexual* e *Noivos e esposos*, ambos do padre Negromonte.[352]

[349] Confie-me seu problema. *FC*, mar. 1956, p. 4, grifo do autor.
[350] Confie-me seu problema. *Idem*, abr. 1955, p. 7.
[351] Confie-me seu problema. *Idem*, jul. 1958, p. 4.
[352] Confie-me seu problema. *FC*, out. 1955, *op. cit.*.

A preocupação com a boa leitura também revela alguns ruídos entre os católicos quanto aos critérios de avaliação e condenação da leitura científica. O livro *A educação sexual e afetiva* de André Berge[353] é muito ilustrativo da falta de consenso dos próprios católicos em relação à educação sexual e aos critérios de avaliação das leituras científicas. Como já apontamos no capítulo 1, o livro foi alvo de opiniões divergentes entre os próprios católicos e nos sinalizam que a educação sexual não constituía um consenso entre os religiosos. Berge era um psicólogo e psicanalista católico, um dos nomes responsáveis pelo movimento de diálogo entre psicanálise e religião na França, e seu livro *Educação sexual e afetiva* fazia parte da coleção "Família", que pretendia abordar "à luz dos novos dados de psicologia moderna, as questões atinentes à família, como sejam: a preparação para o casamento, os problemas conjugais e a educação." Outros dois livros do autor – *Como educar pais e filhos?* e *Defeitos das crianças* – faziam parte dessa coleção, que também contava com títulos de autores brasileiros, como Alceu Amoroso Lima, Maria Junqueira Schmidt e Gustavo Corção.[354]

A educação sexual e afetiva era organizada em três partes – *Pedagogia e sexualidade*, *Psicologia e sexualidade* e *Moral e sexualidade* – e abordava de forma científica "o processo de desenvolvimento das forças afetivas e sexuais na criança e os perigos de bloqueio ou de desvio dessa evolução", ressaltando a necessidade de que os educadores tivessem respostas adequadas para ajudar "o desenvolvimento harmonioso e sadio do homem e da mulher em formação". Buscava atender também os casados, os jovens em preparação para o casamento e qualquer outra pessoa interessada "na solução dos problemas humanos causados pelos conflitos do amor e do sexo, e dos problemas sociais gerados ou geradores dessas desordens pessoais".[355] Sua condição enquanto homem de ciência também era frisado no prefácio, escrito pelo frei dominicano Pedro Secondi:

> o autor é certamente cristão, mas mantém-se voluntariamente aquém de considerações de ordem religiosa porque quer trazer-nos somente o resultado de seus estudos de médico e de sua experiência atenta de pai, no domínio científico e prático. Nada nos impedirá de estabelecer por nós mesmos os prolongamentos de ordem moral e espiritual que se impõem.[356]

[353] André Berge (1902-1995) foi um médico, pedagogo e psicanalista francês. Foi um dos fundadores da *École des parents et éducateurs de Paris* (GIAMI, Alain. "Une histoire de l'éducation sexuelle en France: une médicalisation progressive de la sexualité (1945–1980)". *Sexologies*, v. 16, n. 3, p. 219-229, 2007).
[354] Ver anexo A.
[355] BERGE, Andre. *A educação sexual e afetiva*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
[356] SECONDI, frei Pedro. Prefácio. *In* BERGE. *op. cit*, contracapa.

Aqui a psicanálise era apontada como uma ciência moderna de importantes contribuições à educação familiar devido a seu potencial pedagógico. Mas a abordagem científica também rendeu muitas críticas e os leitores que pediam opinião sobre este livro recebiam o seguinte esclarecimento:

> Apesar de André Berge ser bom escritor, psicólogo e especialista dos problemas da infância, juventude e família, este seu livro é reprovado. Apresenta o desenvolvimento sexual e sentimental da criança, adolescente, mulher e homem; tenta esboçar uma moral sexual. Ao longo de toda a sua exposição, *o autor teima em permanecer no campo inteiramente natural. Defende alguns princípios condenados pela Igreja.* Embora escrito com nobreza, *o livro prejudica a quem não tiver uma formação moral muito segura.* [357]

Videns terminava o conselho apontando que o simples fato de um livro ser publicado em uma editora católica não era uma garantia de que constituía em uma boa leitura: "infelizmente, por falta de tempo dos responsáveis que deveriam conhecer todas as obras que distribuem, ou por outro motivo, acontece que também há livros não bons em editoras católicas".[358]

As tensões entre religião e ciência, no que se refere a educação sexual, passava pelo crivo da moral: a moralidade era o principal parâmetro de avaliação entre o conhecimento sexual legítimo e ilegítimo. Se, de um lado, o embate com os médicos se fundamentava na crítica de que ofereciam uma formação exclusivamente científica e técnica, ignorando a importância da dimensão moral do sexo, de outro, havia a clareza de que não era possível ignorar o corpo na explicação da educação sexual, uma vez que as funções sexuais eram tão importantes quanto as demais. A partir da constatação de que o silêncio sobre o sexo causava mais perturbações do que garantias a castidade e a pureza, além do fácil acesso a livros científicos e imorais, novas estratégias discursivas eram utilizadas para reafirmar e conformar uma sexualidade circunscrita ao casamento, voltada para a procriação e a educação dos filhos. A incorporação da ciência era uma delas, desde que estivesse subordinada aos valores católicos e à felicidade conjugal.

As explicações científicas eram incorporadas pelos católicos engajados com a educação sexual para reafirmar as diferenças sexuais do homem e da mulher e seus respectivos papéis dentro do casamento. A educação sexual visava prepará-los para o casamento, a fim de salvaguardar a família contra as influências não religiosas e consideradas "modernas" advindas dos meios de comunicação de massa e da literatura

[357] Confie-me seu problema. *FC*, abr. 1959, p. 5, grifo nosso.
[358] *Ibidem*.

sexual então em voga. O funcionamento dos órgãos sexuais, a maternidade do ponto de vista biológico, as diferenças psicológicas do comportamento do homem e da mulher e o reconhecimento do gozo para a fecundação eram alguns dos aspectos científicos mobilizados pelos católicos nessa instrução sexual. Ainda assim, as relações entre religião e ciência não eram tão afinadas, e muitos livros científicos eram condenados ou ainda recomendados apenas para "pessoas de critério" e para fins de estudo justamente por sua explanação estritamente científica. É o que observamos nas diferentes opiniões entre o livro *A serviço do amor*, do Dr. Carnot, e *Educação sexual e afetiva*, de André Berge. Ambos eram médicos e católicos, mas enquanto no livro do Dr. Carnot, a ciência era colocada a serviço da religião e reafirmava a concepção religiosa da atividade sexual, isso não se reproduzia no caso de Berge, que se preocupava mais com as contribuições da psicanálise para a educação sexual e não fazia menção em seu livro a aspectos religiosos, ainda que seu livro tenha sido publicado por uma editora católica.

Considerações finais

Assim como pontuado por Gastão Pereira da Silva em seu artigo "Um aspecto religioso da psicanálise", citado na introdução, a educação sexual se constitui um tema importante para refletir sobre as tensões e as ambiguidades que marcam as relações mais amplas entre ciência e religião. Ao investigar as propostas de educação sexual divulgadas por psicanalistas e católicos, buscamos lançar luz sobre os matizes que atravessam o debate sobre a questão sexual durante os anos 1950.

Ainda que as disputas sejam muito claras e que os diálogos não tenham significado o fim das críticas mútuas entre psicanalistas e católicos, observamos algumas semelhanças que sinalizam para a "tese da complexidade" pontuada pela historiografia da ciência e religião e que também se expressam nas relações entre psicanálise e catolicismo. Em primeiro lugar, psicanalistas e católicos se destacavam entre os autores que viam nos livros uma estratégia de divulgação da educação sexual para leigos. Isso também situava as diferenças entre os próprios grupos: a popularização da psicanálise que tinha em Gastão Pereira da Silva seu principal divulgador através da publicação de livros, da colaboração na imprensa e em programas de rádio se anunciava como científica, porém tal esforço não era muito bem visto pelos psiquiatras que pertenciam à comunidade médica mais tradicional e que incorporavam a psicanálise como terapia no tratamento dos doentes mentais internados nos hospitais psiquiátricos. Da mesma maneira, os católicos engajados com a educação sexual, como o padre Álvaro Negromonte, também criticavam o silêncio predominante que até então fundamentava a forma como lidavam com a questão.

Para ambos os personagens, a ignorância era tão prejudicial quanto o acesso a explicações imorais e pornográficas sobre o sexo. Portanto, a escolha pela imprensa enquanto suporte privilegiado na circulação e divulgação dos respectivos modelos de educação sexual era justificada por seu amplo alcance e pela necessidade argumentada de disputar e competir com outras explicações, geralmente avaliadas como pornográficas, imorais e, portanto, nocivas à formação principalmente de adolescentes e jovens. Embora o padre Negromonte não tenha colaborado em *Lar Católico* e *Família Cristã*, seus livros estavam entre as principais sugestões literárias recomendadas aos consulentes, sobretudo às mulheres, que escreviam para as seções de correspondência com os leitores.

A década de 1950 também é um período de transformações significativas no modo de fazer jornalismo, marcado por uma crescente profissionalização dos jornalistas e maior modernização e segmentação do mercado de revistas. No caso da educação sexual, uma característica específica desses suportes se destaca para refletir sobre os temas mobilizados em torno da educação sexual: a seção de correspondência com os leitores. Aqui, os personagens que assinavam as seções buscavam promover uma mediação direta com os leitores e utilizavam desses espaços para divulgar livros sobre o assunto, alguns deles escritos pelos próprios. Embora incentivassem a participação dos leigos, a última palavra era sempre a dos conselheiros, que utilizava das seções para reafirmar sua autoridade no assunto. Observamos algumas diferenças importantes no lugar de fala desses personagens: Gastão Pereira da Silva se apresentava e era reconhecido por seus consulentes como uma autoridade médica, enquanto os mediadores católicos também tinha a posição diferenciada. Maria Madalena Ribeiro de Oliveira assinava uma seção que era publicada em um suplemento feminino e, portanto, além de ter um público predominantemente formado por mulheres, aqui o aconselhamento mais se assemelhava a uma conversa entre amigas, ao aconselhamento afetivo de uma amiga mais velha. Por fim, o padre Videns se lançava como um confessor e, além de abordar temas mais relacionados à doutrina, também ressaltva a importância da confissão e de procurar um confessor pessoalmente para aliviar as angústias relatadas.

Nesses consultórios e confessionários em revista, a leitura se destacava como principal recomendação aos diversos assuntos relatados nas cartas enviadas pelos consulentes, que aproveitavam do anonimato para confessar as angústias mais recônditas. Gastão e Maria Madalena também souberam incorporar esses espaços colaborativos à indicação e propaganda de suas próprias produções literárias, o que também sinaliza a importância da imprensa como recurso de publicidade dos livros. Em diálogo com as considerações de Chartier, compreendemos que essa dinâmica configurava em um protocolo de leitura importante, ao reforçar o que os leigos deveriam ler ou ainda censurar o que não deveria ser lido por falta de critério ou por ser uma leitura nociva ao espírito.

A recomendação direta de livros sobre educação sexual estava relacionada a uma preocupação com a "educação da vontade" e "cultivo do espírito". Afinal, psicanalistas e católicos compartilhavam da noção de que era importante saber escolher muito bem o que se pretendia ler, pois certas leituras poderiam ser mais nocivas do que instruir.

Muitos eram os casos em que a leitura era recomendada. Apesar deste consenso, também observamos tensões claras: enquanto Gastão ressaltava a importância de livros científicos e instrutivos sobre educação sexual, para Maria Madalena e Videns o critério de "boa leitura" estava mais relacionado à doutrina católica. Alguns livros recomendados pelos católicos eram assinados por médicos, como o Dr. Carnot, e outros especialistas, mas não era qualquer livro científico que deveria entrar nos lares cristãos. Algumas leituras eram condenadas ou deveriam ser lidas apenas por pessoas de critério e para fins de estudo justamente por sua abordagem exclusivamente científica dos assuntos sexuais, acusados de ignorarem a dimensão moral do sexo, considerada ainda mais importante e o ponto de partida da boa educação sexual católica, também chamada de "educação da pureza".

A educação sexual, portanto, era situada entre a ciência e a moral. Ainda assim, essas fronteiras entre o consultório da psicanálise e o confessionário católico não eram muito claras, tal como observado nas considerações sobre o casamento, a homossexualidade, a masturbação e outros problemas de ordem afetiva e sexual que os consulentes traziam para as seções das revistas. A psicanálise afirmava a centralidade do casamento como única manifestação normal da sexualidade. Este, inclusive, era um conselho constantemente dado por Gastão aos indivíduos que relatavam sentir atração por pessoas do mesmo sexo enquanto uma garantia de "normalizar as relações sexuais" e também se aplicava ao diagnóstico de outras "perversões", como a masturbação, a sodomia e outras práticas sexuais dissociadas da reprodução. A educação sexual estava relacionada à educação da vontade e à sublimação dessas tendências, condição fundamental à cura desses distúrbios.

Para os católicos, o casamento era a principal finalidade da educação sexual, que deveria instruir jovens e adultos recém-casados para a união conjugal e de modo a garantir a harmonia conjugal. Isso implicava em uma abordagem distinta dos mesmos assuntos para homens e mulheres, bem como adequada à faixa etária dos mesmos. A boa leitura significava em incorporar preceitos científicos, a fim de instruir sobre o funcionamento do corpo e dos órgãos sexuais, mas também servia à reafirmação das diferenças sexuais também segundo a psicologia do homem e da mulher. No caso das mulheres, a preocupação com a formação e os estudos, mesmo o trabalho, não deveria minimizar a principal responsabilidade e função social da mulher: a educação dos filhos. Competia, portanto, instruí-las para que pudessem estar imunes às influências do

trabalho fora de casa e ao acesso à más leituras e más companhias. Tudo com a finalidade de garantir a harmonia conjugal e a felicidade do lar.

A valorização do casamento tornava a família o principal alvo das propostas de educação sexual, tendo em vista a reafirmação dos papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres no interior da família e na sociedade em um contexto de mudanças nos padrões de comportamento e da *mass media*. Embora houvesse um consenso sobre o protagonismo de pais e mães na educação sexual dos filhos, os católicos eram muito mais incisivos no embargo a entrada dessa discussão nas escolas. A reafirmação da exclusividade da família sobre a escola na educação de crianças e adolescentes era pautada em critérios religiosos e morais, e tal discurso continua a balizar o debate atual sobre a educação sexual, cujos principais adversários hoje, além dos católicos, são o movimento Escola Sem Partido e grupos religiosos ligados à bancada evangélica.

Ao desenvolver uma análise historiográfica da educação sexual a partir das relações entre ciência e religião, a proposta desta dissertação foi apontar alguns caminhos ainda pouco explorados. Muitos ainda são os caminhos de análise possíveis a partir, tal como indicado pela própria diversidade de questões abordadas pelos agentes históricos. Em diálogo com as considerações de Peter Harrison[359], compreendemos que as noções de ciência e religião nos informam muito sobre tais relações no presente, sinalizando não apenas as particularidades históricas dessas interações, mas também algumas permanências. Por fim, concluímos que o estudo sobre a educação sexual durante os "anos dourados" brasileiros possui algumas especificidades, que nos permitem identificar alguns aspectos que continuam a balizar a discussão sobre o tema no tempo presente, como as disputas relacionadas ao papel da família e a possibilidade de "cura gay", hoje reacendida por grupos de psicólogos e psiquiatras cristãos.

[359] HARRISON. *Os territórios da ciência e da religião. op. cit.*

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes impressas

A Família Cristã, São Paulo, 1954-1959.

Ciência & Sexualidade, Rio de Janeiro, 1953-1957.

Lar Católico, Juiz de Fora (MG), 1950-1955.

Seleções Sexuais, Rio de Janeiro, 1952-1957.

Outros jornais e revistas

A candidatura de Gastão Pereira da Silva à Academia Brasileira de Letras. *Vamos Ler!*, n. 409, 01 jun. 1944, p. 23.

Acusado ainda de pertencer à "imprensa amarela". *Última Hora*, n. 455, 16 nov. 1960, p. 1.

C. A. Livros. *A Ordem*, n. 6, dez. 1957, p. 78.

Censura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19773, 10 set. 1957, p. 6.

Imprensa imoral. *A Cruz*, 07 fev. 1954, p. 2.

LIMA, Everardo Moreira. 25 pessoas num mesmo processo: ação contra a revista de Luz Del Fuego. *O Jornal*, Rio de Janeiro, n. 10129, 13 set. 1953, p. 3.

O novo superintendente das Empresas Incorporadas. *A Noite*, 25 abr. 1950, p. 3.

O papa e psicanálise. *Correio da Manhã*, n. 18253, 25 set. 1952, p. 8.

PORTO-CARRERO, Júlio Pires. Resposta de um especialista. *Boletim de Eugenia*, ano II, n. 24, 1930, pp. 5-6.

Prêmio José de Albuquerque 1939. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 669, 06/04/1940, p. 3.

Proibida a venda de publicações moralmente perniciosas. *O Dia*, Curitiba, n. 10616, 31 ago. 1957, p.8.

Proibida pelo juiz. *Diário da Tarde*, n. 20433, 04 set. 1957, p. 1.

Queima de revistas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19995, 04 ago. 1958, p. 10.

SILVA, Gastão Pereira da. Nós, os charlatães... *O Malho*, n. 21, out. 1941, p. 67.

Livros

BERGE, Andre. *A educação sexual e afetiva*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

CARNOT, Dr. J.; CARNOT, Edith. *A serviço do amor (edição feminina).* 3ª Ed. São Paulo: Livraria Catedral, 1955.

FOYER, Pierre. *A intimidade conjugal: o livro do marido*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1947.

FOYER, Pierre. *A intimidade conjugal: o livro da esposa*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1948.

NEGROMONTE, mons. Álvaro. *A educação sexual (para pais e educadores)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

NEGROMONTE, Álvaro. *Noivos e esposos (problemas do matrimônio)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

NEGROMONTE, mons. Álvaro. *O caminho da vida: moral cristã*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

OLIVEIRA, Maria Madalena Ribeiro de. *Amor e paz: primeira e segunda fase de preparação ao casamento ou iniciação dos filhos e das filhas menores e maiores de vinte anos nos mistérios da vida*. 2ª ed. Juiz de Fora: 1959.

SILVA, Gastão Pereira da. *O tabu da virgindade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Mundo Latino, 1952.

SILVA, Gastão Pereira da. *Vícios da imaginação: meios de corrigi-los*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

Decretos e leis

BRASIL. *Lei n. 2.083, de 13 de novembro de 1953*. Regula a liberdade de imprensa. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L2083compilado.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

BRASIL. *Decreto n. 40.047, de 27 de setembro de 1956*. Altera a redação de dispositivos do Regulamento Geral do Departamento Federal de Segurança Pública, e dá outras providências. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-40047-27-setembro-1956-332996-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

Documentos eclesiásticos

PAULO VI. Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social. 1963. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04121963_inter-mirifica_po.html. Acesso em 08 de outubro de 2018.

PIO XI. Carta encíclica *Divini Illius Magistri*, acerca da educação cristã da juventude. 1929. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri.html. Acesso em 31 de julho de 2018.

PIO XI. Carta encíclica *Casti Connubii*, sobre o casamento cristão. 1930. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/fr/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html Acesso em: 31 de julho de 2018.

PIO XII. *Discours du Pape Pie XII aux participants au Congrès International d'Histopathologie du Système Nerveux*. 14 septembre 1952. Disponível em:

https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19520914_istopatologia.html. Acesso em 31 de julho de 2018. Tradução nossa.

PIO XII. *Discours du pape Pie XII aux participants au Congrès International de Pychothérapie et de Psychologie Clinique*. 13 avril 1953. Disponível em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1953/documents/hf_p-xii_spe_19530413_psicoterapia.html. Acesso em 31 de julho de 2018.

Fontes digitais

Mais uma vez convocados. *Revista HISTEDBR* [online], Campinas, n. especial, ago. 2006, pp. 205-220. Disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc2_22e.pdf. Acesso em 03 de novembro de 2018.

Bibliografia

ABREU, Alzira. "Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50". *In* ABREU, Alzira et al. (orgs.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, pp. 13-59.

ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Deus analisado: os católicos e Freud*. São Paulo: Loyola, 2014.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004, pp. 109-120.

BARROS, Juliana Fernanda de; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Psicanálise e Educação no Brasil a partir de 1950: um estudo histórico. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 22, n. 2, ago. 2017, pp. 370-387.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

BASTOS, Maria Helena Camara et al. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002; GOMES, Angela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. A era das congregações – pensamento social, educação e catolicismo. *Pro-Posições* [online], v. 28, n. 3, 2016, pp. 29-59.

BOMENY, Helena. Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/Anos1950. Acesso em 28 de novembro de 2018.

BORI, Cesare. Oskar Pfister, "pasteur a Zurich" et analyste laïque. *Revue de L'Histoire de la Psychanalyse*, 1990, pp. 129-143.

BOTTMANN, Denise. Curiosidades freudianas (1931-1969). *Belas Infiéis*, Brasília, v. 2, n. 2, 2013, pp. 159-173.

BRAGANÇA, Aníbal. As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: o Instituto Nacional do Livro (1937-1967). *Matrizes*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009, pp. 221-246.

BROOKE, John Hedley. *Science and religion: some historical perspectives*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014, p. 443.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, n. 2, maio-ago. 2002, pp. 273-290.

CARRARA Sérgio; CARVALHO, Marcos. *Meu encontro com os outros: memórias de José de Albuquerque, pioneiro da sexologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

CASTRO, Jorge; LAFUENTE, Enrique; JIMÉNEZ, Belén. The soul of Spain: Spanish scholastic psychology and the making of modern subjectivity (1875-1931). *History of Psychology*, Madrid, v. 12, n. 3, 2009, pp.132-156.

CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do "id primitivo" em "ego civilizado": o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. 231 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

CASTRO, Rafael Dias de. Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, out.-dez. 2015, pp.1451-1465.

Catecismo da Igreja Católica. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

CECCHIN, Cristiane. *Literatura para uma vida em matrimônio: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade*. 224 f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

CHARTIER, Roger. "As práticas de escrita". *In* _____. (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 113-162.

_____. "Do livro à leitura". *In* _____. (org.). *Práticas da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. pp. 77-105.

CHUCAILO, Vanessa Cristina. *"O sexo à luz da verdade e da sciencia": um estudo sobre os discursos de educação sexual e sexualidade no jornal O Comércio de Porto União/SC (1933-1941)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Irati, PR, 2015. p. 63.

CORRÊA, Thomaz Souto. "A era das revistas de consumo". *In* MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 207-210.

COSTA, Bruno Santos Marones. *Educando para a castidade: um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30 (séc. XX***)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 98 f. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo*. Lisboa: Editorial Império, 1957.

DALMOLIN, Aline Roes. *O discurso sobre aborto em revistas católicas: Rainha e Família Cristã (1980-1990)*. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2012.

DAUM, Andreas. Varieties of popular science and the transformations of public knowledge: some historical reflections. *Isis*, v. 100, 2009, pp. 319-332.

DEGANI-CARNEIRO, Felipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, 2014, pp.70-79.

DESMAZIÈRES, Agnès. *L'inconscient au paradis: comment les catholiques ont reçu la psychanalyse (1920-1965)*. Paris: Payot, 2011.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos romances para homens de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, jun. 2007, pp. 285-312.

FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise para brasileiros: história de sua circulação e apropriação no entreguerras. *Culturas Psi* [online], n. 1, 2012, pp. 45-62.

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos Fidélis. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psyché*, São Paulo, v. VII, n. 11, 2003, p. 74.

FERNESSOLE, Pierre. *Pio XII e a educação da juventude*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1966.

FERNGREN, Gary B. (org.). *Science and religion: a historical introduction*. 2ª ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MESQUITA, Claudia. "Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional". *In* PEREIRA, Paulo Roberto (org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 329-368.

FONTE, Eliane Maria Monteiro da. Da institucionalização da loucura à reforma psiquiátrica: as sete vidas da agenda pública em saúde mental no Brasil. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 18, 2013.

FOUCAULT, Michel. "O que é um autor?". *In* _____. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema.* vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. pp. 264-298.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. pp. 69-70.

FREUD, Ernst L. *Cartas entre Freud e Pfister 1909-1939: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. 3ª Ed. Viçosa: Ed. Ultimato, 1998. p. 167.

FREUD, Sigmund. "A questão da análise leiga: conversações com uma Pessoa Imparcial (1926)". *In* _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e*

ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. "Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)". *In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 111-122.

FREUD, Sigmund. "Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1905)". *In _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. pp. 76-150.

FYFE, Aileen. *Science and salvation: evangelical popular science publishing in Victorian Britain*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Arthur Ramos e Durval Marcondes: higiene mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950). *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 128, 2014, pp. 951-966.

GIAMI, Alain. "Une histoire de l'éducation sexuelle en France: une médicalisation progressive de la sexualité (1945–1980)". *Sexologies*, v. 16, n. 3, p. 219-229, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. (org.). *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GOMES, Angela de Castro (org.). "Qual a cor dos anos dourados?". *In _____. O Brasil de JK*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 16.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Marcos. Missionários da 'boa imprensa': a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, 2008, pp. 63-84.

IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Estatística, 1959.

HADDAD, Thomas. Diálogos entre a história da ciência e a história do livro: considerações preliminares. *Circumscribere*, n. 15, 2015, pp. 1-7.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HARRISON, Peter. *The Bible, Protestantism, and the rise of natural science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *The fall of man and the foundations of science*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007.

_____. *Os territórios da ciência e da religião*. Viçosa: Ultimato, 2017.

HOCHMAN, Gilberto. "O Brasil não é só doença": o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, suppl. 1, jul. 2009, pp. 313-331.

JULIEN, Philippe. *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KNORR-CETINA, Karin. "A comunicação na ciência". *In* GIL, Fernando (org.). *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: João Sá da Costa, 1999, pp. 375-393.

KOBAYASHI, Elizabete Mayumy; HOCHMAN, Gilberto. De patológicos a higiênicos: os lares modernos e a imprensa no Brasil pós-Segunda Guerra Mundial. *Interface*, Botucatu, v. 20, n. 59, 2016, pp. 967-979.

KORNIS, Monica. Ação Católica Brasileira (ACB). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-catolica-brasileira-acb. Acesso em 08 de outubro de 2018.

LANTERI-LAURA, Georges. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LIGHTMAN, Bernard. *Victorian popularizers of science: designing Nature for new audiences*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2017.

LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. *God and nature: historical essays on the encounter between Christianity and science*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1986.

LOPES, Caroline Castanhede. *O consultório sentimental de madame Danjou: experiências femininas nas ondas do rádio*. 173 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". *In* PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 111-144. MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCENA, Paula Lili. **"***Nenhum lar sem o lar católico!": discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954-1986).* 355 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2011.

LUSTOSA, Oscar. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

_____. *Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil, 1916-1985*. 1ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. *"Nós, os charlatães": Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944***)**. 137 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

MELLONI, Maria Teresa Saraiva. *O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. 139 f. Dissertação (Mestrado em História

das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOLLIER, Jean-Yves. "La revue dans le système editorial". *In* PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *La Belle Époque des revues, 1880-1914*. Paris: Editions de l'IMEC, 2002. pp. 43-55.

MORANO, Carlos Domínguez. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável - Sigmund Freud e Oskar Pfister*. São Paulo: Loyola, 2008.

NUMBERS, Ronald L. (org.). *Galileo goes to jail: and other myths about science and religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Mensagem apresentada ao Congresso Nacional remetida pelo presidente da República na abertura da Sessão Legislativa de 1958*. Rio de Janeiro, 1958.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Por uma civilização cristã: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965)*. 380 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2008.

PAIVA, Aparecida. *A voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1997.

PASQUALINI, Mauro. Un enigma llamado Agostino Gemelli: catolicismo, fascismo y psicoanálisis en la Italia de entreguerras. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, 2016, pp. 1059-1075.

PEREZ, Luiza Quinet Ramos; MUSSE, Christina Ferraz. *Lar Católico*: a Igreja e a função pedagógica da imprensa. *III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia*. Porto Alegre: Alcar, 2014.

PONTE, Carlos Fidelis. *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil.* 190 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 1999.

RAMALHO, Rosa Maria. "Até que Cristo se forme em vós" (Gl 4,19): o itinerário espiritual de Tiago Alberione. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: v. 5, 2017, pp. 586-595.

REIS, Giselle Volpato dos. *Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920- 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2006.

REIS, José Roberto Franco. "De pequenino é que se torce o pepino": a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar.-jun. 2000, pp.135-157.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, 2003, pp. 147-160.

RIBEIRO, Ivete. Sobre o amor dos cônjuges. Uma análise do discurso católico no século XX. *Síntese*, n. 39, 1987, pp. 63-86.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

ROUDINESCO, Elisabete; PLON, Michael. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUERTEIG, Lutz D. H.; DAVIDSON, Roger (orgs.). *Shaping sexual knowledge: a cultural history of sex education in twentieth century Europe*. London and New Youk: Routledge, 2009.

SECORD, James. Knowledge in transit. *Isis*, v. 95, n. 4, dec. 2004, pp. 654-672.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 231–269.

SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. 245 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2016.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*, n. 55, 2006, pp. 39-59.

TOPHAM, Jonathan. "Rethinking the History of Science Popularization/Popular Science". *In* PAPANELOPOULOU, Faidra; NIETO-GALAN, Agustí; PERDIGUERO, Enrique. *Popularizing science and technology in the European periphery, 1800–2000*. Farnham/Burlington: Ashgate, 2009. pp. 1-20.

TURKLE, Sherry. "Psychoanalysis as popular culture: the perils of popularity". *In* _____. *Psychoanalytic politics: Freud's French Revolution*. London: Free Association Books, 1992. pp. 191–209.

VELIQ, Fabiano. Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de Religião. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Pelotas, v. 46, 2017, pp. 93-104.

VERHOEVEN, Timothy. 'Apostles of Continence': doctors and doctrine of sexual necessity in Progressive-Era America. *Medical History*, v. 61, n. 1, 2017, pp. 89-106.

VIANNA, José Henrique Lobato. *Entre a oração e o trabalho: o estudo de Psicologia no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre 1930 e 1950*. 217 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

WELTON, Stephen. "Science and religion". *In* FERNGREN, Gary B. (org.). *Science and religion: a historical introduction*. 2ª ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017. pp. 3-21.

Apêndice A: Levantamento dos livros indicados aos leitores nas seções de correspondência dos periódicos

1. *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*

ADLER, Alfred. *A ciência de viver*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
COUÈ, Emile. *Auto sugestão consciente*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Minerva, 1954.
ELLIS, Havelock. *Educação sexual*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1933.
FOREL, Auguste. *A questão sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.
FOUQUÉ, Charles. *A mulher e a vida conjugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1952.
GRATIA, L. E. *O acanhamento e a timidez*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
HILL, Napoleon. *A lei do triunfo*. 4 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, [s.d.].
KHAN, Fritz. *O corpo humano*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1940.
_____. *A nossa vida sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951.
MILS, Stuart. *A força de vontade*.
RALPH, J. *Conhece-te pela psicanálise*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
SALVADOR, Humberto. *Freud e o ABC da psicanálise*. Rio de Janeiro: Calvino, 1941.
SILVA, Gastão Pereira da. *A psicanálise em 12 lições*. Rio de Janeiro: Atlântida, 1934.
_____. *Para compreender Freud*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.
_____. *O tabu da virgindade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mundo Latino, 1954.
_____. *Vícios da imaginação*. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
STEKEL, Wilhelm. *A mulher fria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.
VATSIAIANA. *Kamasutra*.
VELDE, Theodoor van de. *O matrimônio perfeito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951.
WELTON, Thurston Scott. *Método moderno da limitação dos filhos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

2. *Lar Católico* e *Família Cristã*

ANCHIETA, Pe. J. *O poema da virgem*. São Paulo: Edições Paulinas, 1954.
ASCH, Sholem. *Maria*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1957.
AUTORIA DESCONHECIDA. *História moderna*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, [s.d.].
AUTORIA DESCONHECIDA. *Manual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Petrópolis: Vozes, [s.d.].
AUTORIA DESCONHECIDA. *Maria, nossa Mãe, nosso modelo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1954.
AUTORIA DESCONHECIDA. *Rainha do lar*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
AUTORIA DESCONHECIDA. *Virtude e distinção*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
AZPIAZU, Joaquín S. J. *Moral profissional e econômica*. Madrid: Editoral Razón y Fé, 1942.
BITTENCOURT, Estevão O. S. B. *Ciência e fé na história dos primórdios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
BOAVENTURA, Frei O. F. M. *Contra a heresia espírita*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1954.
BONFIM, Gil. *Antes que aprendam na rua*. Rio de Janeiro: Livraria Catedral, 1956.
BOULENGER. *Manual de apologética*. 2ª ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1955.

BOULENGER. *Doutrina Católica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.
BRANDÃO, mons. Ascânio. *Novas variações de meu cantinho*. Petrópolis: Vozes, [s.d.].
BRASIL, Pe. Sales. *Literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.
BUCK. *Vosso filho*.
CARNOT, Dr. J. *A serviço do amor*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Catedral, 1955.
CHARMONT, François. *O amor humano*. 2ª ed. Lisboa: União Gráfica, 1948.
CONWAY, Bertrand L. C. S. P. *Caixa de perguntas*.
CURTOIS, pe. Gaston. *Arte de educar as crianças de hoje*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
DEHAEBES, pe. J. *Grande catecismo católico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1956.
DELLY, M. *A fada das flores*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
DESMARAIS, pe. Marcel Marie. *O amor e os cristãos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1954.
Dicionário de Liturgia Romana
FOYER, Pierre. Coleção *Intimidade conjugal*. 4 vols. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1948.
FRANCA, Leonel S. J.. *Imitação de Cristo*. Rio de Janeiro: Agir. 1952.
GAUTIER. *A mãe reza assim...* São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
GUERIN, L. *A missão de Bernadete*. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.
HEREDIA S. P., Pe. *Fraudes espíritas e fenômenos metapsíquicos*. Petrópolis: Vozes, 1953.
JACKSON, W. M. Coleção *Tesouro da juventude*. 18 vols. 1954.
JESUS, Teresinha do Menino. *História de uma alma*. São Paulo: Livraria Salesiana, [s.d.].
JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. São Paulo: Ed. Brasil América Ltda., 1956.
KLOPPENBURG, Boaventura. *A maçonaria no Brasil*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1957.
LACORDAIRE, P. H. *A misericórdia*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
LAMERA, S. *Pequeno e grande ninho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1957.
LECLERC, Tiago. *A vida de Cristo na sua Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
LEHMANN, J. B. *Na luz perpétua*. 2 vol. Juiz de Fora: Typografia do Lar Católico, 1935.
LEOPOLDO, D. D. *Concordância dos Santos Evangelhos*. São Paulo: Livraria Salesiana, 1903.
L'ERMITE, Pierre. *A felicidade é simples*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
_____. *O sorriso voltará*. São Paulo: Edições Paulinas, 1951.
LIBERALI, Mons. Ricardo Domingos O. F. M.. *Horas de combate*. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.
LULA, Mons. Mello. *O problema da dor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1954.
MAZZEL, pe. M. *Amor e felicidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1957.
MERSH S. J. *Amor, casamento, castidade*.
MONT, Monique Levallet. *Palavras à minha filha*. Rio de Janeiro: Agir, [s.d.].
MONTFORD, Luis Maria Grignon de. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. Petrópolis: Vozes, 1953.
MÜLLER, Alberto. *A moral e a vida de negócios*. [s.l.]: Sá, 1954.
NEGROMONTE, mons. Álvaro. *A educação sexual (para pais e educadores)*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
NEGROMONTE, mons. Álvaro. *Noivos e esposos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
NYSTEN, J. *Rumo ao casamento*. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1928.

OLEJAK, Pe. Pierre. *Instrução sobre a castidade (para moços)*. São Paulo: Edições Paulinas, 1954.
OLIVEIRA, Maria Madalena Ribeiro de. Coleção *Caderno de Preparação Individual para o Casamento*. 3 vols. São Paulo: Edições Paulinas, 1961.
PASCH, Pius. *Nos mistérios de Cristo*.
_____. *Para entender a missa*. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Christi, 1954.
_____. *Testemunhas de Cristo*. Trad. Guiomar Gertrudes Olivieri. Salvador: Tip. Beneditina, 1951.
PETIT, Gérard. *A moda*. São Paulo: Edições Paulinas, 1955.
POTTER, Charles Francis. *História das religiões*. [s.l.]: Universitária, 1944.
Regras de etiqueta social.
ROBERTI, Francesco. *Dicionário de teologia moral*.
ROCHA, Martinho da. *Compêndio de pediatria e puericultura*. Rio de Janeiro: Capitólio, 1950.
Romano. *Vão casar?* São Paulo: Paulinas, 1954.
Rosário meditado. São Paulo: Edições Paulinas, 1955.
RUBERT, Pe. A. *A santa dos doentes*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
SALVINI, D. A. *Vida de São Paulo Apóstolo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1947.
SCHMID. *Genoveva*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
Serei noviça e religiosa perfeita. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
SORGATO, Angela. *Sonhos de amor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1955.
_____. *Aurora nupcial*. São Paulo: Edições Paulinas, 1955.
_____. *Para nós dois*. São Paulo: Edições Paulinas, 1956.
_____. Coleção *Aurora do amor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1958.
Vários autores. Coleção *Pensando em casar*. São Paulo: Edições Paulinas, 1955.
Vários autores. Coleção *Vida em Flor*. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.].
WELTON, Thurston Scott. *Método moderno da limitação dos filhos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

Apêndice B: Tabelas quantitativas de *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade*[360]

TABELA 1: Temas abordados nas cartas	TOTAL	%
perversões sexuais	**440**	**43%**
complexo de castração	**142**	**14%**
impotência	**103**	**10%**
virgindade (defloramento, hímen)	**87**	**8%**
fimose	**51**	**5%**
frieza sexual	**42**	**4%**
gravidez e contracepção	**40**	**4%**
timidez	**36**	**4%**
casamento	**34**	**3%**
ejaculação precoce	**26**	**3%**
infância	**26**	**3%**
distúrbios glândulares/hormônios	**23**	**2%**
doenças venéreas (sífilis, gonorreia)	**23**	**2%**
esgotamento nervoso	**15**	**1%**
complexo de Édipo	**15**	**1%**
prostituição	**13**	**1%**
polução noturna/espermatorreia	**6**	**1%**
coito interrompido	**4**	**0,6%**
varicocele	**3**	**0,3%**
Total de ocorrências	**1129**	**110,4%**

TABELA 1.1: Perversões sexuais	TOTAL	%
masturbação (onanismo/vício solitário)	**220**	**50%**
homossexualidade (homossexualismo, inversão sexual, lesbismo, safismo, tribadismo, pederastia)	**164**	**37%**
sodomia	**14**	**3%**
exibicionismo	**11**	**3%**
pedofilia	**6**	**1%**
fobias (coitofobia, ginofobia, ereutofobia, fobia de pegar doenças)	**6**	**1%**
sadismo	**5**	**1%**
incesto	**4**	**1%**
pederastia	**4**	**1%**
masoquismo	**3**	**1%**
fetichismo	**3**	**1%**
Total de ocorrências	**440**	**100%**

[360] Informações extraídas das seções de correspondências com os leitores "Confidências", de *Seleções Sexuais* e "Consultório (clínica sexual)", de *Ciência & Sexualidade*, que somam um total de 1180 textos. Sobre as discrepâncias entre o total de textos e o total de ocorrências em ambas as tabelas se explica pelo fato de que muitos temas estavam presentes em mais de uma correspondência (tabela 1). Já no que diz respeito aos conselhos (tabela 2), muitas vezes as respostas dadas eram apenas "sim" ou "não".

TABELA 2: Diagnósticos e conselhos dados	TOTAL	%
consultar um médico especialista	**247**	**27%**
ler/instruir-se nos assuntos sexuais	**162**	**17%**
abandonar o vício e educar a vontade	**153**	**17%**
relacionar-se com mulheres, casar	**97**	**10%**
tratamento psicanalítico ou autoanálise	**85**	**9%**
fazer exame médico ou cirurgia	**51**	**3%**
tonificar o sistema nervoso	**23**	**2%**
praticar esportes e ter vida ao ar livre	**16**	**2%**
estudar/trabalhar	**13**	**1%**
ter boa alimentação	**11**	**1%**
"confessar" a alma a alguém	**5**	**1%**
não dar asas à imaginação; não se preocupar	**14**	**2%**
sublimar os instintos sexuais	**7**	**1%**
normalizar as relações sexuais	**29**	**3%**
combater timidez	**6**	**1%**
Total de ocorrências	**919**	**100%**

TABELA 2.1: Especialidades médicas	TOTAL	%
não especificado	**89**	**36%**
psicanalista	**66**	**27%**
urologista	**19**	**8%**
psiquiatra	**13**	**5%**
neurologista/"especialista em doenças nervosas"	**10**	**4%**
ginecologista	**9**	**4%**
endocrinologista/"especialista em glândulas de secreção interna"	**7**	**3%**
psicólogo	**4**	**2%**
sexólogo	**4**	**2%**
biotipologista	**1**	**0,4%**
dermatologista	**1**	**0,4%**
Total de ocorrências	**247**	**100%**

Apêndice C: Tabelas quantitativas de *Lar Católico* e *Família Cristã*[361]

TABELA 1: Temas abordados nas cartas	TOTAL	%
leitura (reembolso postal, cotação de livros)	**226**	**25%**
doutrina católica	**195**	**21%**
namoro	**140**	**15%**
casamento	**112**	**12%**
pecado	**84**	**9%**
vida religiosa (vocação, convento, celibato)	**84**	**9%**
direção espiritual	**48**	**5,3%**
castidade (virgindade, noite de núpcias, pureza, intimidade, pudor, modéstia)	**40**	**4%**
família	**27**	**3%**
estudos e trabalho	**27**	**3%**
outras religiões (protestantismo, espiritismo)	**16**	**1,8%**
maternidade e educação dos filhos	**15**	**2%**
saúde/doença	**12**	**1%**
educação sexual	**8**	**1%**
gravidez e contracepção (aborto, esterilização, Ogino Knaus)	**8**	**1%**
timidez	**5**	**1%**
divórcio (desquite, segunda união)	**8**	**1%**
Total de ocorrências	**912**	**115,8%**

TABELA 2: Conselhos dados pelos mediadores aos consulentes	TOTAL	%
ler	**127**	**36%**
consultar um confessor	**52**	**15%**
rezar; confiar em Deus e em Nossa Senhora	**35**	**10%**
consultar um médico	**21**	**6%**
estudar; trabalhar	**18**	**5%**
obedecer os pais	**17**	**4,8%**
terminar namoro ou noivado; dar uma pausa na vida sentimental	**15**	**4,3%**
ser prudente; evitar situações de pecado	**13**	**4%**
não ler certos livros	**12**	**3,4%**
estudar as intenções do pretendente	**10**	**3%**
arrumar uma ocupação (participar da Ação Católica, pastorais, obras sociais)	**10**	**3%**
casar	**10**	**2,8%**
ter boas convivências	**8**	**2%**
sublimar os instintos	**3**	**0,9%**
Total de ocorrências	**352**	**100%**

[361] As respostas publicadas nas seções de correspondências "Intercâmbio com as leitoras", publicada no suplemento feminino "Página Feminina", de *Lar Católico* e "Confie-me seu problema", de *Família Cristã*, somam um total de 993 textos. Sobre as discrepâncias entre o total de textos e o total de ocorrências, ver justificativa da nota de rodapé anterior.

Apêndice D: Tabela comparativa do perfil do público leitor das revistas ilustradas e dos impressos católicos

sexo	revistas ilustradas	impressos católicos
não inform.	7%	8%
homem	79%	17%
mulher	14%	74%
TOTAL	**100%**	**100%**

faixa etária	revistas ilustradas	impressos católicos
não inform.	92%	93%
10 a 19 anos	3%	3%
20 a 29 anos	3%	2%
30 a 39 anos	1%	0%
40 a 49 anos	1%	0,6%
50 ou mais	0,1%	0,1%
TOTAL	**100%**	**100%**

estado conjugal	revistas ilustradas	impressos católicos
não inform.	88%	83%
solteiros	8%	15%
casados	4%	2%
separados, desquitados, divorciados	0,1%	0%
viúvos	0,3%	0,2%
TOTAL	**100%**	**100%**

localidade	revistas ilustradas	impressos católicos
não inform.	39%	89%
Sul (PR, SC, RS)	4%	2%
Sudeste (RJ, SP, MG, ES)	50%	9%
Centro-Oeste (GO, MT, MS)	1%	0,1%
Nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PI, PE, RN, SE)	6%	0%
Norte (AC, AM, RR, RO, PA, AP, TO)	0,2%	0%
TOTAL	**100%**	**100%**

Apêndice E: Capas dos impressos

Imagem 1 – *SS*, n. 27, 1954, capa. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

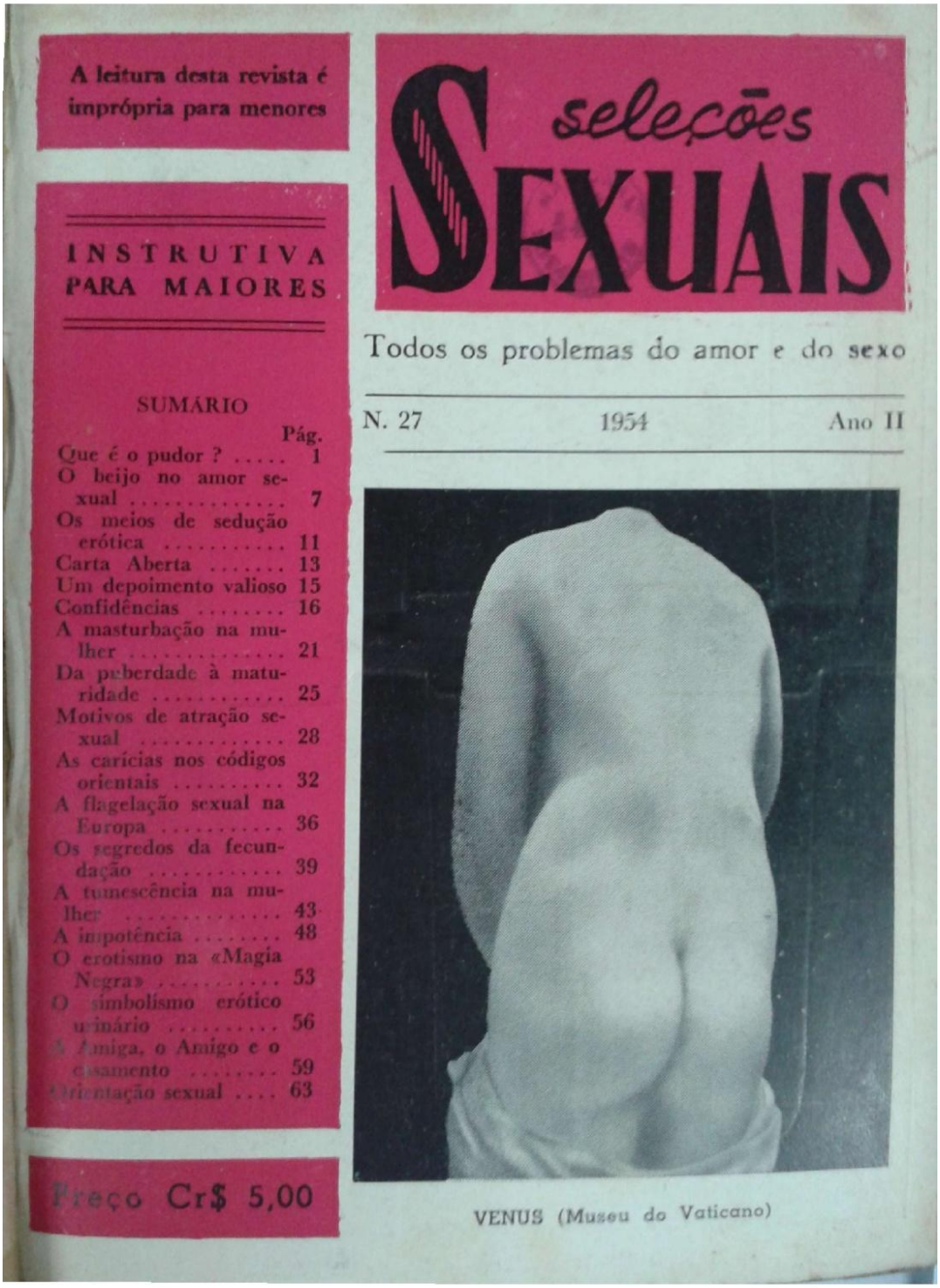

Imagem 2 – *C&S*, n. 8, capa. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

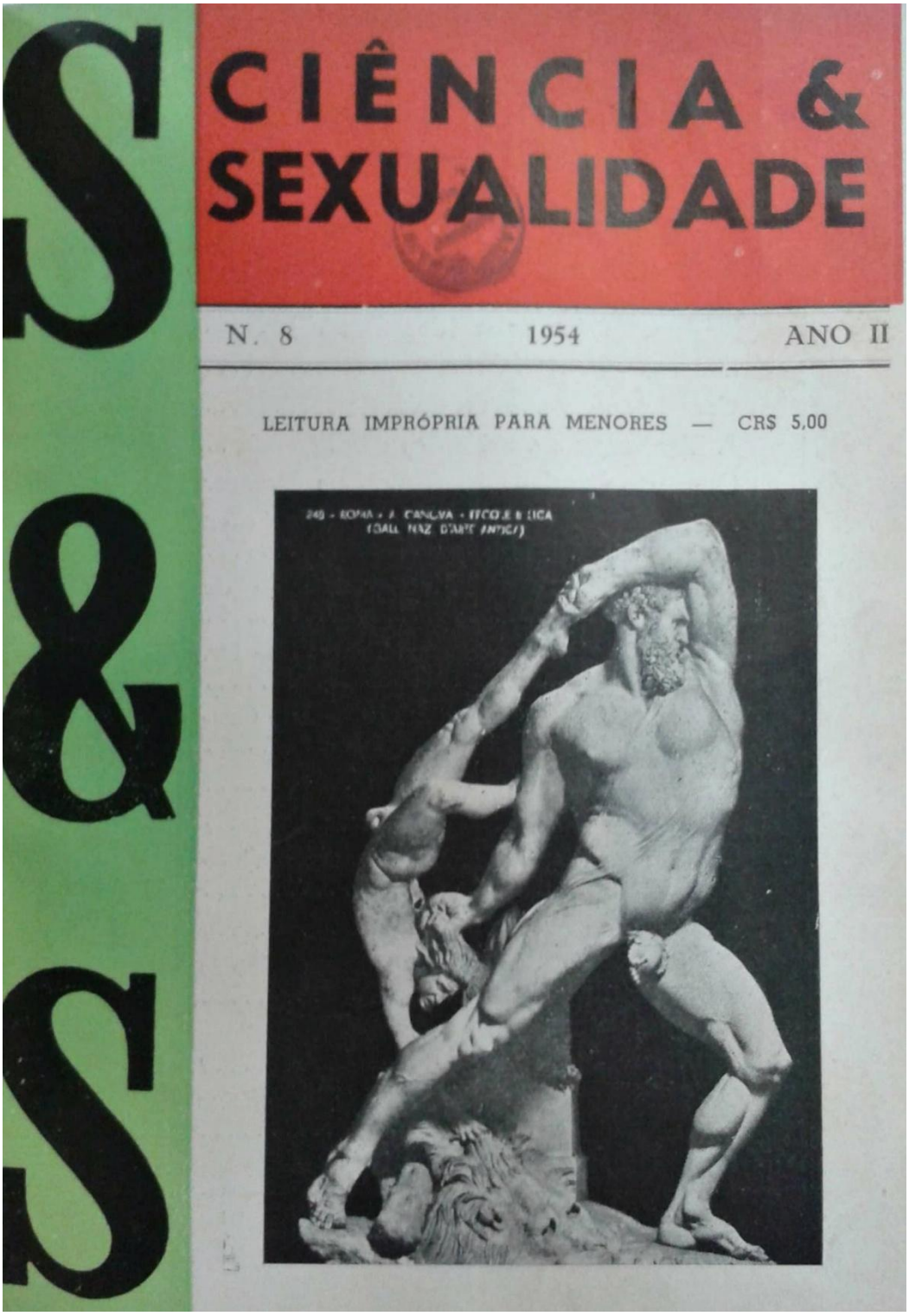

Imagem 3 – Página Feminina. *LC*, n. 48, 1955, p. 3. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional (hemeroteca digital).

Página Feminina

Maria, modêlo para o tempo do Advento: circunspecção e espectativa

Para Lucília

Deisa Anita

Aproxima-se para nós o Advento. Como você sabe naturalmente, visando relembrar-nos ainda a história do Messias prometido, torna-se o Advento um tempo de desejos, de aspirações e de espectativa. As quatro semanas simbolizam os quatro mil anos de ansiosa espectativa dos judeus pelo Messias. Três pessoas simbolizando três idéias monopolizam as atenções da liturgia. Isaias, príncipe dos profetas, é intérprete do Antigo Testamento simbolizando os desejos ardentes do povo judeu; João Batista é o precursor que Deus enviou na plenitude dos tempos para anunciar a vinda próxima do Messias, pregando **Penitência:** e N. Senhora, o templo sagrado que Deus preparou para vinda do Salvador, simbolizando a nossa união com Deus.

Isaias, com suas ardentes súplicas pela vinda do Messias, as mais belas do antigo Testamento e que a Igreja fêz suas na liturgia do Advento, é bem o modêlo das ardentes aspirações e santos desejos que devemos alimentar nesse tempo pela vinda de Jesus à nossa alma pela graça. S. João Batista, embora a premeira vista pudesse parecer deslocado na liturgia dêste tempo, sob pretexto de que êle não veio preparar o nascimento e sim a vida pública do Salvador, não podia estar mais apropriado. Sua vida, sua pessoa, sua palavra são bem uma preparação para a vinda de Cristo. Êle foi escolhido por Deus para ser o arauto de sua 1.ª vinda. Pregando a **penitência** está-nos êle sugerindo a necessidade da penitência para a vinda espiritual de Cristo em nossos corações. O pecado é o maior obstáculo, daí a necessidade da contrição e da penitência purificadora, para infusão da graça na alma.

Como fazem bem os convites do Batista à conversão e à renovação espiritual de nossas vidas!

Maria Santíssima é o templo riquíssimo da graça, destinado por Deus para abrigar o Desejado das Nações. Que símbolo sublime é ela para nós! Como um arquiteto planeja a sua catedral no intelecto e no coração assim Deus a Sabedoria eterna, planejou e construiu com infinito amor — Maria — Catedral viva em cujo santuário Êle seria abrigado, jùbilo indizível o Espírito Santo — o amor a alegria de Deus — reservou tôdas as preciosidades da graça e virtudes para o coração de sua Espôsa. Então, Deus Pai, como no princípio, em meio as trevas e tumultuar das ondas esclamou: "Faça-se a luz" — e a luz chegou em milhões de raios argênteos e luminosos; também assim Êle falou na noite do pecado e da miséria dos homens: "Faça-se Maria". — E Ela a Imaculada, surgiu em formusura tal, verdadeira árvore cristã, cujo fruto deveria ser Jesus nosso Redentor.

Ela, recebendo do próprio Deus a fecundação, concebe, forma e abriga durante nove mêses em seu seio o Redentor. Este formosíssimo sacrário vivo de Deus bem que nos ensina que também nós fomos destinados a ser moradas do Altíssimo. — Que símbolo sublime é Ela para nós. — Não é êste o sentido mais profundo do Advento?

SENHOR!...

No silêncio dêste dia que amanhece, venho pedir-Te a paz, a sabedoria, a fôrça.

Quero olhar hoje o mundo com olhos cheios de amor; ser paciente; compreensivo, manso e prudente; ver além das aparências teus filhos como Tu mesmo os vês, e assim não ver senão o bem em cada um.

Cerra meus ouvidos a tôda calúnia.

Guarda minha língua de tôda maldade.

Que só de bençãos se encha meu espírito.

Que eu seja tão bondoso e alegre, que todos quantos se achegarem de mim sintam tua presença.

Reveste-me de tua beleza, Senhor, e que no decurso dêste dia, eu Te revele a todos.

Crônica Familiar

Os Enigmas da Alma da Mulher

Dra. Gina Lombroso
(Materialista)

Um presente não é para a mulher um simples objeto que ela possui sem haver comprado, sem fazer despesas, mas um objeto que contém uma quantidade de sentimentos, que exprime e simboliza uma quantidade de emoções, ou pelo menos, ela imagina que no presente tôdas essas cousas estão contidas. E é porque para ela um objeto pode cristalizar tantos sentimentos diversos, que o presente lhe faz tanto prazer. E é por isso que a mulher aprecia o presente de objetos e não de dinheiro, porque ela não quer ser paga materialmente, ela quer alguma cousa que represente um pensamento que sintetize o amor, o reconhecimento do doador; ela quer que o presente lhe prove que ela foi compreendida, que seus desejos são desejos para os outros, que ela vive nêles, mesmo quando ausente.

Em todos os países os costumes locais, a tradição, ratificaram, em certo sentido, êsse sentimento: em todos os países a mulher é conquistada pelos presentes. Os presentes são um rito entre os noivos. O colar, o vestido, a jóia que o noivo dá à noiva têm para ela tanto valor, porque são provas, talvez ilusórias, do interêsse que êle toma por sua beleza, por seu semblante, porque ela pode tornar vivos êsses objetos, amá-los, mostrá-los, concentrar nêles tôda a afeição que ela tem pelo doador, ver nêles mil mistérios, misteriosas provas de atenção e de amor, mesmo imaginários, o que ela não pode fazer com o dinheiro. Aliás, isto é um meio de extirpar um pouco o egoísmo masculino, obrigando o homem a pensar nas necessidades, nos desejos daquela que êle ama, para cristalizá-los em um objeto: é uma maneira de fazê-lo sentir que neste mundo existem outras cousas além do interêsse vulgar.

INTERCÂMBIO COM AS LEITORAS

Maria Madalena Ribeiro de Oliveira

MARGARET TRISTONHA

RESPOSTA

Como pede, sua carta não será publicada. Como já tem tempo suficiente de namôro, você mesma pode conversar sèriamente com o rapaz, indagando de suas intenções para com você. Se achar dificuldade, peça a seu confessor que faça isso e, conforme as intenções do moço, converse também com seu papai. O bom entendimento é um bem imenso e a Escritura diz que devemos procurar a Paz e persegui-la. Veja, pois, se consegue as boas graças de seu pai. Nunca falte ao respeito que lhe deve.

Quanto ao rapaz ser pobre, se tiver um ganho certo, que dê para manter uma família em condições razoàvelmente humanas, não tem importância. Quanto a ter tido um pai que deu mau exemplo, resta saber se êle se deixou influenciar por essa má influência ou se, pelo contrário, sofreu com a atitude do pai, reprovou-a ou foi a tal influência contrabalançada pelo exemplo da mãe. Não precipite sua decisão. Considere com calma as observações de seu pai e, sobretudo, sinta, no meio de suas asperezas, o bem que lhe quer.

MARILIA DE DIRCEU

Apesar da diferença da idade, pode dar certo um casamento, à condição que o rapaz, apesar de mais moço, tenha amadurecido suficiente e que a moça, apesar de bem mais velha, tenha bastante juventude de alma. Quanto à diferença de instrução é um obstáculo maior. Uma pessoa sem grande instrução pode ter, no entanto, uma certa cultura que consiste em possuir boa dose de tradições e amor às cousas do espírito. Havendo igualdade de cultura, apesar de não haver igualdade de instrução, as uniões não sofrerão tanto, pois haverá um encontro no mesmo grau de cultura. A cultura vale mais do que a instrução. O que é mais perfeito pode abaixar o menos perfeito... Creio que o que mais lhe impressiona é a diferença de idade. No entanto, pode ficar certa que, na hierarquia de valores, a combinação da idade não é tão importante assim. Temos verificado casamentos muito felizes sendo o marido mais moço. São muito mais importantes do que a idade, o elo de um ideal religioso, a igualdade de educação... Procure ver as cousas serenamente, mesmo que fira sua vaidade mulher. A simpatia e o encanto são valores maiores do que o que vulgarmente chamamos beleza. Não se chame de fria, se possui simpatia e êsse encanto espiritual que os franceses chamam de "charme". Mas não se case simplesmente por ter medo de ficar solteira. Se tiver real vocação para o matrimônio, tenha confiança em Deus que Êle lhe mandará os meios de realizá-la. Seja amável, tenha boas convivências e tenha confiança em si mesma. Achei você um pouco deprimida. Será que me enganei?

ODILON DE SOUZA COELHO

Vou responder-lhe como a um filho...

De fato, dezenove anos é muito pouca idade para um rapaz pedir em casamento a uma moça. E' tempo de cuidar de estudar, de se preparar materiai e espiritualmente para as responsabilidades que esperam um homem casado. Há um ditado que diz: "Quem não engatinha em criança, engatinha depois de velho". Um rapaz que se case muito criança corre o risco de, chegando a idade, ainda não se tenha amadurecido suficientemente e faça atos de um irresponsável, simplesmente porque teve um amadurecimento forçado e não orgânico. Lembre-se do exemplo da árvore que tanto gosto de citar — A árvore resiste a todos os apêlos da primavera até que esteja bastante desenvolvida para dar flôres e frutos. — Faça como a árvore. Cresça orgânicamente. Se antes do senhor se ter tornado um homem, na verdadeira significação do têrmo, verificou ter brotado em seu coração um vivo amor, não só não peça a moça em casamento, como evite tôda e qualquer manifestação amorosa. Sabendo quenão está amadurecido para o amor, só uma atitude interna e externa de perfeita discrição lhe permitirá guardar do amor uma visão pura e grandiosa. Tendo protegido seu amôr de tôda manifestação extemporânea, não só nada fará de mal, mas, antes, sua personalidade se afirmará e se completará. Nos momentos em que o impulso vital surgir (sem se perturbar com um apêlo que é normal) faça surgir diante dos olhos de sua imaginação o semblante de seus futuros filhos. Assim, conjurará mais fàcilmente o que houver de perturbador na arremêsso de um impulso cego. E, na verdade, crie a que já se trata de seus filhos. São êles que o chamam e Deus. nêles. E êle que desde muito cêdo, sôbre o aspecto fecalizado, sua paternidade pode exercer-se. Por amor dos filhos futuros, guardando-se intacto, por isso mesmo o Senhor, irá acumulando riquezas espirituais para sua futura descendência.

MODELOS GRACIOSOS PARA VOCÊ

Imagem 4 – *FC*, nov. 1954, capa. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

Anexo 1: Coleções e bibliotecas de educação sexual[362]

Agir

Coleção Família

- *Como educar pais e filhos?*, de André Berge
- *A educação sexual e afetiva*, de André Berge
- *Adolescência, idade da aventura*, de Alceu Amoroso Lima
- *Defeitos das crianças*, de André Berge
- *Educar pela recreação*, de Maria Junqueira Schmidt
- *O guia dos pais*, de Isambert e outros
- *Claro-escuro*, de Gustavo Corção

Calvino

Coleções Estudos Sexuais, Biblioteca de Divulgação Sexual, e Freud ao Alcance de Todos

- *A mulher no regime proletário* (1934), de Gastão Pereira da Silva
- *Educação sexual* (1934), de José de Albuquerque
- *A questão sexual pelo mundo: descrição de costumes sexuais através da história dos povos* (1940), de Magnus Hirchfeld
- *Psicanálise da guerra* (1941), de Freud

Coleção Cultura Sexual

- *Biologia da mulher* (9ª ed), Dr. Franciso Haro
- *Concepção e métodos anticoncepcionais*, Drs. J. M. Otaola e F. Hato
- *A questão sexual pelo mundo, Prof. Magnus Hirschfeld*
- *A tragédia biológica da mulher* (5ª ed.), Prof. A. W. Nemilow
- *A perfeição sexual no matrimônio*, Dr. Herbert Leitd
- *O corpo e o amor* (1940), Prof. Magnus Hirschfeld
- *A alma e o amor* (1940), Prof. Magnus Hirschfeld
- *O sexo através dos séculos* (1941), Havelock Ellis, Bruffault, e outros
- *O sexo na conduta humana*, Roback, Jastrow e outros
- *O sexo na educação* (1941), de Harry Elmer Barnes e V. F. Calverton
- *O sexo e a psicanálise*, Fritz Wittels e outros
- *Aspectos clínicos do sexo*, Margarita Sanger e outros
- *O amor na série animal*, Curt Thesing
- *A tragédia sexual da juventude*, Wilhelm Liepmann
- *Fisiologia da vida sexual*, Dr. Otto Schwartz
- *O amor e o matrimônio*, L. Fridland
- *A vida sexual dos macacos*, S. Zuckermann
- *O despertar da sexualidade*, Dr. Roberto Jahr
- *Fisiologia do prazer*, Dr. Smolensky

[362] As informações sobre as coleções e bibliotecas das editoras Civilização Brasileira, Companhia Editora Nacional, Calvino, Guanabara-Koogan, José Olympio e Freitas Bastos foram extraídos de CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, n. 2, maio-ago. 2002, pp, 273-290.

- *A educação sexual*, de Dr. Jean Marestan

Civilização Brasileira

Biblioteca de Educação Sexual

- *Catecismo de educação sexual* (1940), de José de Albuquerque

Biblioteca de Estudos Psicossexuais[363]

- *A questão sexual* (1920), de Auguste Forel
- *Maternidade Amorosa* (1950), de Charles Fouqué
- *O amor e a ciência* (1950), Charles Fouqué
- *Homossexualismo* (1950), de Charles Fouqué
- *O ato essencial* (1950), de Charles Fouqué
- *Ensaio sobre o Amor* (1950), de Charles Fouqué
- *Esposa e amante* (1951), de Charles Fouqué
- *A vida sexual do jovem* (1951), de Charles Fouqué
- *Nós dois e o sexo* (1951), de Charles Fouqué
- *A mulher e a vida conjugal* (1952*)*, de Charles Fouqué
- *O amor negro* (1953), de Charles Fouqué
- *A mulher nua diante do artista, do médico e do homem* (1954), Charles Fouqué
- *Amor e virgindade* (1958), de Charles Fouqué
- *Os sentidos e o sexo* (1958), de Charles Fouqué

Companhia Editora Nacional

Coleção Estudos de Psicologia Sexual

- *A questão sexual* (1920), de Auguste Forel
- *Psicopatologia da sexualidade* (1947), de Hernani de Irajá
- *Matrimônio perfeito – estudo de sua fisiologia e de sua técnica* (1933), de Van de Velde
- *A inversão sexual*, de Havelock Ellis
- *A educação sexual*, de Havelock Ellis
- *O instinto sexual*, de Havelock Ellis
- *A seleção sexual no homem*, de Havelock Ellis
- *O pudor, a periodicidade sexual, o auto-erotismo*, de Havelock Ellis
- *Married love* (1918), Mary Stopes
- *Eugenia, seus propósitos, suas bases, seus meios, em cinco lições* (1933), de Octavio Domingues
- *A research in marriage* (1936), de Gilbert Van Tassel Hamilton
- *Lições de eugenia e Hereditariedade e eugenia* (1936), Octavio Domingues
- *Para compreender Freud* (1937), de Gastão Pereira da Silva
- *A aversão ao casamento* (1937), de Van de Velde
- *A nossa vida sexual* (1940), de Fritz Khan
- *A mulher fria* (1940), de Wilhem Stekel

[363] Levantamento extraído de CECCHIN, Cristiane. *Literatura para uma vida em matrimônio: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

Flores e Mano

Biblioteca de Cultura Médico-Psicológica

- *O meu e o teu: forças psicológicas*, Antônio Austregésilo
- *A psychanalise e suas aplicações clínicas*, Carneiro Ayrosa
- *Criminologia e psicanálise*, Júlio Porto-Carrero
- *Ensaios de psicanálise*, Júlio Porto-Carrero
- *Psychanalise da alma coletiva*, Neves-Manta

Freitas Bastos

Coleção Cultura Sexual

- *Higiene sexual* (1929), de José de Albuquerque
- *A educação sexual* (1930), Jean Marestan
- *Sexualidade e amor* (1930), de Hernani de Irajá;
- *Psychoses do amor, estudos sobre as alterações do instinto sexual* (1931), de Hernani de Irajá
- *Morphologia da mulher – a plástica feminina no Brasil* (1931), de Hernani de Irajá
- *Os delitos contra a honra da mulher* (1932), de Francisco José Viveiros de Castro
- *Psicopatologia da sexualidade* (1933), de Hernani de Irajá
- *Tratamento dos males sexuais* (1933), de Hernani de Irajá
- *Sexualidade perfeita* (1933), de Hernani de Irajá
- *O perigo venéreo na paz na guerra e no após guerra* (1941), de José de Albuquerque

Guanabara-Koogan

Biblioteca de Cultura Científica

- *Totem e tabu*, de Sigmund Freud
- *O futuro de uma ilusão*, de Sigmund Freud
- *Introdução à psicanálise*, de Sigmund Freud

Biblioteca Brasileira de Medicina Legal

- *Sexologia forense* (1934), de Afrânio Peixoto
- *A inversão dos sexos* (1935), de Estácio de Lima

José Olympio

Coleção A Ciência Hoje

- *A psicologia profunda ou psicanálise* (1932), de Porto-Carrero
- *Psicanálise de uma civilização* (1932), de Porto-Carrero
- *Sexo e cultura (ensaios de psicanalise)* (1932), de Porto-Carrero
- *Psychiatria e psychanalise*, de Arthur Ramos
- *Freud, Adler, Jung... (ensaios de psychanalise ortodoxa e herética)*, de Arthur Ramos
- *Psychoterapia conceito atual: teoria e prática* (1933), de Maurício de Medeiros

- *Sexo e civilização: novas diretrizes*, de Renato Kehl
- *A neurastenia sexual e seu tratamento* (1928), de Antonio Austregésilo
- *Higiene geral* (1930), de Afrânio Peixoto
- *Homossexualismo e endocrinologia* (1938), de Leonídio Ribeiro
- *Conheça-te pela psicanálise* (1932), de J. Ralph
- *Você e a hereditariedade* (1943), de Amran Scheinfeld
- *Você e a sexualidade, mulheres e homens* (1948), de Amran Scheinfeld
- *O sexo na vida diária* (1949), de Edward F. Griffith
- *Educação dos pais* (1936), de Wilhem Stekel

Obras Educativas

- *Vícios da imaginação, meios de corrigi-los* (1939), de Gastão Pereira da Silva
- *Como se interpretam os sonhos* (1943), de Gastão Pereira da Silva
- *Como se pratica a psicanálise* (1948), de Gastão Pereira da Silva